Krishnamurti

O DESCOBRIMENTO DO AMOR

Cultrix

Krishnamurti O DESCOBRIMENTO DO AMOR

KRISHNAMURTI

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia do Sul em 1895 e foi educado na Inglaterra. Embora não tenha ligações com nenhuma organização filosófico-religiosa nem se apresente com títulos universitários, vem fazendo conferências para grupos de líderes intelectuais nas maiores cidades do mundo, há já várias dezenas de anos.

Além dos volumes editados pela Cultrix, grande número de publicações, de palestras e conferências suas, foram lançadas em português, com êxito igual ao obtido quando publicadas em espanhol, francês, alemão, holandês, finlandês e vários outros idiomas, além do original inglês.

SUMÁRIO

OS PROBLEMAS HUMANOS

(PARIS I)

PERMITI-ME sugerir que, após esta breve palestra, tenhais a bondade de fazer-me perguntas, para esclarecermos melhor as questões que irei examinar. Compreendo bem o francês e, por conseguinte, podeis fazer vossas perguntas em francês; entretanto, como não o falo perfeitamente, terei de responder em inglês — caso desejeis fazer-me perguntas após este preâmbulo.

É bem evidente que percorremos a vida criando problemas, que nunca são resolvidos; pois, ao vermos quão difíceis, complicados, sutis, eles são, tratamos de evitá-los de todas as maneiras possíveis — por meio da religião, da bebida, do sexo, e de inúmeras outras maneiras inventadas pelo homem; temos uma verdadeira rede [1] de vias de fuga. E a menos que, psicologicamente, resolvamos todos os nossos problemas, nossa mente permanecerá confusa, num estado de aflição, perenemente atormentada pela incerteza e pelo desejo de certeza, estabilidade, segurança. Torna-se, pois, necessário resolvermos os nossos problemas humanos.

Temos problemas econômicos, sociais, emocionais, intelectuais e religiosos. Vivemos em compartimentos diferentes, separados, e cada separação, cada segmento, cada fragmento tem seu peculiar problema ou problemas; e tais problemas, oriundos dos diferentes fragmentos da mente, se acham, naturalmente, em contradição entre si. Todo indivíduo deseja preencher-se intelectualmente, tornar-se escritor famoso, artista fa-

(1) *Rede*, no sentido de "rede ferroviária", "rede rodoviária" (trata-se de vias de fuga).

moso — preencher-se de uma ou de outra maneira na vida. E essa ânsia de preenchimento contradiz outros modos de existência. Vendo-nos incertos, buscamos a certeza, a permanência; desejamos compreender a imortalidade, enquanto nos vamos tornando velhos e definhando emocional, psicológica e fisicamente.

Nessas condições, em toda a nossa vida — embora gozemos boa situação financeira e, mesmo, mantenhamos relações satisfatórias uns com os outros — em toda a nossa vida temos problemas. E, se não resolvermos esses problemas totalmente — e isso é possível — não importa que sejamos muito talentosos, muito brilhantes em nossos raciocínios, muito competentes — eles nos devorarão a mente e o coração. E que possibilidade tem um ente humano que vive neste mundo sem o evitar, sem refugiar-se num mosteiro, em alguma fantasia mitológica, alguma crença, dogma ou ritual, em visões ilusórias, extravagantes — que possibilidade tem esse ente humano de varrer de sua mente todos os problemas, tornando-a vigorosa, juvenil, INOCENTE?

Ora, para compreender-se o que estamos dizendo é necessário escutar; e esta é uma das coisas mais difíceis do mundo: *escutar*. É uma arte. Porque, em verdade, nunca escutamos. Não estais escutando realmente o que se está dizendo. Na realidade, tendes vossas opiniões, juízos, avaliações, conclusões; e tendes certas idéias a respeito da reputação do orador. Ficais, assim, numa atitude de expectativa, a qual, com efeito, vos impede de escutar realmente, atuando como uma cortina que não vos permite escutar com toda a intensidade. Só quando escutais sem tensão ou esforço, sem concordar ou discordar, porém observando e vendo o fato e a respeito dele não deixando interferir vossa opinião, vossas conclusões e conceitos intelectuais, vossas fórmulas — só então, parece-me, podeis escutar realmente, com toda a calma e facilidade, penetrar o que se está dizendo e descobrir se é verdadeiro ou falso. E esta se me afigura uma das coisas mais importantes, quando desejamos pôr-nos em comunicação uns com os outros. Porque, é bem de ver, aqui nos achamos — vós e eu — com o fim de nos comunicarmos, de comungarmos. Não viestes para ouvir minha palestra e sair daqui corcordando ou discordando, contrapondo vossas opiniões, refutações, etc., etc. Aqui estamos com o fim de entrar em comunhão a respeito do extraordinário problema da vida; e, para esse efeito, não só tere-

mos de empregar palavras, mas também de compreender a significação das palavras, cientes de que a palavra não é, *nunca* é, a coisa; e, também, enquanto escutais, deveis conhecer ou perceber os vossos preconceitos, vossas impugnações, vosso desejo de vantagens, vossos embustes, enfim toda a estrutura psicológica com a qual escutais.

É, pois, uma verdadeira arte, e talvez das mais difíceis, não só observar, escutar, mas também *aprender*. Aprender é coisa bem diferente de saber. É facílimo acumular conhecimentos, reunir informações, armazená-las, mediante a experiência, leituras, reações, etc., e, depois, como em geral o fazemos, atuar de acordo com esse conhecimento acumulado. Mas, *aprender* é muito diferente disso; porque o que foi *aprendido* está no passado e já se tornou conhecimento. *Aprender* é um processo constante, um movimento isento de acumulação de qualquer espécie. Em regra, consideramos um dado problema através do que já sabemos, com as nossas acumulações, nossos conhecimentos, nossas lembranças, nossa experiência, nossos condicionamentos, e isso nos impede de aprender a respeito do problema.

Aprender é um ato — ato do presente ativo. É o verbo *aprender* — um movimento. Mas, o que *foi aprendido* já se tornou uma coisa estática. Se, portanto, pudermos escutar do mesmo modo, não só o que o orador diz mas todas as coisas da vida — todas as insinuações de nossos próprios desejos e impulsos, de nossas secretas ânsias; escutar os outros — o marido, o filho, a esposa, o vizinho, para que a mente se torne penetrante, lúcida, interessada unicamente em fatos e não em opiniões e preconceitos emocionais — desse modo talvez cheguemos a compreender os problemas altamente complexos que a vida encerra.

Vivemos em fragmentos. Há o fragmento chamado "vida espiritual", o fragmento que é o intelecto, o fragmento que são as emoções, o fragmento dos sentidos físicos. Acha-se, pois, a mente dividida em vários fragmentos, cada um deles encerrado num compartimento estanque e muito escassamente em relação com os outros. Por isso, existe entre eles um perene conflito, o qual procuramos evitar mediante fuga. Mas, para podermos compreender um fato, devemos encará-lo, entrar imediata e diretamente em contato com ele. Mas nós não entramos em relação com o fato, porque ou cuidamos de analisá-lo ou de evitá-lo, ou de descobrir a sua causa; ou, ainda,

se nada disso fazemos, dele fugimos completamente e ficamos vivendo uma vida superficial, satisfazendo-nos com coisas insignificantes, com a vida burguesa que leva a maioria de nós.

Trata-se, pois, de saber se é possível entrar diretamente em contato com um problema. Entrando em direto contato com um fato — *direto contato* — talvez possais perceber o seu pleno significado. Porém, nunca entramos em contato direto com coisa alguma a não ser fisicamente, sensorialmente. Toco este microfone, e isto é um contato direto. Nada, nenhuma conclusão verbal existe, impedindo-me de entrar em contato diretamente com ele. Mas é muito difícil entrar, dessa maneira direta, em contato ou comunhão comigo mesmo, com todos os problemas que um ente humano tem; por conseguinte, os problemas não só crescem e se multiplicam, mas também se enraízam na mente, e a mente, dessarte, fica sendo o terreno em que todos os problemas, desde a infância até agora, continuam existentes.

Notai, por favor, que não estais apenas ouvindo-me dizer uma porção de palavras, pois isso seria completamente inútil. Estais, decerto, ouvindo palavras que são importantes para o contato direto com vossos problemas; isto é, as palavras vos estão servindo de espelho, espelho em que percebeis a vós mesmos e vossos problemas. Se houver esse percebimento, esse contato direto com vosso problema ou problemas, então esta palestra terá certa significação. Mas se, ao contrário, lhe derdes ouvidos apenas intelectual ou verbalmente, ir-vos-eis daqui de mãos vazias, levando uma porção de cinzas sem nenhum valor. Espero, pois, que não a estejais escutando apenas com o intento de adquirir conhecimentos, porém, sim, de entrar diretamente em contato com vossos problemas de ente humano.

Para me pôr em contato com um problema, assim como me ponho em contato com um objeto físico — quer se trate de problema intelectual, emocional, psicológico, quer de problema "espiritual", assim chamado, tenho por certo de compreender em primeiro lugar o significado e a função das palavras; porque as palavras nos impedem de entrar em contato com o problema. Se sinto ansiedade — esse sentimento de culpa, de medo, de desespero, que se chama "ansiedade" — devo, para entrar em relação com a ansiedade, perceber a função da palavra "ansiedade"; porque a palavra cria o sentimento. Não sei se já notastes como as palavras, em si, despertam um determinado sentimento. Devemos, pois, estar perfeitamente

cientes da própria palavra. Quando estamos cientes da palavra e percebemos que ela não é a coisa, que a palavra "ansiedade" não é, de modo nenhum, o fato, estamos, então, mais ou menos em contato com esse sentimento. Se não está bem claro o que estou dizendo, conversaremos depois sobre tudo isso.

Assim, precisamos não só compreender a palavra, de que maneira ela cria, domina ou dá colorido ao sentimento, mas também devemos estar cônscios de que a palavra não é a coisa, não é o sentimento. Para a maioria de nós, a palavra é o sentimento; há imediata correspondência entre o sentimento e a palavra. Dessarte, se desejamos entrar em contato com o fato, precisamos ver a significação, a importância, a natureza e o sentido da palavra.

E, também, devemos compreender nossas várias vias de fuga, porquanto um problema só se torna intenso, agudo, quando é uma coisa que exige imediata e plena atenção. Mas, a maioria de nós não deseja viver com tal intensidade, e é por isso que os problemas crescem, se multiplicam e lançam raízes. Por conseguinte, não só devemos estar cônscios da palavra, mas também das maneiras como a nossa mente foge; pois somos muito hábeis em fugir da vida. Há a igreja, a literatura, nossas próprias experiências e conhecimentos, nossas próprias maneiras de considerar a vida, nossas várias formas de fuga psicológica — de modo que jamais entramos em contato com o fato.

Em geral, pensamos que, se pudermos compreender a causa de um problema, teremos resolvido o problema; ou que, se analisarmos o problema, tê-lo-emos compreendido. Mas é exato isso? Conheço a causa do medo, da ansiedade, e esse conhecimento, portanto, deveria impedir-me de sentir ansiedade, medo. Posso também analisar a natureza do medo, da ansiedade, da culpa, etc., e, no entanto, minha mente não está livre dessas coisas. Assim, o mero exame, a mera análise, o percebimento da causa de uma coisa não libertam a mente dessa coisa, do fato; e a busca da causa, a análise, se torna uma fuga ao fato. Assim, se desejamos realmente resolver todos os problemas da vida, devemos entrar em contato direto com cada problema; entrar em contato direto com um problema significa compreender a palavra e, ao mesmo tempo, compreender a natureza das fugas. Desse modo, entra-se diretamente em contato com o problema.

Estamos falando a respeito de problemas, porque me parece que a mente que tem qualquer problema, não importa de que natureza, se torna embotada, temerosa da morte, da velhice — de tantas coisas! A mente que tem medo e, sem resistência, se sujeita aos diferentes modos de vida, depressa se torna muito confusa, embotada, insensível. Já notastes quanto a nossa mente é ineficiente, sem clareza, obtusa, quando teme? E a maioria de nós tem medo de muitas coisas: de viver, de morrer, do vizinho, de perder o emprego, de nunca ter um momento de plenitude na vida. Nossas inumeráveis frustrações acarretam medo, e este por sua vez se torna um problema intenso, do qual podemos estar ou não estar conscientes. Conscientemente, posso resolver o problema do medo, dele fugindo, sufocando-o, repelindo-o; entretanto, ele continua existente e, para podermos entrar em contato com esse medo, "cravar-lhe os dentes", precisamos, como já indiquei, compreender a palavra e a natureza da fuga.

Nossos problemas estão crescendo. Ainda que tenhamos segurança — segurança física, bem-estar social, etc. — uma grande parte de nós está ainda, psicologicamente, ligada ao animal; e, se não compreendermos toda essa estrutura psicológica da sociedade — e também a nossa própria, que faz parte da sociedade — a mente nunca poderá ser livre, estará sempre sendo torturada pelo medo. Eis por que sou de parecer que um ente humano amadurecido que deseje ir muito longe — não à Lua, porém penetrar muito longe em si próprio, para descobrir o que é verdadeiro — necessita de uma mente muito lúcida, não-contaminada, imaculada. E a mente só é imaculada e lúcida, quando livre — livre do medo, por exemplo. Só então se pode descobrir — sem a ajuda de nenhum dogma ou crença, sem nenhum esforço — o que é verdadeiro.

Assim, se somos realmente sérios, nosso principal interesse deve ser o de investigar perseverantemente esta questão: se a mente pode ficar livre de seus problemas. Pode um indivíduo viver neste mundo, freqüentando diariamente o escritório, ser casado e ter filhos, ou não ser casado — bem conheceis as coisas da vida, e não é necessário entrarmos em muitas minúcias — pode um indivíduo viver neste mundo, neste século vinte, com seus fantásticos progressos técnicos, e levar uma vida completamente isenta de problemas? Esta me parece ser a coisa mais importante de todas, porque a mente que tem qualquer problema está em conflito. Todos os pro-

blemas envolvem conflito. E pode a mente estar ativa, ser enérgica, eficiente, lúcida, vigorosa, sem estar fazendo nenhum esforço, isto é, sem ter nenhum problema? Porque, se estamos fazendo um esforço constante, num dado sentido, num dado nível, é bem de ver que esse esforço torna a mente embotada, incapaz de enfrentar a vida; e a vida está sempre a criar problemas. Por "problema" entendo algo que não foi compreendido, um desafio não correspondido adequadamente, suficientemente, com atenção completa, existindo, por isso, uma contradição entre o desafio e a "resposta"; pois, só quando a reação é adequada, não existe problema. Mas, o viver de tal maneira que todos os desafios sejam adequadamente enfrentados requer uma mente que não esteja empenhada em perene batalha.

Devemos perceber que não só há desafios, exigências, questões conscientes, mas também desafios e experiências a que "respondemos" inconscientemente. Em verdade, não gosto da palavra "inconsciente", uma das palavras mais ocas que se podem empregar. O inconsciente me parece uma coisa muito trivial, a que temos atribuído indevida importância. O inconsciente é o que somos. É o passado, são as tradições, as várias acumulações de conhecimentos, de experiência, a herança racial, as coisas que ouvimos dizer. Isso constitui a totalidade da consciência, da qual só percebemos certas partes, enquanto de outras partes não estamos conscientes. Percebemos o consciente porque é essa a única parte de que nos servimos em nossas atividades diárias, em nossa vida profissional, etc., etc. A outra parte está adormecida e temos muito cuidado em não mexer nela. Mas, estar cônscio da coisa total não significa dar continuidade ao passado, ao inconsciente. De ordinário, vivemos num estado de sonho. Não compreendemos o inteiro significado de nossos sonhos; vivemos num certo nível, numa certa parte; e essa parte, esse fragmento, ao reagir a um dado desafio, só poderá criar contradição. Pois é só quando se "responde" ao desafio de maneira total que não há contradição e, por conseqüência, não existe problema.

Nossa questão, por conseguinte, é esta: É possível a qualquer de nós, como ente humano existente há dois milhões de anos ou talvez mais, com um tão longo passado, uma tão grande história nacional, como francês, inglês, hindu, o que quer que seja, com tanto acúmulo de saber e de experiência — é possível a esse indivíduo ficar livre de tudo isso, que

constitui o passado, para enfrentar o desafio, que está sempre no presente? De outra maneira, a vida se torna um conflito terrível, uma aflição, uma confusão. Podeis orar a todos os deuses inventados pelo homem, recorrer a todas as religiões organizadas, todas as crenças e ritos, mas o problema nunca será resolvido dessa maneira — que é uma fuga, uma fuga vã. Tanto vale tomar um copo de bebida. O importante é que se compreenda toda essa estrutura, não por meio de um "processo" intelectual, porém que se esteja totalmente cônscio de tudo isso — do passado, do presente — sem fugir dos fatos mas, ao contrário, entrando em direto contato com eles. Talvez, então, venhamos a saber o que significa *viver*. E será esse um descobrimento feito por nós mesmos, não como indivíduos, porém como entes humanos, porquanto o ente humano é muito mais importante do que o indivíduo; o ente humano é a entidade total de dois milhões de anos, com tudo o que tem acumulado; não é um indivíduo isolado num exíguo canto. Talvez, então, saberemos, por nós mesmos, viver uma vida sem conflito — vida em que há tanta beleza! Só a mente que se libertou de todo e qualquer problema e, portanto, de toda espécie de esforço, só ela é capaz de descobrir algo não "projetado" de si própria, algo que não é mera palavra, mero sentimento, emoção.

PERGUNTA: Que podemos fazer para estar cônscios, atentos?

KRISHNAMURTI: Acho que nada podeis fazer. O que se pode fazer é só estar atento para a falta de atenção. Entendeis? Se vos estais *esforçando* para estar atento, vigilante, daí resulta um conflito, uma batalha, um "processo" que exige tempo. Não examinarei agora a questão do tempo; fá-lo-ei noutra ocasião. O que em geral desejamos é continuidade; pensamos: "Se eu pudesse ficar sempre atento, poderia resolver os meus problemas." Mas, é impossível estarmos *sempre* atentos; nossos nervos não suportariam isso, nosso cérebro físico é incapaz de manter-se num estado de contínua vigilância. Porém, se ficássemos atentos para a falta de atenção — entendeis o que quero dizer? — se ficássemos totalmente atentos para a falta de atenção, descobriríamos, então, por nós mesmos, naturalmente, como a atenção se torna existente sem nos esforçarmos para estar atentos. Tende a bondade de escutar; não digais "Tentarei" — mas fazei-o. Isto é, prestai atenção à

vossa própria desatenção, causadora de conflito. Só a desatenção cria problemas, não é verdade? Se estou atento, ainda que por um minuto apenas, nesse minuto de atenção, nenhum problema existe. Por "atenção" entendo não só estar atento com os nervos, com o corpo, com os olhos, com os ouvidos, mas também com a mente, com o sentimento. Nesse momento de atenção *completa* nada se experimenta e, por conseguinte, não há experimentador. Mas, em geral, não damos atenção à desatenção, geradora de conflitos. Quando não estamos atentos, dizemos o que não pensamos, fazemos as coisas indiferentemente, reagimos em conformidade com o nosso condicionamento; é, pois, a desatenção que cria problemas. Mas, quando estamos atentos para a desatenção, esta não criará nenhuma espécie de problema.

Não sei se estais percebendo isto.

PERGUNTA: Ainda que a mente esteja dividida em fragmentos, não existe uma relação, um considerável intercâmbio, uma apreciável influência entre os diferentes fragmentos?

KRISHNAMURTI: Sem dúvida. Há apreciável influência, uma considerável relação entre os fragmentos. Este é um fato bem óbvio, não?

PERGUNTA: Sim; mas ao falardes sobre as dificuldades que se apresentam, de ordem material, emocional, social, etc. parecestes dizer que a solução teria de ser fracionária.

KRISHNAMURTI: Perdão, se eu disse tal coisa, não é o que penso. O que penso é muito diferente disso.

PERGUNTA: Que pensais então?

KRISHNAMURTI: Vou explicá-lo. Em primeiro lugar, não sou autoridade. Se me tomardes por uma autoridade, não nos entenderemos. Mas, se vós e eu procurarmos entender-nos, mutuamente, nossa relação será então completamente diferente. Não deveis separar uma parte de uma dada asserção minha, para atacar-me com ela.

Todos somos entes humanos, todos estamos divididos em fragmentos relacionados uns com os outros, a se influenciarem reciprocamente. Se somos muito intelectuais, interpretamos o todo da vida em termos relativos ao intelecto, e esse intelecto está relacionado com outros fatores. Se somos muito emoti-

vos, também nesse caso verifica-se o mesmo processo fragmentário, sabendo-se que todos os fragmentos estão relacionados entre si. Damos predominância a um dado fragmento, o qual passa a reger a nossa vida; e o que digo é apenas que, enquanto vivermos dentro dessas seções, desses compartimentos ou fragmentos, ainda que eles estejam sutilmente relacionados entre si, em comunicação uns com os outros, nossa vida continuará a ser uma contradição, uma hipocrisia e, por conseguinte, uma batalha, um conflito. Estou procurando fazer ver que é só quando não há conflito de espécie alguma, que somos entes humanos totais; e, quando o formos, teremos uma mente capaz de ir muito longe, sem "projetar" ilusões.

Permitis-me uma pergunta? Estais a escutar-me há quarenta e cinco minutos. A maioria, ou talvez alguns de vós compreendem o inglês; e, nestes quarenta e cinco minutos em que estivestes a escutar, que vos aconteceu? Parece-me muito mais importante investigar isso, do que fazer perguntas. De fato — não teoricamente, nem problemática ou hipoteticamente — *de fato,* que sucedeu? Esta é a único coisa verdadeiramente significativa, e nada mais o é. Faço-vos esta pergunta, e espero não a considereis insolente. Tal não é absolutamente minha intenção. Faço esta pergunta porque considero muito importante que cada um de nós verifique por si próprio se o que digo tem significação, vitalidade suficiente para abalar a mente e fazê-la ver algo novo. Do contrário, estas palestras se tornarão de todo em todo fúteis, porquanto é muito fácil amontoar palavras — escrevendo, lendo, escutando — indefinidamente. Se a pessoa escutar na maneira como estivemos falando, escutar sem esforços, com clareza, penso que então esse próprio ato de escutar é o veículo da ação. Nada é necessário fazer em relação com o que se está escutando; o próprio ato de escutar é ação.

É algo semelhante a ver uma certa coisa, a olhar uma flor. Nunca olhamos realmente uma flor, porque o fazemos com nossa mente, nossos pensamentos, nossas idéias, opiniões, nossos conhecimentos botânicos a respeito dessa flor. Desse modo, quem está olhando é o pensamento — muito mais do que os olhos. Nossos pensamentos, idéias, opiniões, juízos, conhecimentos de botânica, tudo isso interfere em nosso olhar. E é só quando se olha uma coisa *totalmente,* que se está em direto contato com ela; "olhar totalmente" requer muita energia; mas, com palavras, e só palavras, não se cria energia.

O que produz energia é aquele observar, escutar, aprender em que não existe observador, em que só existe o fato, e nenhum experimentador a observar o fato.

PERGUNTA: Significa isso que, quando estamos em contato com coisas, fatos, problemas, o que se pode fazer é apenas aceitá-los, tais como são?

KRISHNAMURTI: Senhor, se se olha uma coisa *silenciosamente* — não sei se alguma vez fizestes isso — se olhais vossa esposa, vosso marido, uma flor, o que quer que seja, sem nenhuma interferência do passado, na forma de conhecimento, de idéias, de uma conclusão, de uma experiência, então, por certo, estais diretamente em contato com o fato, não importa se agradável ou desagradável. Se olhardes com essa atenção, vereis que não há experimentador e coisa experimentada, nenhum centro de onde estareis olhando. Já deveis ter experimentado esse fenômeno tão simples. Quando vedes algo que é muito belo, esse próprio objeto que chamais "belo" expulsa por um segundo todos os vossos pensamentos, e ficais completamente absorvido naquela beleza, naquele sentimento da imensidade; a montanha, o lago, o que quer que seja, vos absorve. Por um ou dois segundos não existis — só aquela coisa existe. Mas, que aconteceu? A coisa vos absorveu, vos pôs à margem, vos apagou, se assim me posso expressar. Mas, observar sem se deixar absorver por aquilo que se está observando, é coisa bem diferente. Se fordes capaz de olhar com atenção completa cada problema que surge, vereis que não haverá observador e coisa observada; só haverá atenção, sem nenhum centro.

PERGUNTA: Parece que, então, não há esforço.

KRISHNAMURTI: Não há esforço, mas requer-se um exame muito profundo. Faremos, se possível, um tal exame, em nossa próxima reunião — isto é, um exame da questão do esforço.

PERGUNTA: Como definis a palavra "fato"?

KRISHNAMURTI: Como defino a palavra "fato"? Posso defini-la verbalmente, mas não estamos interessados em definições. A definição que o dicionário dá, de "fato", é "o que pode ser observado, conhecido, experimentado por todos". É um fato que aqui está um microfone. E, quando estou encolerizado,

qual é o fato? Não importa quem me tenha causado cólera, nem qual seja minha reação a ela, como ente humano condicionado. O fato é *o que é* — a cólera — e usa-se a palavra "cólera" para reconhecer o fato. Uso-a para definir, classificar um certo sentimento que chamo "cólera". Temos, pois, fatos físicos, fatos psicológicos e, mesmo, idéias intelectuais que podemos chamar "fatos".

PERGUNTA: Quando observamos um desses fatos, dá-se uma reação; não ficamos inertes, a olhá-lo.

KRISHNAMURTI: Exatamente. Quando se observa um fato, há reações a esse fato. Vós dizeis algo que me magoa ou que me dá prazer. Se não "reajo", sou um ente humano morto, estou paralisado, é óbvio. Se me chamais "idiota", tenho de "reagir" — isto é, tenho de verificar, observar o fato real, e não simplesmente responder-vos que "o idiota sois vós". Com minha reação, observo o que constitui o fato real. Bem posso ser idiota, provavelmente o sou; e, assim, observo, a fim de descobrir o fato e não dar continuidade à minha reação.

16 de maio de 1965.

A TRANSFORMAÇÃO FUNDAMENTAL

(PARIS II)

A MENOS QUE UM HOMEM esteja plenamente satisfeito com as coisas como são ou estão — satisfeito consigo mesmo, com a situação mundial e com a geral aflição e confusão humana — a menos que esteja satisfeito com tudo isso, tem de perguntar a si próprio se o ente humano tem alguma possibilidade de mudar completamente, de realizar em si mesmo uma transformação graças à qual a sua mente e todo o seu ser se tornem totalmente novos, *inocentes,* cheios de vigor e vitalidade. É necessário fazermos a nós mesmos esta pergunta, sem entrarmos em conflito com o mundo nem com nós mesmos, porque estar em conflito interior é pouco produtivo. O que nos dá compreensão, profundeza é fazermos a nós a interrogação correta; e fazer uma pergunta é bastante difícil, porque, em geral, quando a fazemos, desejamos uma resposta satisfatória, agradável, e por essa razão as nossas perguntas produzem invariavelmente um estado estático, no qual a mente não pode funcionar em plena liberdade.

Devemos, pois, interrogar-nos sobre se o ente humano tem possibilidade de mudar, não apenas superficialmente, porém, também profundamente, porque superficialmente estamos sempre mudando. Exteriormente, estamos sendo influenciados por novas invenções, pelo computador, pela automação, pela "explosão demográfica" e pela necessidade de bem-estar econômico, de um modo de vida satisfatório. Essas influências, com efeito, produzem certas alterações superficiais. Mas, que acontece quando, ultrapassando essa esfera, percebemos como é fácil sermos influenciados? Pois, de fato, *somos* influencia-

dos pelo clima, pela alimentação, pelas roupas que usamos, pela sociedade, pela cultura ou civilização em que vivemos; essas coisas superficiais influem em nosso caráter, nossa perspectiva, nossos pensamentos. Mas, se procurarmos transcendê-las e — sem nos refugiarmos em mosteiros, no isolamento, nos dogmas, crenças e ritos que oferecem as igrejas e as várias religiões — perguntarmos a nós mesmos se é possível operarmos em nosso interior uma mudança radical, talvez então possamos examinar juntos esta questão e descobrir, individualmente, o inteiro conteúdo e significado da palavra "mudança", e se de fato há possibilidade de mudança radical.

O mero descontentamento ocasiona revolta contra a sociedade. Revolta é reação; e toda ação, toda impugnação profunda, fundamental, se originária de reação, só pode produzir uma nova série de reações e nunca uma compreensão total. É necessário, pois, prestarmos bastante atenção ao nosso descontentamento. Porque a maioria de nós vive descontente e, uma vez que estamos meramente descontentes, é bem fácil satisfazer-nos; e essa satisfação é também uma reação. Assim, vamos "rolando" de satisfação em satisfação, pensando que isso é que é mudança.

Agora, deixai-me assinalar que não estamos aqui reunidos para discutir ou palestrar apenas intelectualmente, ou seja verbalmente, discursivamente. Pelo contrário, cada um de nós quer descobrir por si mesmo a verdade relativa às questões em exame e, por conseguinte, tem de escutar o que se diz, sem necessariamente aceitá-lo ou rejeitá-lo. Quando uma pessoa escuta, por assim dizer, intimamente, pode tirar muito mais proveito. Porque, como vamos tratar de algo um pouco difícil, seria muito fútil considerarmos o que se diz como um mero entretenimento intelectual, um objeto de debate. Mas, penso que daria resultados significativos escutarmos com uma certa naturalidade, uma atenção em que não houvesse esforço nem resistência; porque, em regra, a resistência é um mecanismo de defesa que entra em ação instintivamente, naturalmente. Instintivamente, recuamos quando uma coisa nos desagrada; tomamos uma atitude defensiva, verbalmente, dialeticamente, intelectualmente, de várias outras maneiras, e essa atitude de defesa nos impede de escutar, de investigar.

Para a investigação, necessita-se de uma certa liberdade — liberdade para inquirir, que é o que vamos fazer. Mas, para inquirir, a mente deve estar disposta a ser livre, porque, do

contrário, nada se pode descobrir. Necessita-se de uma certa intensidade para a investigação do verdadeiro. Mas, cessa a investigação se desejamos uma determinada resposta — uma resposta que seja satisfatória ou que possa preencher um certo desejo "projetado". Assim, é necessário estar bastante atento, para se poder investigar de fato esta questão, ou seja se é possível uma transformação fundamental dos entes humanos — que somos nós, com nossas tradições, nosso extenso passado histórico — se alguma possibilidade existe de operarmos em nós uma radical revolução.

Mas, é bem provável que a maioria não desejamos ardentemente uma tal revolução, porquanto estamos satisfeitos com as coisas como são; achamos preferível pôr alguns remendos em nossas relações, cobrir as coisas de maneira que não tenhamos maiores tribulações, ansiedades, disputas; e buscamos também refúgio em nossas crenças. E assim é que, em geral, não desejamos nenhuma revolução fundamental em nós mesmos. Mas, devo dizer que *necessitamos* dessa revolução — revolução que não seja reação, uma transformação não idêntica a uma transação em que são previamente calculados todos os riscos.

Tecnologicamente, o mundo está fazendo progressos fantásticos; estão-se verificando extraordinárias mudanças, de incalculável alcance. Uma nova sociedade poderá surgir como resultado delas, mas, como entes humanos, continuaremos mais ou menos os mesmos, ainda que um pouco mais requintados, um pouco mais habilidosos, um pouco mais ajustados; mas não teremos resolvido nossos sofrimentos, e nunca terá fim nossa solidão, nosso medo, nossa incompreensão do ente humano. Em geral, temos propensão a escolher o caminho mais fácil, a satisfazer-nos facilmente e, por isso, nunca se nos apresenta a questão relativa à possibilidade de mudança fundamental.

Agora, que vo-la estou propondo, ou ela se vos torna uma questão pessoal e, portanto, uma questão íntima, de vital importância, ou meramente a aceitais como coisa exterior a vós. Quando sentis fome, ninguém vo-lo precisa dizer. Sabeis, por vós mesmos, que estais com fome. De modo idêntico, quando vos inquiris sobre se é possível operar aquela transformação radical, esta pergunta é *vossa,* e não minha. Torna-se *vosso* problema, e não um problema imposto por outrem. Tratando-se, pois, de vosso problema pessoal, humano, podeis considerá-lo de maneira bem diferente da maneira como considerais uma questão proposta por outrem.

Por certo, toda mudança exige ordem. Vemo-nos atualmente num estado de desordem, e para se sair da desordem necessita-se de ordem: ordem social, ordem interior, e ordem em nossos valores, nossa perspectiva das coisas. Dessarte, *mudar,* no sentido em que estamos empregando a palavra, significa estar livre para estabelecer a ordem. Mas a sociedade não deseja essa liberdade, porque acha que liberdade supõe desordem. Por isso existe a condição, por ela imposta ao indivíduo humano, de não fugir da estrutura psicológica da sociedade. A sociedade teme que a liberdade acarrete desordem, porque está satisfeita em viver nessa desordem a que chama "ordem"; por conseguinte, é incapaz dessa experiência, dessa revolução total. Só o indivíduo humano é capaz de experimentar e realizar, por seus próprios meios, a revolução total, que é a ordem.

Assim, quando emprego a palavra "mudança", entendo: "mudança da desordem para a ordem"; porque, como entes humanos, não nos achamos em ordem. Estamos em conflito, somos dignos de dó, confusos, ambiciosos, ávidos, invejosos — tal é a estrutura do ser humano. Temos medo, pavor, de tantas coisas; e alterar inteiramente essa estrutura de medo, significa promover a ordem. A ordem, portanto, não é produto de revolta, porque a revolta contra a sociedade é uma reação que só produzirá uma série de ações dentro dos limites da estrutura social, e, como acontece com o comunismo ou qualquer outra espécie de reação, volta-se, com o tempo, ao ponto de partida.

Refiro-me àquela mudança que não é reação — reação contra a sociedade, contra a ordem convencional, porém, antes, um "processo" de compreensão da estrutura da desordem; essa compreensão cria a ordem, que é uma revolução radical.

Espero esteja claro o que estou dizendo; senão, poderemos tornar a examiná-lo, quando eu acabar de falar.

Mudança, dizemos, exige tempo. Sou *isto,* e para operar uma mudança em mim próprio, ou seja para vir a tornar-me *aquilo,* é necessário tempo, não é assim? Isto é muito simples. Eu sou o que sou, com todas as minhas aflições, minhas ansiedades, temores, desesperos, esperanças, e desejo mudar, "pôr tudo em ordem", e isso exige tempo. Existe o medo e, para nos livrarmos dele, achamos necessário o tempo. Sinto medo, e para dominá-lo, ou compreendê-lo, ou para livrar-me

dele, necessito do tempo. Isto é perfeitamente óbvio; pelo menos, é o que pensamos.

Ora, que é o tempo? Vede, por favor, que não o estamos considerando filosoficamente, como uma idéia, uma noção necessária; mas, cada um pode observar e compreender por si próprio essa coisa.

Consideremos o medo. Temos medo de tantas coisas, além do medo fundamental da morte. Mas há também o medo à opinião pública, medo de perder o emprego, medo de ser dominado — um complexo conjunto de temores. Pode-se ver, pode-se perceber que o medo engendra todas as maneiras possíveis de fugir, e que ele é gerador da escuridão, da incerteza, da ansiedade. E, assim, a mente, tornando-se confusa, incerta, trata de fugir, dada a sua incapacidade para resolver esta questão do medo. Recorre aos dogmas, à bebida, ao sexo — a numerosos e diferentes modos de fuga.

Ora, para uma pessoa ficar totalmente livre do medo, em todos os níveis de sua consciência e não apenas superficialmente, porém completamente, terá de compreender a natureza, a estrutura, o significado do medo; e esse processo de compreensão, pensamos, requer tempo. *Escutai* isso, por favor! Digo: "Tenho medo, e quero descobrir a causa do medo." Trato, pois, de investigar a causa do temor, de analisá-lo, ou consulto um analista, ou recorro a qualquer outro meio de fuga ao medo. Tudo isso exige tempo, não? Digo: "Não estou livre do temor, mas dele me livrarei com o tempo."

O tempo, pois, significa um movimento, uma mudança do que *é* para o que *deveria ser*. Tenho medo, mas um dia estarei livre dele; por conseguinte, o tempo é necessário a nos livrarmos do medo — é, pelo menos, o que pensamos. A mudança do que *é* para o que *deveria ser* exige tempo. O tempo, por conseguinte, implica o esforço que se faz, nesse intervalo, entre o que *é* e o que *deveria ser*. Não gosto do medo, e vou forcejar para compreendê-lo, analisá-lo, dissecá-lo, ou para descobrir a sua causa, ou dele fugir inteiramente. Tudo isso é esforço; e ao esforço já estamos habituados. Vemo-nos sempre num conflito entre o que *é* e o que *deveria ser*. O que eu *deveria ser* é uma idéia, uma coisa fictícia, não é o que *sou*, o fato. O que sou só pode ser modificado quando compreendo a desordem que o tempo cria. Entendeis? Quando tenho medo, isto é um fato: estou com medo. Se introduzo o elemento

tempo, dou ao que *é* uma continuidade que gera desordem. Está claro?

Vede, estamos condicionados para pensar que o tempo é necessário, que é necessário um "processo" gradual para podermos operar qualquer mudança em nós mesmos. Por exemplo, todos desejamos preencher-nos de diferentes maneiras — como artistas ... de qualquer uma de dez maneiras diferentes; queremos preencher-nos, e, nesse preenchimento, que implica tempo, encontra-se o sofrimento, a ansiedade, o medo. Desejo ser *aquilo,* mas não sou *aquilo.*

A questão, pois, é esta: É possível o ente humano mudar sem nenhuma interferência do tempo? Libertar-se imediata e totalmente do temor? Como de pronto não posso livrar-me do medo, preciso do elemento *duração,* e isso significa que ele continuará existente; e onde há continuidade do medo, aí há desordem.

Assim, posso libertar-me do medo, de maneira completa, neste mesmo instante? Se permito ao medo subsistir, estarei sempre a criar desordem; vê-se, por conseguinte, que o tempo é um elemento de desordem, e não um meio de nos libertarmos definitivamente do medo. Não há, pois, nenhum processo gradual de libertação do temor, assim como não há nenhum processo gradual de libertação do veneno do nacionalismo. Se tendes o nacionalismo, mas dizeis que com o tempo teremos a fraternidade humana, no intervalo haverá guerras, haverá ódios, haverá sofrimento, existirá esta horrível divisão entre os homens; o tempo, por conseguinte, estará criando a desordem.

Assim, se nos servimos do tempo como meio de promover a transformação radical, estamos promovendo a desordem e não a ordem. E, se compreendemos isso, não apenas verbalmente, se vemos, aí, a verdade, o fato, esse próprio descobrimento é então, em si mesmo, uma revolução; pois estamos habituados a contar com o tempo.

Vede: sabemos o que é o ciúme. A maioria das pessoas é ciumenta, por esta ou aquela razão, e, se deixamos o ciúme continuar existente, há dor, há ansiedade, disputas, rancores, etc. A continuidade do ciúme causa mais confusão. Assim, é possível ao ente humano ficar livre do medo, do ciúme, completa e imediatamente? Se dizeis: "Não — é impossível", nesse caso, já chegastes a uma conclusão. No momento em

que dizeis que isso é impossível, cessastes de experimentar, de descobrir; e, em geral, estamos muito prontos a dizer que não é possível, porque somos tão preguiçosos e indiferentes, que preferimos continuar com nossas dores e prazeres, nosso ciúme e nosso medo. Tão acostumados estamos com o ciúme, com o medo, que preferimos conformar-nos com eles a descobrir se é possível ficarmos totalmente livres dessas enormes cargas.

Mas, por que razão nos servimos do tempo, no sentido em que o estamos entendendo? Por que admitimos a continuidade do medo? Por quê? Não respondais, por favor; e, também, não é esta uma pergunta retórica. Provavelmente, nunca perguntamos a nós mesmos por que permitimos a existência do medo, por um só dia, por um minuto sequer, já que sabemos quanto dano, quanto ódio, quantas mentiras, quanta hipocrisia, quanta confusão e conflito ele cria. Provavelmente o aceitamos porque com ele já nos acostumamos, e porque não conhecemos outra maneira de nos libertarmos dele, a não ser o "processo gradativo". Pelo menos, julgamos que esse processo gradual seja um meio de nos livrarmos do medo. Mas, pode-se agora perceber que, havendo duração do medo, nesse período há ódio, confusão, esforço, sofrimento. Aceitamo-lo, tão-somente, porque a ele estamos condicionados. Assim, perguntamos a nós mesmos: É possível, sem se permitir a interferência do tempo, *olhar* o pensamento, *olhar* o medo, e compreender-lhe a natureza — não seus sintomas, suas diferentes manifestações ou suas causas, porém o medo em si?

Ora, que é o medo? Muito importa compreender isso, porque em geral tememos; não apenas num nível superficial de nossa consciência, mas, profundamente, temos medo. Há várias formas de medo, e não temos necessidade de examinarmos todas; mas, todo temor é produto das relações. O medo tem causa, não vem à existência espontaneamente, e pensamos que, compreendendo-lhe a causa, ficaremos livres dele; mas isso nunca será possível. Sabeis por que tememos. Provavelmente já refletistes a respeito do medo, o considerastes bem e conheceis a causa que o faz surgir; mas, embora conheçais a causa, não estais livre do sintoma. Vê-se, pois, que o mero descobrir da causa não liberta necessariamente do medo; e tampouco a análise nos liberta do temor. A análise, por sua vez, requer tempo.

Então, como de pronto podemos libertar-nos do medo? Esta é, com efeito, uma pergunta tremenda. E só podemos

fazê-la a nós mesmos quando compreendemos o que está implicado no processo gradativo do tempo.

Como podemos libertar-nos imediatamente do medo? Quando emprego a palavra "como", não quero sugerir uma investigação a fim de achar um processo; porque processo, método, sistema, supõe o tempo e, por conseguinte, desordem. Mas, é possível libertar-nos do medo imediatamente?

Pode o pensamento pôr fim ao medo, ou é o pensamento que gera medo? O próprio pensamento é o terreno em que nasce o medo. Escutai com atenção, para que depois não digais que estou advogando a irreflexão ou afirmando que não devemos pensar.

Suponhamos que eu tenha medo da morte — isto é, do amanhã, da velhice, da dor, do sofrimento, e do inevitável fim. O pensamento, que já experimentou a dor, a doença, os prazeres da juventude, volta-se agora para o futuro; "projeta" a morte, isto é, põe-na à distância e, quando dela se ocupa, cria medo. Ou, por não ter compreendido inteiramente a questão do medo, põe-se a buscar crenças, esperanças, etc. Mas, posso considerar o medo sem a interposição, sem nenhuma interferência do pensamento?

Estou esclarecendo isto suficientemente? Esclarecimento verbal é uma coisa, e esclarecimento *real* outra coisa. Verbalmente, podeis dizer-me algo, e eu responder: "Sim, concordo convosco, verbalmente vejo o que quereis dizer." Mas "ver verbalmente" não é *ver*. Posso olhar uma flor e, embora a veja com meus olhos, veja a luz, a cor, etc., a posso estar vendo apenas verbalmente. Ver a flor com os olhos é uma coisa, e coisa diferente é vê-la com a palavra. Em geral vemos a flor com a palavra e, portanto, não a vemos realmente. Estamos repletos de idéias, conhecimentos, noções, interesse botânico, etc., etc., quando olhamos uma flor. Analogamente, podeis ter compreendido, até aqui, a explicação verbal e estar ou não estar de acordo com ela; também, podeis não ter compreendido as palavras empregadas ou tê-las substituído por vossos termos próprios, traduzindo em vossa própria linguagem o que se disse. E o resultado qual é? Não estais observando realmente a natureza de vosso medo. Por conseguinte, quando dizeis: "Compreendo o que estais dizendo" — significa isso que estais realmente em contato com o medo — com vossa particular forma de medo — ou que apenas estais em contato com a palavra que indica que temeis?

Estar em contato com uma coisa, fisicamente, é muito fácil. Ao tocar este microfone, sei que estou em contato com ele. Não há nenhum intervalo de tempo, porém uma ação bem determinada e precisa. Mas, nunca estamos totalmente em contato com outro ente humano ou com o que quer que seja. Se observardes, vereis que isto não é uma simples generalização, porém um fato real. Posso pôr-me fisicamente em contato com um objeto, mas, entrar em contato com o medo é uma das coisas mais difíceis, porque requer extraordinária atenção — atenção em que não haja desperdício de energia com palavras, explicações, fugas. Só então se está em direta relação com o medo; e é esta a significação de nossa pergunta a nós mesmos, sobre se é possível nos libertarmos incontinenti do medo. Essa libertação significa que terminaram todas as fugas ao medo — todas as fugas verbais. Porque a palavra não só dá mais força à coisa que chamamos "medo", identificando-se com essa coisa, mas também a própria palavra pode ser a causa do temor. Pode-se perceber como a palavra "morte", por exemplo, atemoriza. A própria palavra, portanto, cria medo; e quando desejamos entrar em contato com o medo, a palavra se torna um meio de fuga. Quando toco este microfone, não há fuga nenhuma; esse contato não está associado a nenhuma palavra, nenhum pensamento. Mas, para podermos entrar em direta relação com o medo, temos de compreender a estrutura, o significado, a importância da palavra. Temos de perceber que o pensamento é produzido pela palavra. O pensamento é uma reação à palavra, e cumpre perceber este fato. É o que espero estejais fazendo juntamente comigo.

Ao dizer que uma pessoa pode libertar-se totalmente do medo, isso não significa que tenhamos de libertar-nos do desejo de evitar sermos atropelados por um ônibus ou caminhão; trata-se, aí, do instinto natural de proteção ao organismo físico. Mas, quando o pensamento cria uma imagem verbal a esse respeito, essa imagem gera medo. Pode, pois, a mente *olhar* o medo sem a palavra — sem permitir a si própria nenhuma fuga, dizendo: "Libertar-me-ei do medo com o tempo" — entrando assim em contato total com a coisa chamada "medo"?

Nós, com efeito, nunca estamos verdadeiramente em contato com outra pessoa, não é exato? Podemos estar fisicamente em contato com nossa mulher ou marido, ou com nossos

filhos, mas outro contato não existe, existe? Temos lembranças atinentes a nossa mulher, nosso marido, nossos filhos, nosso vizinho, e é com essas lembranças que estamos em relação. Temos retratos, imagens, recordações, tanto agradáveis como desagradáveis, e essas coisas interferem, impedindo-nos o contato direto com o outro indivíduo. Para se estar em contato com outrem, requer-se que não haja a interferência de nenhuma cortina de lembranças.

Ora, estamos diretamente em contato com o medo? Não sei se compreendeis esta pergunta e tudo o que ela implica. Estais observando o medo, vós como *observador* e o medo como *coisa observada?* Sois o pensador a observar a coisa que se chama "medo"? Ou estais olhando o medo, não na qualidade de *observador,* e nesse caso não existe *censor,* não existe nenhum *centro* de onde estais observando e, portanto, o medo constitui o único fato?

Por outras palavras: a maior parte de nossa vida é um conflito, uma luta entre o que *é* e o que *deveria ser.* E estamos acostumados com o esforço, com essa batalha que constantemente se trava em nosso íntimo, esse ajustamento, esse atrito entre o que *é* e a nossa esperança — o que *deveria ser.* Estamos acostumados com essa incessante batalha, e é só ela o que conhecemos; assim temos sido condicionados desde a infância. Toda a nossa estrutura social — nossos conceitos religiosos, nossa moral, tudo — se baseia nesse constante esforço de *vir a ser.*

Não digais, agora: "Se não houvesse esforço, se não houvesse luta, que seríamos nós? Continuaríamos macacos, como antes, estacionários." É essa a reação comum. Mas, em nosso próprio lutar, uma grande parte de nós mesmos está ainda ligada ao animal, ao macaco: nossa constante avidez, inveja, medo, ansiedade, nossa imperiosa necessidade de satisfação, de prazer e continuação do prazer. O desejo de continuação do prazer provoca o esforço — e todos os nossos valores sociais, morais, religiosos, éticos estão baseados no prazer Só conhecemos o amor através do prazer. Quando compreendermos o significado e a estrutura do prazer, o amor terá, então, sem dúvida, significação inteiramente diferente, será isento de ciúme, de sentimento de posse, de domínio. Mas, para aí chegarmos, temos de perceber a natureza desse esforço para transformar o que *é* no que *deveria ser.* O que *deveria ser* é a continuação do prazer. Chamamos nosso esforço nobre,

bom, virtuoso, mas, atrás dessa fachada de palavras está a ânsia de prazer.

Assim, é possível operarmos uma mudança, uma revolução radical dentro de nós mesmos? Essa revolução é necessária, porque, de outro modo, nossa vida permanecerá superficial, vazia, embotada, estúpida, medíocre, sem nada de novo. É possível, sem nenhum esforço, pôr fim ao medo? Só podemos extingui-lo quando em contato direto com o sentimento chamado "medo", sem permitirmos nenhuma interferência do pensamento como palavra; e isso de imediato acontece ao compreendermos, em seu todo, a natureza do tempo, do prazer, da confusão e da desordem.

Tudo isso exige muita energia. Afinal de contas, o prestar atenção a qualquer coisa, o prestar atenção ao que se diz, requer energia. Mas, se não vos sentis interessados no que se está dizendo, se estais a olhar para outra pessoa, se estais pensando sabe Deus em quê, ou aferrados a uma certa maneira complicada de considerar a vida, tudo o que digo constitui para vós uma coisa enfadonha e, portanto, um desperdício de energia; por conseguinte, não estais prestando atenção completa. A total atenção exige energia, tanto física como nervosa — energia sem o desperdício ocasionado pelas palavras, as fugas, o esforço para ultrapassar o que *é*. Só quando existe essa plena energia pode a mente olhar o que *é;* e vereis então, por vós mesmos, que, em virtude dessa atenção — que é a energia total aplicada à coisa chamada "medo" — tereis a possibilidade de ficar completamente livres do medo.

Podeis agora fazer-me perguntas, ou podemos debater sobre o que estivemos dizendo.

PERGUNTA: E o medo relacionado com os acontecimentos de cada dia, os atos da vida diária?

KRISHNAMURTI: Por certo temos de enfrentar os eventos de cada dia, mas, em geral, vamos ao seu encontro com medo e apreensão, porque já conhecemos o prazer ou a dor anteriormente ocasionados por determinado fato. Enfrentamos, pois, os fatos diários já condicionados pelo medo. Quer-me parecer que não estamos compreendendo bem este ponto; provavelmente não o esclareci devidamente.

Ora, nós vamos ao encontro dos eventos e fatos da vida com o nosso passado, com a memória, o conhecimento de

ontem, e todos os seus prazeres, dores, temores, esperanças Enfrentamos cada acontecimento com o passado, de modo que nunca estamos diretamente em contato com coisa alguma. Estamos sempre em contato com o passado, e esse passado é que se encontra com o presente, cria a contradição e, por conseguinte, esforço, medo, etc., etc.

A que estamos visando nesta palestra? Estais visando a descobrir, por meu intermédio, uma maneira de enfrentar a vida? Estais à procura de algum método, sistema, padrão de conduta, de comportamento? Ou estamos trabalhando juntos, investigando o problema, aprofundando-nos na questão do medo? Se estais a ouvir-me apenas com o fim de descobrirdes um método que ponha fim aos vossos temores, permitindo--vos viver de maneira diferente, etc., nesse caso sinto dizer que vós e eu não estamos, absolutamente, num estado de relação; nenhuma comunhão ou comunicação poderá haver entre nós, porque vós desejais uma coisa e eu estou falando de coisa muito diferente. Mas, se estamos fazendo *juntos* a viagem, então todo descobrimento será feito por vós, e não por mim.

Em todas as partes do mundo há dominação e tirania — tirania dos governos, tirania das igrejas, em nome de Deus, em nome do amor e da paz. A autoridade nos é imposta sob todas as formas, e em regra a aceitamos porque isso nos satisfaz. Mas o homem que deseja descobrir o verdadeiro, o real, deve rejeitar toda e qualquer autoridade — inclusive, naturalmente, a deste orador — para que sua mente comece a abrir-se e a revelar todos os seus obscuros recessos; esta, por certo, é a única ação inteligente e criadora.

20 de maio de 1965.

PRAZER E DESEJO

(PARIS III)

TALVEZ POSSAMOS, no fim desta palestra, conversar sobre os assuntos que nos interessam, sem entrarmos em controvérsia, porém como amigos desejosos de esclarecer-se mutuamente, a fim de descobrir, por si próprios, uma maneira de viver neste mundo tão monstruoso e brutal — mundo que nós mesmos criamos, mundo em que nos vemos como que presos numa armadilha, socialmente, economicamente, e em todas as formas de relação. Estamos presos nessa estrutura social que construímos através de séculos; e, para a esse respeito podermos conversar amigavelmente, há necessidade de clareza, não só por parte de cada interrogante, mas também por parte do orador. Temos de ser muito simples, vós e eu, e esta é justamente uma das nossas maiores dificuldades. Somos intelectuais, talentosos, sutis, verbalmente reservados; o que dizemos não é o que verdadeiramente pensamos, nossas atitudes são afetadas. Mas, se pudermos jogar tudo isso para o lado, para conversarmos sobre os nossos problemas, talvez então nos seja possível descobrir um caminho — *não* uma via de fuga — por onde sairmos da horrível confusão e aflição existentes interior e exteriormente.

O assunto de que desejo tratar nesta manhã é muito simples, embora essa simplicidade possa tornar-se complicada, dado o emprego que temos de fazer das palavras; e isso, infelizmente, é inevitável, porquanto é o único meio de comunicação a nosso dispor. Mas, a comunicação por meio de palavras não significa necessariamente comunhão. Há diferença entre "comunicação" e "comunhão". Podemos fazer comunicações, por meio do telefone, de livros, de palavras, de gestos. Mas a

comunhão é uma coisa inteiramente diferente. Só é possível a comunhão quando vós e eu nos achamos no mesmo grau de intensidade, no mesmo nível, ao mesmo tempo; quando sentimos as coisas fortemente, vitalmente, na mesma profundidade e no mesmo momento. Há, então, comunhão — e as palavras se tornam então completamente inúteis, vazias. Todavia, não pode haver comunhão sem a compreensão verbal.

Assim, já que as palavras são necessárias e, sabendo-se das dificuldades decorrentes de seu emprego, pois as palavras são coisas bastante complexas — devemos ter cuidado com elas, não deixar-nos enredar nelas e abster-nos de, com elas, urdir uma porção de teorias intelectuais. Porque, não estamos usando de talentos, não estamos falando de algo passível de ser examinado teoricamente. Não se pode examinar a vida de maneira teórica, intelectual, emocional. A ela só nos podemos aplicar de maneira total, isto é, com todo o nosso ser — intelectual, emocional e físico. Não podemos tomar nas mãos apenas um fragmento dela e tentar resolver os nossos problemas por meio desse fragmento. A vida é por demais vasta, imensa, e não pode ser examinada através de uma teoria, uma hipótese, um padrão. A ela devemos chegar-nos como uma torrente que se precipita das montanhas. Assim se compreende a extraordinária natureza do viver.

A essência do viver é, obviamente, a ação. Não podemos viver sem ação. Todas as nossas relações são ação, movimento. Mas, em virtude de nosso sofrer, de nossos prazeres pessoais, de nossos gostos e aversões, e de todos os pequeninos incidentes de nossa vida, desejamos cavar ao lado dessa majestosa corrente um pequeno fosso particular, um abrigozinho estático, para aí vivermos e daí tentarmos compreender o processo total do viver.

É necessário, pois, compreender as relações, ou seja a vida. Pois não podemos existir sem alguma espécie de relação. Não podemos recolher-nos ao isolamento, levantando em torno de nós uma muralha protetora — como o faz a maioria das pessoas — porque esse ato de viver num estado de resistência, bem abrigados e seguros, só pode acarretar mais confusão, mais problemas, mais misérias. A vida, se a observamos, é movimento, ação, um movimento de relações, e é este, com efeito, o nosso verdadeiro problema: como vivermos neste mundo, onde as relações constituem a base mesma de toda a nossa existência; como vivermos neste mundo de modo que nossas

relações não se tornem monótonas, estúpidas, uma coisa feia, maquinal.

Nossa mente está ajustada ao padrão do prazer; mas, é bem evidente que a vida não é meramente prazer. Entretanto, *queremos* o prazer. Esta é a única coisa que estamos de fato a buscar, profundamente, intimamente, secretamente. Procuramos tirar prazer de quase todas as coisas; e o prazer, se o observarmos, não só isola e confunde a mente, mas também cria valores não-verdadeiros, não-reais. O prazer, pois, gera a ilusão. A mente que busca o prazer — como em geral se faz — não só isola a si própria, mas também, invariável e necessariamente, se encontra num estado de contradição em todas as suas relações, sejam as relações com idéias, sejam as relações com pessoas ou posses; não pode deixar de estar sempre em conflito. Por conseguinte, esta é uma das coisas que cumpre compreender: que nossa busca, na vida, representa, fundamentalmente, a necessidade, a urgência que temos de prazer.

Ora, isso é muito difícil de compreender, pois, por que razão devemos privar-nos do prazer? Vemos um belo entardecer, uma árvore formosa, um rio de ampla curva, um rosto bonito — e o olharmos tais coisas dá-nos muito prazer, muito deleite. Que mal há nisso? Eu acho que a confusão e o sofrimento começam quando aquele rosto, aquele rio, aquela nuvem, aquela montanha se tornam *memória*, pois é essa memória que exige uma continuidade mais intensa do prazer; queremos a constante repetição dessas coisas. Todos sabemos disso. Experimentei ou vós experimentastes um certo prazer, um certo deleite numa dada coisa e desejamos a repetição desse prazer. Quer se trate de prazer sexual, artístico, intelectual, quer de outro gênero de prazer, queremos repetição; e é aí, parece-me, que o prazer começa a obscurecer a mente e a criar valores falsos, irreais.

O que mais importa é compreendermos o prazer, nunca tentarmos livrar-nos dele — isto é demasiado estúpido. Ninguém pode livrar-se do prazer. Mas, é essencial compreender a natureza e a estrutura do prazer; porque, se a vida se constitui unicamente de prazer — e é isso o que queremos — então o prazer se acompanha de sofrimento, de confusão, de ilusões, dos falsos valores que criamos e, por essa razão, não há clareza. É um fato muito simples, tanto psicológico como biológico, que buscamos o prazer e nessa base desejamos assentar

todas as nossas relações; por conseguinte, quando a relação se torna desagradável, surge a contradição e, daí, o conflito, o sofrimento, a confusão e agonia.

Não estou dizendo nada de extraordinário, porém simplesmente apresentando um fato. E uma vez que foi educada e fortemente condicionada para essa busca de prazer, pode a mente perceber as limitações do prazer, compreendê-lo, não apenas verbal ou intelectualmente, mas perceber sua natureza, seu intrínseco significado e, nesse próprio ato de *ver*, colocar-se numa dimensão totalmente diferente?

Isto é, neste momento estamos em comunicação uns com os outros; não só estamos em comunicação, senão também, ao mesmo tempo, tentando descobrir por nós mesmos se é isso o que de fato está ocorrendo em nossa vida. Compreendemos o prazer do autopreenchimento, o prazer de ser pessoa importante, de ser reconhecido neste mundo como escritor, pintor, um grande homem? Compreendemos o prazer derivado do dominar, do ter dinheiro, do fazer voto de pobreza, o prazer que em tantas coisas experimentamos? E percebemos que, quando o prazer não se realiza, começa a frustração, o amargor, e acrimônia? Precisamos, pois, estar cônscios de tudo isso, não só física, mas também psicologicamente; e, assim, começamos a perguntar: Qual a posição do desejo em relação ao prazer?

Como deveis saber, há necessidade de nos libertarmos da ilusão, isto é, de nos libertarmos do poder que a mente tem de criar valores não-reais, em relação à vida, ao viver real. Possui a mente um extraordinário poder de criar ilusões, por meio de crenças, de fugas, de dogmas. "Projeta" ela todo o gênero de padrões, alvos, ideais, por meio dos quais espera preencher-se, e a essa identificação com algo dela própria "projetado" chama "tornar-se superior". Ora, se não ficamos totalmente livres desse poder da ilusão, e da atividade geradora da ilusão, nunca descobriremos o que é real, o que é verdadeiro, se há Deus, se algo existe de superior a esta nossa horrível e superficial existência.

O fato é que a maioria das pessoas intelectuais e de certa inteligência desejam descobrir algo de superior à monótona e exaustiva rotina de sua existência diária. Uma vez que existe essa ânsia tremenda, procuramos as igrejas, onde nos é dada moeda falsa; lemos livros, procuramos a fuga através da litera-

tura, das idéias, das várias teologias orientais e ocidentais. Mas, para podermos descobrir, cada um por si, o que é verdadeiro — não como ilusão ou fuga, porém como conhecimento real, tal como o do sentimento de fome — necessitamos de ilimitada liberdade. Essa liberdade não é um certo estado extraordinário, mas antes um estado em que não se cria nenhuma espécie de ilusão mediante o movimento do prazer. Se há esse movimento do prazer — seja o prazer das relações sexuais, seja o de assistir ao poente, de assistir à missa, ou o prazer que se experimenta na busca de algo superior à mente — esse movimento, inevitalvelmente, gera uma ilusão proporcionadora de satisfação, ilusão que não desejamos perder e, então, começam as nossas tribulações.

Considero, portanto, sobremodo importante o compreender-se a natureza e o significado do prazer. Externamente, o mundo se está tornando cada vez mais próspero, cada vez mais eficientemente organizado; os computadores e a automação irão assumir muitos dos encargos do homem, proporcionando-lhe um quase completo ócio. Isso poderá não ser para amanhã nem para daqui a vinte anos, mas virá com o tempo. O homem vai dispor de muita folga — e, para a maioria das pessoas, folga significa prazer. Por conseguinte, ainda que exteriormente venhamos a ter tudo o que desejamos, interiormente nos veremos em grande agitação e, para dela fugirmos, teremos novas modalidades de prazer. Conseqüentemente, se desejamos compreender, em seu todo, o processo do viver, em vez de fugir dele para uma certa fantasia, mito ou sonho absurdo — muito importa que estejamos brutalmente ("brutalmente", no sentido de "vitalmente") conscientes da estrutura do prazer.

O prazer significa também desejo. Por toda a Ásia e Europa, os que buscam aquilo a que chamam "Deus", os monges, os chamados "religiosos", instruídos que foram por suas tradições para repelir o prazer — nos dizem que devemos ser sem desejos. Provavelmente, tendes lido tudo o que a esse respeito se tem escrito — e que eu, de minha parte, considero totalmente errado, porquanto significa cortar, reprimir, atuar sobre o desejo. Dessa maneira não se pode afastar o desejo. Isso nunca é possível; mas é possível compreender a natureza intrínseca do desejo, suas limitações. Com a palavra "compreender", não me refiro à mera compreensão intelectual. Intelectualmente, não se pode compreender coisa

alguma; por mais que se esforce, o sutil intelecto nunca será capaz de aprender a natureza do amor, por exemplo. Poderá falar e escrever volumes a respeito do amor, mas o intelecto nenhuma possibilidade tem de sentir a essência, o perfume, a natureza do amor. E o intelecto é a única coisa que temos. Desenvolvemos o intelecto, tornando-o tão sagaz e engenhoso, que quando empregamos a palavra "compreendo", logo entendemos "compreensão intelectual" — um verdadeiro absurdo. Ninguém pode compreender coisa alguma apenas intelectualmente. Uma pessoa ou compreende, ou não compreende. E só podemos compreender quando a isso aplicamos todo o nosso ser — corpo, espírito, coração, tudo o que temos, inclusive o intelecto. Mas, quando o intelecto está separado e diz "Compreendo", não compreende realmente. Isso é puro contra-senso.

Assim, para compreendermos o desejo que é prazer, temos de examiná-lo, de senti-lo, de a seu respeito aprender tudo o que pudermos, em vez de dizermos: "Este desejo é correto, aquele falso; este é bom, aquele mau." Não há desejo bom nem mau, nobre nem ignóbil. O que há é só *desejo,* e, para compreendê-lo, é preciso penetrá-lo não verbalmente, e não tentar por meios engenhosos evitá-lo ou transcendê-lo, porque isso ninguém pode fazer. É necessário compreender o desejo — e já expliquei o que significa para mim a palavra "compreender". Precisamos penetrar a estrutura do desejo, não à vossa moda ou à minha moda, porém compreender realmente aquilo que irrefutável e irremediavelmente *é.* E quando isso se nos tornar bem claro, conheceremos as limitações do desejo e, portanto, compreenderemos sua integral estrutura e dele estaremos libertados; a mente já não estará enredada pelo desejo ou o "processo" do prazer.

Vamos, pois, examinar juntos a verdadeira estrutura do desejo, e não pensar conforme a vossa opinião, ou a minha opinião, ou citar o que a respeito do desejo foi dito por certo biologista, ou psicólogo, ou charlatão religioso. Vamos descobrir o que o desejo realmente é — e ele me parece ser extraordinariamente simples. Vejo uma certa coisa e desejo-a. Vejo em vosso jardim uma bela e frondosa árvore e sinto que gostaria de ter aquela árvore em meu jardim. É só isso e nada mais. No ver uma coisa, ocorre a reação, a sensação de prazer, e dessa sensação nasce o desejo. Observai isso para verdes como é simples. Não precisais ler livro algum para descobrir este fato tão simples. Há a percepção de uma bela

casa, de um bonito apartamento, muito limpo, desocupado; ao entrardes nele, dizeis "Eu gostaria de morar aqui". Há primeiramente a percepção visual, o ver; em seguida a reação, a sensação de prazer, da qual resulta o desejo. Eis em que consiste todo o processo do desejo. Naturalmente, ele pode tornar-se mais complicado, mais sutil. Mas, se se compreendem as origens, as raízes, não há necessidade de trepar na árvore para examinar cada ramo, cada flor, cada folha. Quando conhecerdes a natureza do desejo, como se torna existente, não mais tereis necessidade de reprimir o desejo, porque compreendereis tudo o que ele implica.

Mas, para a maioria de nós, admitir o "desejo" significa permitir a expansão e expressão do "eu"; desejo tal coisa, e quero possuí-la. O que quer que seja — uma bela pessoa, uma bonita casa, uma idéia — quero-o para mim. Mas, por que razão se torna existente essa necessidade? Por que nos faz o desejo dizer: "*preciso* possuir tal coisa"? Daí é que resultam as agonias, os esforços e impulsos e ânsias de uma existência coagida. Se isso é bastante simples e claro, por que existe essa ânsia de expressão pessoal, a qual é uma das formas do desejo? Na expressão pessoal, no ser *alguém,* há grande deleite — o deleite de sermos reconhecidos como pessoas importantes, de nos apontarem, dizendo: "Sabe quem é *aquele?*" — e tantas outras banalidades. Podeis dizer que não se trata apenas do desejo, que não se trata apenas do prazer, porque, na base do desejo, deve existir alguma coisa muito mais forte. Mas, não se pode atingir essa coisa sem se compreender o prazer e o desejo. O processo ativo do desejo e do prazer é o que chamamos ação. Desejo uma certa coisa, e trabalho, trabalho, a fim de obtê-la. Desejo tornar-me famoso escritor ou pintor, e faço todos os esforços possíveis nesse sentido. E como, em geral, tombo à beira da estrada e os meus méritos nunca chegam a ser reconhecidos pelo mundo, passo pela agonias da frustração e, por fim, me torno pessimista sardônico ou tomo uma atitude de afetada humildade — com todas as absurdas conseqüências daí decorrentes.

Ora, por que existe essa tremenda exigência de preenchimento? Espero me estejais acompanhando e não apenas a escutar-me verbalmente; porque, se estais escutando apenas verbalmente, nesse caso está terminada a comunicação, a relação, a comunhão entre nós. Como disse no começo, estamos fazendo juntos uma viagem de exploração de *vossa* vida, não da minha.

Estamos, pois, perguntando a nós mesmos qual a razão dessa exigência de preenchimento do desejo. Se desejais um casaco, um terno, uma camisa, uma gravata, um par de sapatos podeis adquiri-lo. Isso é coisa diferente; mas, atrás do persistente esforço visante ao preenchimento, encontra-se, por certo, um sentimento de deficiência, de solidão. Não posso viver comigo mesmo, sozinho, porque, interiormente, sou insuficiente. Vós sabeis mais do que eu, sois mais belo, mais intelectual, mais talentoso, mais *isto* e mais *aquilo,* e eu desejo ser tudo isso e *mais alguma coisa.* Por que isso? Não sei se alguma vez já vos fizestes essa pergunta. Se a formulastes e ela não representa para vós apenas uma pergunta intelectual, teórica, então encontrareis a resposta. Mas só encontrareis a resposta quando a mente não estiver "projetando" uma resposta.

Estais seguindo? Está claro o que estou dizendo?

Quero saber por que desejamos tantas coisas, ou uma só coisa. Queremos ser felizes, achar Deus, ser ricos, ser famosos, completos, ou ser "libertados" (o que quer que isso signifique); conheceis bem tudo isso, nossa ânsia de alcançar alguma coisa. Desejamos um casamento perfeito, uma perfeita relação com Deus, etc. Por quê? Em primeiro lugar, isso indica quanto é superficial a nossa mente, não é verdade? E não indica também nosso próprio sentimento de solidão, de vazio?

Há duas espécies de vazio. Há o vazio em que a mente se olha e se vê vazia; e há o vazio *real* — vazio que desejo preencher, porque não gosto dele, não gosto dessa solidão, desse isolamento, de me ver completamente segregado de tudo. Cada um de nós já deve ter experimentado esse sentimento, superficial ou vagamente, ou com toda a intensidade; e, tornando-nos cônscios dele, tratamos naturalmente de fugir, de encobri-lo com nossos conhecimentos, ou por meio de nossas relações, do ideal de uma perfeita união entre o homem e a mulher, etc., etc. Não é o que realmente acontece? Eu não estou inventando nada. Quem quer que se observe um pouco (e não profunda e radicalmente — isso virá mais tarde), poderá reconhecer esse fato. Começa-se, assim, a descobrir que, ao manifestar-se essa solidão, essa vacuidade da mente, que olha a si própria e se sente vazia, ao mesmo tempo há um impulso, um esforço tremendo, no sentido de preenchê-la, de achar alguma coisa com que encobri-la.

Deste modo, consciente ou inconscientemente, tomamos conhecimento desse estado de — não gosto de empregar a palavra "vazio", que é uma bela palavra. Uma taça, um aposento só é útil se está vazio; se a taça está cheia ou o aposento atravancado de móveis, nenhuma utilidade tem. Em geral, ao nos sentirmos vazios, nos preenchemos com "barulhos" e prazeres de toda ordem, com a fuga, em todas as suas formas. Há o sentimento de vazio e vem-nos o impulso de preencher esse vazio com os objetos do desejo, com o prazer e a continuidade do prazer, o que, por sua vez, cria valores falsos e, conseqüentemente, o conflito em todas as nossas relações. Queremos ter prazer nas relações com nossa mulher ou marido, e se o marido ou a mulher se vira para outra ou outro, enchemo-nos de ciúme, de ódio. Dá-nos prazer nossa nacionalidade, a posição que galgamos no país com que nos identificamos; e quando esse país "se defende", como se costuma dizer (pois isso significa *atacar;* "defesa" e "ataque" não são coisas separadas: são a mesma coisa) e tem início a carnificina, vemo-nos inevitavelmente envolvidos nela.

Conhecemos, pois essa vacuidade, e nossa maneira de a ela fugirmos por meio do prazer, do preenchimento do desejo, etc.

Ora, por que existe tal sentimento? Espero que me estejais acompanhando não verbalmente. Por que existe esse vazio? Ele é inevitável, ou a mente o está criando? Quando empregamos a palavra "vazio", ela tem sentido comparativo, não é exato? Vejo que sois ricos — não materialmente apenas, pois isso nada significa; qualquer homem trabalhador, dotado de habilidade e sagacidade, pode alcançar uma boa situação financeira. Sois ricos sob outros aspectos: tendes certos conhecimentos, sabeis o que significa sentir e viver com riqueza, interiormente; e eu não sou nada, sou estúpido, sou desprezível. A comparação, pois, é o começo dessa vacuidade. Sei que se diz que se não há comparação, não há progresso. Progresso em quê? Nenhum progresso técnico se deve a um só homem, porém é o resultado do labor de todo um grupo. A divisão do átomo, o aperfeiçoamento do automóvel — tais coisas não são produto de uma só pessoa, porém de todo um grupo de pessoas. Mas, nós, como indivíduos, comparamos e dizemos: "Vós sois *alguém;* eu não o sou, mas quero ser." Começa-se, assim, a perceber que a comparação invariavelmente gera o sentimento de vazio; e essa é uma das coisas mais sutis e difíceis

de compreender, porque desde a infância somos criados e ensinados em nossas escolas a comparar, comparar e sempre comparar. Vós sois belos e eu não sou. Obtendes notas altas, e eu notas baixas. Somos, assim, condicionados desde a infância.

Vê-se, pois, que a comparação que a mente faz de si própria com outra mente é o começo do sentimento de vazio. Observai isso; não o ponhais de parte. É uma coisa muito simples.

E há necessidade de comparar? Tenho necessidade de me comparar convosco, que sois *isto* ou *aquilo?* E há progresso, evolução, graças à comparação? Interiormente, é bem evidente que não há. Se comparo o que pinto com o que pintais, não sou um verdadeiro pintor. Se amo e comparo o meu amor com o vosso amor, já não há amor. Isso é o que está sempre acontecendo. Mas, se puderdes viver sem comparação — uma das coisas mais sutis e difíceis de compreender, e também a mais maravilhosa — vereis que a mente já não estará criando essa vacuidade; não se estará comparando com outra e, por conseguinte, se engrandecendo ou diminuindo. E *é possível* viver-se dessa maneira, sem nenhuma tendência a comparar-se com outra pessoa. Começa-se então a compreender todo esse processo, no qual a mente se vê através da comparação e, dessa maneira, se diminui, se torna pequena; e, ao ver-se pequena, deseja tornar-se grande; e tornando-se grande, deseja tornar-se maior. É assim que a mente gera em si própria aquele sentimento de insuficiência, de vazio, de solidão, de onde se originam todas as suas misérias e tribulações.

Vereis então — não amanhã, porém agora mesmo — se ainda estamos em comunhão — vereis então o verdadeiro significado da ação. Nossa vida é ação: vamos ao mercado, cozinhamos, geramos filhos, pensamos, conduzimos nosso carro, olhamos uma árvore, dirigimo-nos ao escritório. Nossa vida é toda ação, ação intensa. Se ficamos sentados tranqüilamente numa floresta, na primavera, podemos ver todas as coisas a transbordar de vida. Nós, em geral, nunca morremos e, por isso, nunca produzimos. A árvore gera novas folhas e, quando as folhas morrem, é maravilhoso olhá-las. Mas, seguimos vivendo no passado, sem nunca morrer e, portanto, sem nunca nos renovarmos; nossa ação é sempre um esforço de imitação, de ajustamento, de seguir o padrão do prazer, e eis por que ela acarreta agonia. Só essa ação conhecemos; dela procuramos fugir — da ação nascida da idéia. O que chamamos pra

zer é uma idéia. Existe o prazer, o prazer *real* — isso é uma coisa. Mas, coisa bem diversa é tirarmos do prazer a *idéia* de prazer, e depois atuarmos segundo essa idéia. A ação é inteiramente diferente da idéia e, conseqüentemente, há contradição entre a idéia e a ação.

Pode-se ver que isso é muito simples — se ainda estamos em comunhão.

Se já não estais comparando, se já não estais sendo impelidos pelo desejo de prazer (o qual é muito sutil, difícil de compreender, mas temos de aplicar-nos com todo o nosso ser a compreendê-lo), vereis então que a ação nunca se estará ajustando a um padrão, será sempre nova, não nascerá de nenhuma idéia. Descobrireis então a maneira de viver neste mundo livre da estrutura psicológica da sociedade; e temos necessidade de libertar-nos da estrutura psicológica da sociedade, constituída de avidez, ambição, crueldade, brutalidade, etc. Podemos então ir muito longe, porque aí começa a verdadeira meditação. O que até agora se chamou "meditação" é pura infantilidade.

Quando a mente já não anda em busca do prazer, já não se acha enredada na contradição entre a idéia e a ação, está então ativa; não há dizer "Estive ativo" ou "estarei ativo", porém, simplesmente, *ativo*. Só há o verbo *atuar,* não no tempo passado nem no tempo futuro, porém no presente ativo. Mas isso só se torna possível ao compreendermos a natureza da avidez, da inveja, da ambição, da competição, do ciúme. Essa compreensão não depende do tempo; porque, se nos servimos do tempo para compreender, criaremos mais desordem.

Temos, pois, de lançar a base da meditação real e a base é esta: descobrir como viver neste mundo, sem dele fugir. Isso significa termos nossas relações, nossa atividade sexual, nosso trabalho, nossas aflições, nossos conflitos, e com eles *vivermos,* compreendendo-os. Se não se compreender a natureza do prazer, da solidão, do vazio; se não se compreender a pressão do desejo de preenchimento em variadas formas, do desejo de *vir a ser,* etc., nunca serão ultrapassadas as limitações que a mente cria para si própria. Por aí se vê por que é absurda a busca de Deus por parte de um homem que é ávido e violento. Seu Deus será produto dele próprio: um deus mesquinho, um ridículo salvador.

Quando se começa a compreender tudo isso, não em teoria, porém na vida real, no viver, pode-se então compreender

a natureza da meditação. Mas, em virtude do horário acho que teremos de adiar isto para a próxima reunião.

INTERROGANTE: A compreensão se alcança lentamente, pouco a pouco.

KRISHNAMURTI: É exato isso? Sei que esta é a obvia asserção que todos fazem: que a compreensão se alcança lentamente, gradativamente. É o que dizemos, e é de acordo com isso que vivemos. Mas assim é de fato? Embora vós o digais e cem milhões de pessoas o digam, isso não significa que seja verdadeira tal asserção. Averigüemos. O tempo produz compreensão? Tenho de dizer-vos, com o devido respeito, que não estais investigando, porém apenas concordando ou discordando. O tempo produz compreensão — uma certa duração, um certo período, um certo lapso de tempo? Posso aprender uma língua em quatro meses. Aprender uma nova técnica, um novo ofício, uma nova maneira de fazer as coisas exige tempo. Mas a compreensão depende do tempo?

Alcançamos a compreensão mediante a experiência? Que é experiência? Aprendemos alguma coisa através dela? Tivemos duas guerras sangrentas e medonhas. Aprendemos alguma coisa — a não ser, talvez, técnicas novas, como por exemplo fabricar aviões melhores? Aprendemos a deixar de entrematar-nos — física, mental e verbalmente, nacional e "comparativamente"? (*) É bem evidente que não.

Considere-se, por exemplo, uma coisa simples como o nacionalismo. Por que somos nacionalistas? Estou examinando este ponto em relação com a compreensão. Eu me identifico com meu país, que é maior do que eu, porque dessa identificação me vem uma certa satisfação. Vós fazeis o mesmo, como francês, outro o faz como alemão ou americano, e todos estamos dispostos a guerrear-nos — por causa de quê? Por causa de nossa identificação com uma idéia. Dizemos que, sendo entes humanos, com nossas paixões, nossos ódios, nossas agonias, nosso nacionalismo, para realizar-se a unificação da Europa, a União Universal, numa palavra, para nos tornarmos uma só humanidade, será necessário tempo. Que significa isso? Significa que não queremos abandonar nossas idiossin-

(*) Isto é, em virtude do nacionalismo, em virtude da comparação. (N. do T.)

crasias, nossas identificações, as quais poderíamos muito bem abandonar imediatamente. Quando percebemos que uma coisa é venenosa, largamo-la incontinenti. Mas nós gostamos de ser chamados franceses, ou ingleses, etc., e por essa razão continuamos agarrados ao nosso nacionalismo, até que, gradativamente, as circunstâncias nos forcem a unir-nos. Dizemos, pois: "Precisamos de tempo para podermos unir-nos."

Do mesmo modo, alegamos que o tempo é necessário para se alcançar a compreensão. É mesmo? Dizemos que é, porque nunca damos atenção a coisa alguma. Só damos atenção a alguma coisa quando se verifica uma forte crise. Mas o mundo se acha sempre num estado de crise — sempre, e não quando nos convém. Neste momento em que estais aqui reunidos, neste salão, está havendo crise, está havendo miséria e fome no mundo; isto talvez não ocorra aqui, em Paris, na França, mas, se tomardes um avião, encontrareis, a umas poucas horas daqui, fome, miséria, doença, coisas horrorosas. Entretanto, aqui estais, confortavelmente recostado em vossa cadeira, a dizer que é necessário tempo para se alcançar a compreensão! A crise aí está, mas não queremos encará-la. Pelo amor de Deus, percebei que a compreensão não requer tempo nenhum! O tempo, como vimos, quando há dias estivemos falando a seu respeito, só pode criar mais desordem. Isso é muito simples, e não desejo considerá-lo novamente.

Surge a compreensão quando nos dedicamos de corpo e alma a alguma coisa; de outro modo, não há compreensão. Isso se faz voluntariamente, com naturalidade e alegria, ou por força das circunstâncias. Neste último caso, a pessoa resiste e acrescenta: "Ora, isso exige tempo."

Como sabeis, quase todos nós somos ciumentos, invejosos, e gostamos disso. Gostamos, porque isso supõe posse, domínio, comparação, o sentimento de sermos donos de alguma coisa, de sermos importantes, etc. Ao percebermos a "estrutura comparativa" com tudo o que ela envolve, ou a achamos boa e com ela seguimos o nosso caminho, ou não a aprovamos. Se não a consideramos boa, de pronto a compreendemos. E, com essa compreensão, mudamos de itinerário.

INTERROGANTE: Quem é que compreende?

KRISHNAMURTI: Quem é a entidade que compreende? Existe alguma entidade quando há compreensão? Digo: "*Eu* com-

preendo", "*Eu* compreendo o que estais dizendo", mas isso é apenas uma maneira de comunicar uma coisa. Ora, no exato momento da compreensão existe alguma entidade que diz "Compreendo"? No momento da alegria *não-causada,* a qual é completamente diferente do prazer — existe, nesse momento, uma entidade que diz "estou alegre"? E, quando dizeis "estou alegre", nesse mesmo instante cessa a alegria. Não sei se já notastes isso. Se dizeis "Sou feliz", sois então feliz?

O mesmo acontece quando estamos completamente atentos. Experimentai-o, individualmente, e vereis que assim é. Olhai uma flor, uma árvore, uma nuvem, qualquer coisa. Olhai-a *não verbalmente,* isto é, sem lhe dardes nome, sem dizerdes que é boa, má, bela, *isto* ou *aquilo*. Olhai-a não verbalmente e, por conseguinte, *atentamente* — "atentamente", no sentido de completamente, de corpo e alma, com todo o ser. Há então um estado de atenção sem nenhum esforço; e existe, nesse estado de atenção, uma entidade que está atenta? A entidade que está atenta, e consciente disso, essa entidade é produto da memória, que é desatenção; pois é só nesse estado de desatenção que existe uma entidade que observa.

Se alguma vez entrardes numa floresta — e espero que o façais — olhai tranqüilamente para uma árvore. Olhai-a, simplesmente. Com "olhar" não quero dizer "olhar apenas com a mente" (pois a mente vê muito mais do que o olho); olhai a árvore com vosso ser total, de modo que estejais em comunhão com ela. Isto não é nenhum fenômeno enigmático ou místico. Entretanto existe algo extraordinariamente misterioso na vida, algo não criado por nossa mente insignificante, essa mente estúpida e deformada. Sentai-vos, e contemplai a árvore, a flor; contemplai-a atentamente, sem concentração. A concentração limita, a concentração exclui. O homem de negócios ou o mercador se concentra numa transação em que visa a algum lucro. Quando uma pessoa deseja isto ou aquilo, concentra-se e, desse modo, limita a mente; a mente se fixa num determinado ponto; mas não é isso o que eu entendo por *atenção*. Ao olhardes uma árvore ou flor, olhai-a atentamente, com toda a naturalidade, e vereis que não existe, então, nenhuma entidade no papel de observador, experimentador, pensador — porque então *o observador é a coisa observada.*

23 de maio de 1965.

SANIDADE MENTAL E MEDITAÇÃO

(Paris IV)

Uma das coisas mais difíceis desta vida parece-me ser a comunicação racional e inteligente entre pessoas; difícil, porque temos de fazer uso de palavras, e estas nós interpretamos segundo nos causam prazer, dor, desgosto; e traduzimo-las sempre nos termos de nossos próprios conhecimentos e cultura. Em tais condições, a comunicação se torna bastante difícil, principalmente quando se trata de questões não propriamente materiais, porque, então, se necessita de maior penetração e clareza, não só no escutar, mas também no expressar.

Nesta tarde desejo falar sobre um assunto talvez um pouco estranho para vós — estranho, mas não porque eu esteja representando o meu país de origem; desejo investigar esse estado que se chama *sanidade.*

É dificílimo ser perfeitamente *são,* pois mui poucos de nós somos verdadeiramente equilibrados, sãos, racionais, clarividentes. Ter sanidade é não estar em contradição dentro de si, é ser, interior e exteriormente, sobremodo equilibrado — e isso significa que, psicologicamente, há ordem. Esse estado de sanidade é muito raro. Um dos sinais de sanidade é a inexistência de contradição interior, de qualquer desequilíbrio. É um estado de perfeita correspondência — real e não teórica — entre o pensamento e a ação. O que pensais é o que fazeis; não há contradição entre as duas coisas, e a crença é inexistente, porque estais ocupados com fatos, com o que *é,* e não com o que *deveria ser.* O que *deveria ser* não é real; a realidade está no "que é". A mente que deseja compreender a natureza da *sanidade* e da ordem deve por

certo estar livre de toda a crença, dogma, superstição, ideal, porque, obviamente, tudo isso contradiz o que realmente *é*: e, quando existe essa contradição (e ela existe na vida de quase todos nós), dela resultam várias formas de desarmonia e desequilíbrio.

Assim, parece-me que, para podermos investigar, por nós mesmos, se existe isso que se pode chamar a Verdade, algo que se acha muito além das meras *projeções* da mente sutil, sagaz, filosófica, ou daquela que foge da rotina diária da existência física, de tédio e de ajustamento — para, individualmente, podermos investigar isso, deve haver uma ordem extraordinária em nossa vida; "ordem", no sentido de não haver contradição de espécie alguma. Porque a contradição gera o desequilíbrio — como acontece ao homem que deseja a paz, porém na vida real tudo faz para não ter paz. São duas coisas incompatíveis, e a perturbação, a tensão motivada por essa contradição gera, dentro em nós, a inimizade e acarreta aquela falta de equilíbrio, de *sanidade*.

Pois bem; vou falar a respeito de algo que não é oriental nem ocidental, algo a que costumamos referir-nos com a palavra "meditação". Porque, a meu ver, se não sabemos meditar, ou se nossa mente não se acha num estado de meditação, muito perdemos na vida. Presentemente, nossa vida é bastante superficial, vazia, estúpida; e, quando uma mentalidade limitada tenta adivinhar o que é misterioso, incognoscível, o que ela cria é obviamente uma imagem de sua própria limitação. A questão, pois, é se a mente vulgar, a mente que está cheia de preocupações, de desespero, que luta ansiosamente para mudar, para *tornar-se* alguma coisa — se essa mente insignificante é capaz de transformar-se, de romper suas limitações, ampliar seus horizontes; pois, se disso não for capaz, é quase impossível haver *sanidade*. Sanidade é ordem, tanto exterior como interior; e é também muito importante a maneira de estabelecer essa ordem.

Interiormente, quase todos nos achamos em extrema desordem. Podeis ter muita cultura, conhecimentos muito bem coordenados, clareza objetiva; por fora, podemos mostrar muita firmeza, muita habilidade no argumentar, porém, interiormente, achamo-nos, quase todos, confusos e em conflito. Isso se pode observar na vida de muitos escritores talentosos. Porque têm talento e se acham em contradição consigo mesmos, sob forte pressão e tensão, produzem literatura de todos os gêneros,

mas basicamente, essa produção é obra de espíritos doentes. E, geralmente, ouso dizer, estamos confusos; não há claridade interior. Essa claridade não pode ser descoberta com a ajuda de outrem, nem por seguirmos alguma autoridade ou sistema de pensamento, antigo ou moderno. Tal claridade é ordem; e a ordem, em seu sentido fundamental, sutil, é virtude. A moralidade que a sociedade impõe não é absolutamente moralidade. A moralidade social é imoralidade, porque causa toda espécie de contradição, toda espécie de ambição e competição. A sociedade, por sua própria natureza — seja a do mundo comunista, seja a do mundo ocidental — produz, com efeito, um conformismo externo, social, a que se chama "moralidade"; mas, se a examinarmos profundamente, perceberemos que essa moralidade é imoral.

Estou falando sobre a virtude — a qual nenhuma relação tem, absolutamente, com a sociedade e sua pretensa moralidade. A virtude só pode tornar-se existente quando há, em nosso interior, ordem psicológica. Quando compreendemos a estrutura social — a estrutura psicológica da sociedade, da qual fazemos parte — nessa compreensão há ordem, e da ordem vem a virtude. Sem a virtude, não há para a mente nenhuma possibilidade de clareza, *sanidade;* por conseguinte, a sanidade e a virtude andam juntas. Considero importantíssimo compreender isto, porque, para a maioria, a virtude se tornou muito cansativa, coisa ridícula e antiquada, sem significação, principalmente no mundo moderno. Não se entenda que estou advogando a superficial moralidade da sociedade; estamos investigando juntos — espero — esta questão: o que é a verdadeira virtude.

Assim como mantemos nosso quarto bem arrumado, limpo, agradável — e isso fazemos todos os dias — assim também há necessidade de ordem interna; mas, a ordem interna exige muito mais atenção, exige percebimento de tudo o que se passa na esfera íntima. A mente deve estar consciente de todos os seus pensamentos e sentimentos, de seus desejos e ânsias, patentes e secretos; dessa percepção resulta a ordem, que é virtude.

Se se investiga um pouco mais profundamente a virtude, percebe-se que ela não é uma coisa que se pode conservar permanentemente; e nisso consiste a beleza da virtude. Não se pode dizer: "Aprendi o que significa ser virtuoso, e não há mais o que aprender." A virtude não é um fenômeno contí-

nuo, permanente. A virtude é a ordem que renasce a cada momento e, por conseguinte, nela existe liberdade, e não revolta. Como vos fiz ver outro dia, revolta não é liberdade, a revolta fica sempre dentro do padrão social; e a liberdade está fora desse padrão. O padrão ou molde da sociedade é psicológico: é inveja, avidez, ambição, os variados conflitos em que tomamos parte. *Nós somos* a sociedade que nós mesmos criamos; e se não estamos livres dela, não há nenhuma possibilidade de ordem. A virtude, pois, é de suma importância, porque traz a liberdade. E nós *devemos* ser livres; mas não é isso o que quer a maioria das pessoas. Poderão desejar liberdade política — liberdade para votar num certo político, ou liberdade nacional; mas isso não é liberdade, absolutamente.

A liberdade é coisa inteiramente diferente; e a maioria de nós não deseja a liberdade interior, no sentido profundo da palavra, porque isso significa que o indivíduo terá de ficar completamente *só,* sem nenhum guia, nenhum sistema, sem seguir nenhuma autoridade. Para tanto, requer-se, dentro em nós, uma ordem extraordinária. Em geral, desejamos ter o amparo de alguém e, se não de uma pessoa, o amparo de uma idéia, de uma crença, de uma norma de conduta, de um padrão estabelecido pela sociedade, por um certo líder ou pessoa considerada "espiritual", ou por nós mesmos fixado.

Assim, em regra aceitamos a autoridade. E cumpre tornar bem claro, aqui, que a autoridade a que nos estamos referindo não é a autoridade da Lei do país. Referimo-nos à autoridade que seguimos por medo de nos vermos sós, medo de firmar-nos sobre nossas próprias pernas; de não contarmos com ninguém para termos uma norma de vida, de conduta, ou clareza interior. Porque essa espécie de autoridade gera o menosprezo, gera a inimizade e a divisão entre os homens. O homem que busca a verdade não reconhece autoridade nenhuma, em tempo algum, e esse estar livre da autoridade é para nós uma das coisas mais difíceis de compreender, não só no mundo ocidental mas também no Oriente, porque pensamos que alguém pode pôr em ordem a nossa vida — um salvador, um mestre, um instrutor espiritual, etc. — coisa inteiramente absurda. Só mediante nossa própria clareza, nossa própria investigação, percebimento, atenção, começaremos a aprender todos os fatos relativos a nós mesmos; e desse aprender, dessa autocompreensão, vem a liberdade e a ordem e, por conseguinte, a virtude.

Assim, a percepção de que devemos estar inteiramente sós vem quando começamos a compreender-nos. O autoconhecimento é a base da sabedoria, e a sabedoria vem sempre só, pois não pode ser adquirida por meio de livros e de citações alheias. A sabedoria é algo que tem de ser descoberto por cada um, e não constitui um resultado do saber. O saber e a sabedoria não andam juntos. Surge a sabedoria na madureza do autoconhecimento. Sem autoconhecimento, não é possível a ordem e, por conseguinte, não há virtude.

Agora, aprender a respeito de si mesmo e acumular conhecimento acerca de si são duas coisas diferentes. Prestai um pouco de atenção. Espero que aqui não estejais a seguir-me ou meramente a aceitar o que estou dizendo, pois estamos investigando e descobrindo em cooperação. Estamos viajando juntos e, por conseguinte, estais tão vigilantes como o orador, trabalhando tão intensamente como ele, e isso significa que pesquisamos juntos.

Aprender e acumular conhecimentos são duas coisas diferentes. A mente que adquire saber jamais aprende. O que faz é só isto: acrescenta a si própria informações, experiência, na forma de conhecimento, e do fundo constituído por tais acumulações ela "experimenta" e, por conseguinte, nunca está realmente a aprender, porém a tornar-se mais sabedora, a adquirir mais e mais.

Terei de falar por mais algum tempo, e depois podeis fazer-me perguntas.

Aprender é sempre do presente ativo, não conhece o passado. No momento em que dizeis "Aprendi isso" — "isso" já se tornou conhecimento e, com esse fundo de conhecimento, podeis continuar a acumular, a traduzir, mas não continuareis a aprender. Só a mente que não está adquirindo, porém sempre *aprendendo,* poderá compreender, em todos os seus aspectos, essa entidade que chamamos EGO. Tenho de conhecer a mim próprio, a estrutura, a natureza, o significado da entidade total; mas tal não é possível se estou repleto de conhecimentos e experiência previamente adquiridos, ou se minha mente está condicionada, porque, então, não estou aprendendo, porém, meramente, interpretando, traduzindo, olhando com olhos empanados pelo passado.

Há, pois, enorme diferença entre saber e aprender. O saber tolhe a mente, ao passo que o movimento do aprender a

liberta. Tenho de aprender continuamente sobre minha pessoa porque *o que eu sou* é uma entidade extraordinária, viva. A todo instante ocorre uma mutação, uma grande variedade de sugestões, de reações, e tudo isso tenho de observar, de aprender. Mas, se estou observando com a experiência e os conhecimentos previamente adquiridos, não estou aprendendo. Espero que isso esteja mais ou menos claro.

O aprender a respeito de si mesmo — não só as próprias reações fisiológicas e todas as compulsões e exigências biológicas, mas também o movimento interior do próprio pensamento — é necessário, para que se possa estabelecer a ordem. Só então pode começar a meditação. Como sabeis, há uma enorme quantidade de livros sobre meditação, e uma multidão de instrutores e indivíduos sagazes que têm escrito sobre como meditar, o que fazer. Não sei se estais interessados nisto. Se não, deveis estar, porque desconhecer o significado da meditação é a mesma coisa que ter só um braço ou nenhum. A maioria de nós anda em busca do misterioso, porque percebemos que nossa vida tem muito pouco sentido e significação. A rotina de freqüentar um escritório, de fazer e tornar a fazer, interminavelmente, uma certa coisa agradável ou desagradável, o incessante ajustamento a um dado padrão — tudo se nos torna cansativo e, por conseguinte, tratamos de buscar algo de misterioso, algo de extraterreno, de um outro mundo. Pensamos, pois, que, com isso que chamamos "meditação" — e que é uma das invenções da Ásia — encontraremos essa coisa extraordinária, uma realidade não construída pela mente.

Ora, muito importa compreender o que é meditação, porque na verdadeira meditação há grande beleza, uma grande intensidade, e só a mente que medita sabe o que é o amor. Ordinariamente, não sabemos o que é o amor. Conhecemo-lo em relação com o prazer, mas não conhecemos a natureza do amor que não nasce do prazer. Isto é, quem quer que o observe, percebe que o amor, tal como o conhecemos, está sempre relacionado com o prazer: o prazer físico, o prazer de ter companhia, o prazer da associação, o prazer que se experimenta em amar a outrem, amar a pátria, etc., etc.

Ora, o prazer, como há dias assinalei, é produto do desejo, mas há uma ligeira, uma sutil diferença entre desejo e prazer. Não sei se já notastes, por vós mesmos, que, quando surge o desejo, o pensamento lhe dá continuidade. Vejo algo belo

— uma casa, um carro, o que quer que seja — e verifica-se a reação do desejo; e o pensamento dá então continuidade ao desejo, que é prazer. Olho uma árvore, ou pessoa, e daí provém uma reação normal, saudável, *sã*. Mas, o que dá continuidade, duração a essa reação, é o pensar nela; por conseguinte, pensar no desejo é prazer. E a continuidade do desejo, como prazer, nega obviamente o amor.

Outrossim, para estabelecermos a ordem interior necessitamos de atenção e de um percebimento de quanto se passa, a cada momento, dentro de nós — sem rejeitar, sem fugir, porém simplesmente percebendo tudo, sem escolha.

Há enorme diferença entre atenção e concentração. Quando estais concentrados, vossa mente está totalmente focada numa determinada coisa, e quando a pessoa tem muita prática a tal respeito, pode erguer uma muralha que não deixa nada mais entrar. A concentração é exclusão, resistência e, por conseguinte, uma contradição, ao passo que a atenção é um estado de percebimento, portanto coisa muito diferente. Sabeis o que significa estar atento, cônscio? Estamos cônscios das dimensões deste salão, cônscios de sua deselegância ou desproporções; estamos cônscios dos presentes, das cores de seus trajes; cônscios do que se está passando exteriormente. Mas, *não* estamos verdadeiramente cônscios, se dizemos: "Não gosto daquela pessoa, daquela cor" — porque então detivemos o movimento do percebimento. Temos de estar cônscios do lugar, das cores, etc., sem nenhuma escolha. Estamos então aprendendo muito mais, nossa mente se acha muito mais ativa.

Do percebimento exterior e, por assim dizer, transportada por essa vaga, a mente começa a tornar-se cônscia interiormente. Observai a vós mesmos, o movimento de vosso próprio pensamento, notai como ele está condicionado, percebei sua natureza, sua sutileza, seus antecedentes (*back-ground*). Se vos concentrais nisso, não podeis observar. Se tomamos um segmento isolado da totalidade e tentamos aprender alguma coisa a respeito desse segmento, vemo-nos num estado de contradição. Mas se, exteriormente, a mente se acha cônscia, sem escolha, e começa a mover-se para o interior, então desse percebimento, em que não há escolha, provém, naturalmente, a atenção.

Quando estamos atentos a uma coisa — como talvez estejais agora ao que se está dizendo — estamos atentos com

todo o nosso ser, não é exato? Estamos completamente cônscios, completamente atentos — com nosso corpo, nossos nervos, nossos olhos, nossos ouvidos, nossas emoções, nosso intelecto. Nesse estado de atenção, não existe nenhuma entidade que está atenta: só há atenção. Não estou falando grego ou dizendo coisas fantásticas. Trata-se de uma coisa muito simples, quando a fazemos realmente. Havendo concentração, que é um processo de exclusão, há também resistência e, por conseguinte, contradição. Mas, quando há atenção, nenhuma contradição existe, porque a mente atenta é capaz de concentrar-se sem nada excluir. Essa atenção não é um estado passível de desenvolver-se através do tempo; pois, como já acentuei, o tempo gera a desordem.

Não sei se desejais que eu continue a examinar esta questão. Já o fizemos suficientemente, não?

Se eu adio a ação, se digo que amanhã mudarei, entre agora e amanhã haverá pressões, influências e movimentos, de toda espécie. Por conseguinte, o tempo não produz a ordem. Só no momento imediato pode haver ordem, e não por meio do tempo. Só é possível a ordem quando se compreende toda a estrutura e natureza do tempo.

Tendes pois de compreender a estrutura externa da vida, estar em comunhão com ela, para, então, passardes do exterior para o interior, a psique, aquele feixe de memórias que sois vós mesmos, com todos os vossos condicionamentos, vossas tradições, esperanças, temores, desesperos, ânsias; e, para percebermos essas coisas, a elas estarmos atentos e, por conseguinte, dissolvê-las, não necessitamos do tempo. Quando assim procedemos, nossa mente se torna penetrante, clara, sutil, porque já não existe nenhuma contradição, nenhum esforço para ser ou "vir a ser". Contradição significa esforço. A mente que forceja para ser isto ou aquilo acha-se num estado de confusão; e todo e qualquer esforço que faça a fim de esclarecer-se, aprofundar-se, só produzirá mais escuridão, mais confusão.

Esse processo total é meditação.

Para a maioria de nós, a beleza é um estímulo, uma reação. Dependemos de um estímulo para sentir ou ver a beleza. Dizemos "Que belo crepúsculo!", ou "Que belo edifício!" — Mas, há uma beleza que não é estímulo nem resulta de nenhum estimulante, e essa beleza não pode existir sem uma

grande simplicidade. A simplicidade não depende do muito ou do pouco que temos, porém se torna existente quando há a clareza do autoconhecimento, do aprendermos a respeito de nós mesmos; e essa simplicidade constitui a natureza da humildade, que é austeridade.

Tudo isso é necessário para podermos ultrapassar as limitações da mente. Ora, *quem* é a entidade que as ultrapassa? Como disse, quando estamos intensamente cônscios, intensamente atentos, nenhuma entidade existe. Fazei isso, uma vez — espero que o estejais fazendo agora — para verdes a exatidão do que estou dizendo. Se estais inteiramente atentos ao que digo, só há *audição* e não existe nenhum "eu" a escutar a palavra. Quando a mente está interiormente atenta, e alcançou esse estado de atenção completa mediante a compreensão externa da natureza da palavra, não há então nenhuma entidade que diz "Ultrapassarei a palavra."

Se estamos atentos, há um grande silêncio em nosso interior, não é verdade? Quando estais de fato escutando o que se está dizendo, com todo o vosso ser — sem aceitar, sem traduzir, sem rejeitar, sem tentar compreender, porém simplesmente atentos — vossa mente se acha então extraordinariamente quieta, não é exato? Há um silêncio que não é artificial, que não foi criado pela vontade, pelo esforço. Vem esse silêncio quando se compreendeu toda a estrutura do EGO, e, onde há silêncio, há espaço. A mente que está em silêncio, que tem espaço — só ela conhece a beleza que não é estímulo.

Esse processo, todo inteiro, é meditação.

Se vos interessa, podeis agora fazer-me perguntas, para conversarmos sobre o que estivemos dizendo.

INTERROGANTE: Podemos ultrapassar a nós mesmos, sem sofrer?

KRISHNAMURTI: Ora, vejamos o que é sofrer. Que é sofrimento? Que é aflição? Há certas coisas que causam sofrimento: a morte de alguém que amamos, a impossibilidade de nos preenchermos, de termos uma mente lúcida, vigorosa, sã, de sermos amados. Há muitas formas e sintomas de sofrimentos; mas, se observais todos esses sintomas, que descobris a respeito do sofrimento? O que é, na verdade, o sofrimento? Perco um ente querido — meu filho, minha mulher, meu pai — e sofro. Qua significa isso? Em primeiro lugar,

nesse sofrimento há uma grande parte de autocompaixão, porque perdi alguém de quem *eu* dependia, alguém que eu amava e me vejo agora privado desse companheiro — sozinho! Portanto, um dos fatores do sofrimento é a autocompaixão. Não o negueis, por favor!

INTERROGANTE: Não me refiro ao sofrimento causado pelo EGO, porém ao sofrimento resultante da cessação do EGO.

KRISHNAMURTI: Oh, peço-vos perdão. Voltaremos daqui a pouco ao que estivemos dizendo. Quando me vejo como sou, diz aquele senhor, isso gera sofrimento. É essa a vossa pergunta?

INTERROGANTE: Não, senhor.

KRISHNAMURTI: Desculpai-me, não estou entendendo. A diculdade aqui se refere à comunicação. Francamente, não entendo o que tentais dizer-me. Não estais dizendo que, ao perceber o que realmente sou, isso me causa sofrimento? Suponhamos que eu seja mentiroso, e me vejo tal como sou; por que deveria isso causar-me sofrimento? O que estou vendo é um fato. Mas, eu tenho uma certa imagem de mim próprio, considero-me um homem muito honesto e, por conseguinte, essa imagem está em *contradição com o fato. Essa contradição* acarreta o conflito que chamamos "sofrimento". Mas, o percebimento do fato, do que *é,* de modo nenhum, nem em tempo algum, pode causar sofrimento. Quando a imagem que tenho de mim entra em conflito com o que *é,* só então tem início o conflito que chamo "sofrimento".

INTERROGANTE: Eu só queria perguntar-vos se é possível alcançar o autoconhecimento sem esse sofrer.

KRISHNAMURTI: Sem dúvida. Se há sofrimento, de qualquer espécie que seja, não há autoconhecimento. Se, ao começarmos a investigar-nos, existe algum sofrimento, isto é, se a auto-investigação produz amargura, já não é auto-investigação.

INTERROGANTE: Se um espectador, assistindo a um drama, se absorve completamente nesse drama é esse o estado de atenção total?

KRISHNAMURTI: Estais assistindo a um drama, e este se torna tão interessante que vos absorve completamente. Não há, nesse momento, *vós,* porque a peça vos absorveu com todas

as vossas inquietações, ansiedades e temores. Agora, qual a diferença entre essa absorção e a absorção da criança num brinquedo novo? Pode ser que a criança seja desobediente, turbulenta, dada a toda espécie de travessuras, mas, dê-se-lhe um brinquedo muito interessante, e ei-la que nele se absorve inteiramente. Tão interessante é o brinquedo, que a criança se esquece inteiramente de suas tranquinices. Qual a diferença entre as duas espécies de absorção? Um drama, um livro, um ofício religioso, uma idéia, uma crença, uma peça musical, um quadro, o que quer que seja, vos absorve e vos esqueceis como pessoa. Desse modo, o que se tornou importante foi o quadro, o brinquedo, e não a autocompreensão. Podeis ficar absorto uma hora inteira numa peça teatral, mas, voltando a casa, de novo vos encontrais com vós mesmo, com vosso velho EGO. Assim, se nos deixamos absorver por qualquer coisa, pela propaganda, pelas exigências nacionalistas, ou se nos identificamos com alguma coisa — e isso é também uma forma de absorção — nesse estado não há aprender; por conseguinte, não há liberdade, e, conseqüentemente, não há virtude. A mente que se absorve num brinquedo, por mais gracioso e bonito que seja, por mais importante que seja considerado, está evidentemente fugindo de si própria. Essa mente permanece em desordem e suas ações produzem mais desordem, mais confusão no mundo.

INTERROGANTE: O percebimento de que a vida é impermanente não causa sofrimento?

KRISHNAMURTI: Decerto, senhor. Mas é um fato notório que a vida é impermanente, não? Vossas relações são impermanentes, vossos pensamentos são impermanentes, vossos preenchimentos, vossas ambições, vossos esforços, e realizações são impermanentes, tudo isso porque existe a morte. Mas, que necessidade há de sofrermos por causa da impermanência? Efetivamente, a impermanência existe. É um fato. Mas vós não quereis admiti-lo e dizeis: "Deve haver alguma coisa que é permanente." Tendes a imagem da permanência e, assim, em face da impermanência, surge-vos um sentimento de desespero. Distanciais de vós a morte, que é a essência da impermanência, e, por isso, existe um intervalo, um vão, entre vós e aquilo que chamais "a morte". Aqui estais a viver cada dia com vossas rotinas, vossas inquietações, vossas frustrações, vossas ambições, e, lá longe, está a morte. Nela pensais. Tendes visto a morte e sabeis que também morrereis, um dia, e pen-

sais nesse dia. É o pensamento a respeito do futuro, como coisa impermanente, que gera o medo. Escutai, por favor. Mas, se trouxerdes a morte — que pusestes no futuro — para o presente, em que estais ativo, cheio de vitalidade e vigor, *são*, estareis então "vivendo com a morte"; estareis morrendo a cada minuto para tudo o que conheceis. Afinal, só aquilo que termina pode ter um novo começo. Olhai a primavera. Quando chega a primavera, após o longo inverno, aparecem folhas novas, torna-se presente algo de novo, de tenro, juvenil, purificado. Mas nós temos medo de acabar; e acabar, afinal de contas, significa *morte*. Tomai uma única coisa, algo que vos proporciona extremo deleite ou dor, a lembrança de alguém, uma lembrança que vos causa tristeza ou prazer — tomai-a e acabai com ela, morrei para ela, não amanhã, porém imediatamente. Fazei-o, e vereis suceder algo de novo, vereis surgir uma mente nova. Só há criação quando tudo que é velho deixa de existir.

27 de maio de 1965.

VIVER SEM CONTRADIÇÃO

(Paris V)

A PALAVRA NÃO é a coisa que representa; a palavra não é ação. Mas, em maioria, vivemos sob a influência de palavras, de imagens, de símbolos e, por conseguinte, a ação jamais produz energia; e a pouca ou muita energia de que dispomos, dissipamo-la com as nossas contradições. Raramente percebemos a realidade do fato de que a energia ou a paixão acompanha a ação; que ação é energia. Não necessitamos primeiramente de energia a fim de agirmos; mas, quando se percebe que a palavra não é a coisa, a ação, e, por conseguinte, se começa a compreender a estrutura, o significado, o conteúdo da palavra, há então ação — e esta ação é que produz a energia apaixonada e inalterada, que nada, absolutamente, tem em comum com o entusiasmo.

Não é possível a ação produtiva de energia enquanto existe contradição interior; e quase todos temos, consciente ou inconscientemente, muitas formas de autocontradição, de algumas das quais estamos cônscios, enquanto de outras não temos conhecimento. Toda a nossa vida se acha enredada nesse estado de contradição e, por conseguinte, não há uma ação clara, direta — a única que produz energia. E a energia é necessária, não só a energia física, mas também uma energia apaixonada e inalterável, com a qual podemos agir plenamente. Considero, pois, importantíssimo compreender a natureza dessa contradição — a contradição entre a palavra e o ato, a contradição entre as intenções e ânsias conscientes, por um lado, e os impulsos inconscientes, as ocultas exigências, os secretos desejos e ânsias, por outro lado. Essa contradição, em variadas formas, existe em todas as nossas atividades, em todos os desejos e ocupações da existência humana.

Em geral, estamos conscientes dessa contradição interior se de algum modo percebemos nossas atividades, nossos pensamen-

tos e estados psicológicos. Por conseguinte, tentamos promover uma integração dentro em nós, e, para mim, esse ato, essa tentativa de integração é puro contra-senso. Não se podem integrar os opostos; não há nenhuma possibilidade de integrar o amor e o ódio. Ou odiamos, ou amamos: não há possibilidade de se efetuar uma combinação de ambos, uma integração dos opostos. Deve, pois, ficar bem claro — pelo menos por agora — que a tentativa de realizar a integração interior nada significa. O importante é compreender a contradição e, assim, ficar livre dela.

Para nos libertarmos da contradição, temos, primeiramente, de nos tornarmos conscientes dela; e provavelmente nem todos a percebemos. Vamos, simplesmente, seguindo nosso caminho habitual. E ao darmos com essa enorme contradição, existente não só em nossa vida exterior, mas também mui profundamente, dentro de nós, que sucede? Como para ela não achamos solução, nenhuma possibilidade de libertação, voltamo-nos para aquilo que chamamos Deus, para aquela estrutura de crença, dogmas, ritos e autoridade, conhecida em geral pelo nome de "religião". Ou aceitamos a vida tal como se nos oferece e nenhuma significação lhe damos — como estão tentando fazer vários escritores modernos. Rejeitaram toda a estrutura da Igreja, da religião organizada — como o deve fazer todo homem inteligente, já que, de fato, ela nada significa; mas, vendo-se, então, forçados a enfrentar suas próprias contradições, seus ódios, esperanças, frustrações, sua total impotência, dizem eles: "A vida não tem significação nenhuma; tratemos, pois, de tirar dela o melhor partido possível" — e inventam uma filosofia do desespero. Existem, por conseguinte, estes dois e contraditórios extremos.

Pois bem. No meu sentir, é perfeitamente possível desarraigar todas as contradições — mas não por ato da vontade, porque a vontade, por sua vez, gera em si contradição. Acho necessário compreender este fato muito profundamente, porquanto somos educados para exercer a vontade de todas as maneiras possíveis; somos ensinados a superar, a negar, a afirmar, a determinar. E, se se observa a natureza da vontade, percebe-se que ela é, em si própria, uma forma de resistência e, portanto, intrinsecamente, um estado de contradição.

Assim, vivendo, como vivemos, neste mundo, exercendo nossos empregos, mantendo nossas famílias, sujeitos a todas as exigências da vida moderna, temos alguma possibilidade de viver sem contradição de nenhuma espécie, em qualquer nível

que seja do nosso ser exterior ou interior? É possível vivermos sem contradição alguma e, por conseguinte, agir de maneira tal que a própria ação seja energia? Se nos observamos, percebemos que, quanto mais ativos estamos, fisicamente, tanto mais energia temos. Não é o inverso disso que se verifica — isto é, não precisamos primeiro ter energia, a fim de agirmos. Pelo contrário, quanto mais agimos, tanto mais energia existe, biológica e psicologicamente. A própria ação é energia; não há primeiro ação e depois energia — ou primeiro energia e depois ação. Não há primeiro a idéia e depois a ação. A idéia nunca proporciona essa energia inalterável, ainda que possa dar-nos um estímulo, um entusiasmo momentâneo. É a ação que produz a energia, da qual resultam as ações ulteriores.

Para compreendermos a contradição de nossa vida, temos de penetrá-la muito profundamente (a contradição); e aí é que se nos apresenta o problema. Queremos que nos digam o que fazer; queremos ajustar-nos a algum padrão, ou seguir a alguém, esperando, assim, sublimar, negar ou reprimir todas as formas de contradição — maneira muito superficial de proceder. Assim, para investigarmos a questão da contradição, temos de aprofundar-nos muito mais. A profundidade não é comparável à superfície. A superfície é uma coisa, a profundidade outra. Quase todos vivemos na superfície e, por conseguinte, quando tentamos passar ao interior, tratamos meramente de movimentar-nos; a atividade que denominamos "passar ao interior" é, em si, geradora de contradição. Espero esteja claro isto.

Quando emprego as palavras "penetrar fundo", não estou entendendo "passar do exterior para o interior". Se o fazeis, apresenta-se imediatamente uma contradição entre o "exterior" e o "interior". Penetrar fundo significa compreender a contradição; e é necessário compreendermos a contradição, para podermos ter paz, não só dentro em nós, mas também na sociedade de que fazemos parte. Devemos ter paz; não guerra e paz. A paz, presentemente, é apenas um intervalo entre duas guerras. Para compreendermos esse extraordinário estado de contradição, altamente complexo e sutil, não podemos simplesmente atacá-lo exteriormente ou procurar remediar os sintomas; o que temos de fazer é penetrar-lhe as próprias raízes.

A raiz da contradição é a separação existente entre o pensador e o pensamento. Para a maioria de nós existe um largo intervalo entre o "observador" e a "coisa observada",

entre o "pensador" e o "pensamento", entre o "centro que experimenta" e a "coisa que se experimenta"; e é esse intervalo, vão, ou demora que é a verdadeira fonte da contradição.

Espero não estejais meramente ouvindo minhas palavras — pois isso não constitui o ato de escutar — porém vos estejais servindo das palavras do orador, para descobrirdes, por vós mesmos, o largo intervalo existente entre a idéia e a ação, esse real estado de separação entre o pensador e o pensamento, em que o "pensador" tenta controlar, dominar, modificar ou reprimir o pensamento, em seu esforço para ter paz. Enquanto houver "pensador", um censor a determinar o que é bom e o que é mau, haverá inevitavelmente essa constante separação criada pelo "pensador", a qual, obviamente, sustenta a contradição. Este é um fato que deveis descobrir diretamente, e não apenas aceitá-lo porque alguém vo-lo está mostrando; e esse próprio descobrimento é o começo daquela energia com a qual tendes a possibilidade de atacar a raiz do problema da contradição. Há enorme diferença entre nos dizerem que temos fome, e a própria fome que, por nós mesmos, conhecemos. De modo idêntico, se admitis essa separação entre o "pensador" e o "pensamento", só porque vos dizem que ela existe, isso não será para vós uma revelação vital. Mas se, pessoalmente, descobris a separação, e percebeis como um fato real, esse próprio percebimento produz a energia necessária a extinguir a contradição.

Espero que tudo esteja suficientemente claro, até aqui.

Havendo na mente uma forte contradição, esta produz uma certa tensão. Quanto maior a tensão e maior a capacidade de expressão do indivíduo — como escritor, artista, político — tanto mais desgraças ele criará não só para si mesmo, mas também para o público. Não sei se já observastes este fato. Se um indivíduo, achando-se num estado de contradição, tem capacidade para escrever ou pintar ou se, por infelicidade, é político, *criará ele maiores desgraças para o homem* e *também* para si próprio.

É necessário, pois, compreendermos a grande profundeza e o significado da contradição, para dela nos libertarmos completamente; porque, de outra maneira, o amor não pode existir. O que conhecemos do amor é apenas um estado contraditório, em que há ciúme, ódio, antagonismo. Amor não é o prazer carnal que denominamos "amor", e tampouco é o suposto amor que está ligado ao ódio, à inveja, à ambição. O homem ambicioso, é óbvio, nunca conhecerá o amor. Quando o ambicioso,

aquele que compete, fala a respeito de paz, o que diz nada significa. Só existe paz quando vossa mente não compete, não compara e, por conseguinte, nenhuma contradição há em vós. Assim para se poder criar uma diferente estrutura social, uma diferente sociedade, é absolutamente necessário compreender a natureza e o significado dessa contradição interior.

Em geral, lutamos para preencher-nos, seja pintando, escrevendo, fazendo isto ou aquilo, seja por meio da família — e isso, mais uma vez, é um indício de contradição. Direis, então: "Mas, o homem não deve expressar-se?" "Isso não é próprio de sua natureza?" Mas tal, naturalmente, é pôr a carroça à frente do cavalo, não achais? Por que fazer tanta questão da expressão? Podeis, ou não, expressar-vos; mas, *se fazeis questão* de expressar-vos objetivamente — pintando, escrevendo versos ou um livro, por meio de um gesto ou do que quer que seja, então essa própria insistência é um indício de contradição.

Assim, como estava dizendo, a raiz da contradição é essa separação existente entre o "pensador" e o "pensamento"; e esses dois não podem integrar-se. Mas, se observardes a estrutura do "pensador", vereis que ele não existe quando não existe pensamento. O pensamento é que gera o "pensador", o "experimentador", a entidade criadora do tempo e que é a origem do medo.

Quase todos nós, de formas várias tememos. Observai vossos próprios temores enquanto estamos falando; observai os secretos temores, existentes em vossas íntimas profundezas. Obviamente, existe o medo fundamental à morte. Temendo a morte, procuramos escapar a esse medo através da crença, através de idéias tais como ressurreição, reencarnação, etc. etc. Ou tratamos de racionalizar a morte, ou temos uma crença; e tanto a racionalização como a crença são meios de evitarmos o medo da morte, meios de fuga, que criam contradição.

Consideramos a morte como algo oposto ao viver. Mas, para compreender a morte, temos de compreender a vida, e isso significa que devemos examinar a nossa vida e descobrir o que ela é. Que é a nossa vida — não teórica ou hipoteticamente, não como *deveria ser,* porém que é ela realmente? Uma série de memórias, um feixe de experiências acumuladas, de aflições e dores, alegrias e desespero; é a agonia e as ânsias da solidão, a oposição entre o bem e o mal, entre a saúde e a doença. É isso o que chamamos "nossa vida"; só isso sabemos da vida. Nossa vida é conflito incessante, interminável

sofrimento e confusão. Não estou exagerando. Este é o fato verdadeiro, que somos incapazes de resolver, de compreender. Não sabemos transcender nossas misérias, pôr fim a nosso sofrimento; por isso, fugimos pelo caminho da religião, ou com a asserção de que a vida é sem significação e importância e que, portanto, devemos viver o presente.

Temos, pois, de compreender a vida totalmente, para nos libertarmos de nosso sofrimento. Isso é possível. Assim o viver não difere do morrer. Não existe então esse vão, não existe esse largo intervalo de tempo criado pelo "pensador", intervalo em que o "pensador" gera medo. Compreender o que é o viver é morrer todos os dias, sem discussão, para toda a aflição, todos os problemas, todos os prazeres. É isso o que acontecerá ao morrerdes fisicamente. Morre-se sem discussão, pois não se pode discutir com a morte.

De modo idêntico, devemos morrer para o sofrimento. Entretanto, nunca morremos para o sofrimento, porque não conhecemos a verdadeira alegria e tampouco temos capacidade ou compreensão para eliminar o sofrimento; assim, preferimos viver amargurados e a lamentar-nos, a entrar numa região desconhecida.

Observai vós mesmos estes fatos. Não estou tentando impingir coisa alguma a meus ouvintes. Aqui não estamos para concordar nem discordar. Estamos simplesmente a observar fatos — o que realmente *é;* e esta observação da realidade traz aquela energia que é ação.

Devemos, pois, compreender a natureza da contradição, e só podemos compreendê-la observando a integral estrutura do "pensador" com seus pensamentos, suas esperanças, seus desesperos — o pensador que, como censor, cria uma perene contradição entre si próprio e a coisa que em si mesmo observa. Por conseguinte, a observação do que *é* exige seriedade, ardor, e não uma maneira leviana de observar. Só o ardoroso vive realmente; o homem superficial não vive absolutamente. Poderá ter riquezas, posses, posição, mas nada sabe acerca da vida. Dela só conhece a superfície. Para compreendermos toda essa estrutura de nós mesmos, a ela nos devemos chegar, não com a determinação de mudar, um esforço para sermos diferentes, porém tão só com a disposição de observar o que *é*. Não há então, contradição, porque o observador já não está atuando como censor, como juiz que condena, que rejeita, que diz o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que

é mau. Isso não significa viver uma vida extremamente superficial. Ao contrário, para alcançardes esse ponto em que o censor é inexistente, tendes de compreender todo o vosso condicionamento. Não se trata simplesmente de aceitardes minha asserção, porquanto, para compreenderdes o condicionamento, tendes de trabalhar, e vereis então que vossa mente se tornará simples observadora. Já não se achará num estado de contradição e, por conseguinte, disporá de intensa energia. Essa energia é amor, paixão — não a paixão física, que é relativamente fácil, relativamente comum, que é a sensualidade que todos conhecemos. Refiro-me à paixão que não tem causa e, portanto, nenhuma contradição encerra, nenhum motivo e, conseqüentemente, nenhum fim. Onde está o amor, aí está também a morte; os dois são inseparáveis, porque o amor é sem ambição.

Exponho estas coisas, porém elas só terão valor, verdadeira significação, para vós, se a contradição tiver cessado totalmente.

O amor e a morte devem existir, para que haja criação. Sabeis o que é criação? Não me refiro à expressão de uma capacidade — que é muito simples e fácil de compreender. Uma pessoa pode expressar-se como escritor, poeta, artista, mas isso não é criação. A criação é coisa inteiramente diferente. A criação só pode verificar-se quando há uma energia que nunca foi contaminada pela vontade, que de nenhum esforço resulta; essa é a energia que a própria ação traz consigo. Atualmente todas as nossas atividades são mais ou menos egocêntricas, tem por centro nós mesmos em relação com várias coisas; e essa atividade egocêntrica, que é a atividade do "pensador", invariavelmente gera contradições. Vendo-se num estado de contradição, a mente exige alguma forma de expressão: preciso fugir, escrevendo, fazendo isto ou aquilo. O homem que se acha num estado de autocontradição — estado de atividade egocêntrica — e que porventura é pintor, artista, músico, poderá chamar "criação" ao que faz, mas não é criação. A criação *deve* ser, e é algo totalmente diferente.

Agora, como disse, a mente não atingida pela contradição por ter compreendido sua integral estrutura, tanto consciente como inconsciente, essa mente está perfeitamente tranqüila; porque todo movimento constitui dissipação de energia. Só quando a mente está serena e carregada de forte energia, pode verificar-se uma "explosão"; essa explossão é criação, a qual po-

de expressar-se ou não. A mente temerosa, ambiciosa, ávida, invejosa, ciumenta, que está a competir — essa mente nunca terá aquela energia que vem com a *ação sem motivo;* e também, naturalmente, jamais conhecerá o amor. Onde está o amor, há um constante morrer para todas as "memórias" da experiência de cada dia e, por conseguinte, o amor e a morte coexistem. O amor é sempre vigoroso, novo, juvenil, puro, e sempre incontaminado pelo passado, porque morre para o passado de cada dia. O amor e a morte existem nessa abundante energia, quando essa energia está totalmente imóvel. Há então *criação* — ou podeis dar-lhe o nome que quiserdes. O nome é de ínfima importância. A menos que se verifique essa transformação em cada ente humano — que faz parte da sociedade, que é o próprio meio social, não poderá existir uma nova sociedade.

INTERROGANTE: Não será preciso tempo para o ser humano alcançar essa transformação?

KRISHNAMURTI: Não; isso não é questão de tempo. Através do tempo nada se alcança. O tempo só pode gerar desordem.

INTERROGANTE: Que entendeis por autoconhecimento?

KRISHNAMURTI: Eu pensava já ter esclarecido isso suficientemente; entretanto, vou explicá-lo mais uma vez.

Sempre nos servimos do tempo como meio de realizar alguma coisa: sou *isto* e me tornarei *aquilo*. Há um intervalo entre o que *é* e o que *deveria ser*. Dizemos que para alcançar-se o que *deveria ser*, necessita-se de tempo: precisamos de muitos dias, muitos anos, muitas reencarnações, como se crê no Oriente. Assim, servimo-nos do tempo como meio de alcançar "o que serei". "O que serei" é uma projeção do que *sou*, ou ainda, o oposto do que *sou* — uma contradição com o que *é*. Assim, entre o que *é* e o que *deveria ser* há um intervalo de tempo, durante o qual entram em jogo muitos fatores. O que *deveria ser* não é uma coisa estática, porque há constantemente outros fatores em ação. Todas as espécies de influências, pressões, modificações, vão-se apresentando no intervalo e, por conseguinte, o que *deveria ser* está sempre a alterar-se; e o que *é* está também sendo submetido a uma enorme mudança. Por conseguinte, o que *deveria ser* não é importante, absolutamente; o ideal, o objetivo, a finalidade, a esperada realização nenhuma significação tem, porque é coisa fictícia. Não tem realidade, nada mais é que uma idéia. O real é o que *é*. Sou

infeliz, sofro, estou confuso — eis o único fator significativo, e, para a compreensão do que *é,* o tempo de nada serve. O tempo é um meio de evitar o que *é,* um adiamento, uma fuga para a irrealidade. Para se compreender o que *é,* não deve existir nenhuma hipótese, não se deve contar com o futuro. Mas isso significa que temos de aplicar-nos, imediatamente, ao problema, ao que *é,* com todo o nosso ser — e isso não temos vontade de fazer. Dizemos: "Fá-lo-ei amanhã." Temos medo, sofremos, somos infelizes, ciumentos, mas não dizemos: "Quero terminar o ciúme imediatamente." Queremos encontrar uma maneira de terminá-lo "com o tempo"; por conseguinte, o tempo se torna um meio de fuga à realidade. Mas o tempo nunca alterará o real e, por conseguinte, acarreta a desordem e não a ordem. É tão simples isso!

A compreensão de tudo isso é autoconhecimento. O autoconhecimento não é nada de extraordinário; é o percebimento do que ocorre realmente: vejo-me em aflição, ansioso, frustrado, desesperado — não conheceis todas essas coisas? E, então, que acontece? Sirvo-me do amanhã, do que *deveria ser,* como meio de fugir ao que *é,* ou recordo o passado. Estou hoje sem saúde, doente e, por isso, o meu espírito se volta para a lembrança do estado que eu chamava "saúde", e digo: "Quem me dera tornar a gozar saúde!" — Por conseguinte, há uma tensão, um esforço, uma pressão das lembranças do passado. Mas se não trago para o presente as lembranças do passado, porém vejo o fato real, isto é, que estou doente, e não deixo o pensamento — com suas lembranças dos tempos bons em que eu gozava saúde — intervir em meu organismo, então o organismo põe em ação os seus próprios poderes curativos.

O compreender tudo isso é parte do processo de conhecer-se, *é* autoconhecimento. Não é um autoconhecimento imposto de fora, porém, por nós compreendemos o processo do pensamento, do pensar, a estrutura total de nosso ser. O conhecimento próprio não depende do tempo. Não digo: "Irei compreendendo a mim mesmo paulatinamente, dia por dia; o autoconhecimento virá gradualmente." Ele nunca virá gradualmente. Tendes de ver o EGO, o EU, com todas as suas lutas, em sua totalidade; e só o podemos ver todo inteiro agora, e não amanhã. Para vê-lo completamente, nisso devemos aplicar toda a nossa energia.

INTERROGANTE: Qual a relação entre ação e meditação?

KRISHNAMURTI: Que é ação para a maioria de nós? A ação está baseada numa idéia, em valores comparativos. Dizemos: "Devo fazer isso" — e, assim, a única ação que conhecemos é uma contradição entre a idéia e o ato. Está claro, não? Abstenho-me de entrar em pormenores, pois não há tempo para isso; mas é o que realmente se verifica. Tenho uma idéia criada pela experiência, pelo pensamento, pelo conhecimento ou pela instrução, pelo medo e minhas fugas, e trato de ajustar minha ação a essa idéia. Tal é a única espécie de ação que conhecemos. Ora, a ação independente da idéia, a ação que não cria contradição e não é o resultado de contradição — o compreender a natureza dessa ação faz parte da meditação.

Não sei até que ponto estais familiarizado com a palavra "meditação". No Oriente é uma palavra muito familiar e, como tal, uma palavra bem tradicional. Lá, a meditação é uma coisa que se pode cultivar. O indivíduo disciplina, controla, molda os seus pensamentos em conformidade com um padrão. Para isso, existe um conjunto de regras: o modo de sentar-se, o modo de respirar, o modo de mover-se. Há vários sistemas de meditação e, se seguirmos este ou aquele sistema, obteremos, dizem eles, resultados. É claro que se obtêm resultados. Isso é óbvio, pois não? Se faço uma certa coisa vezes e vezes repetidas, dia após dia, entra mês sai mês, não posso deixar de obter um resultado; mas esse resultado é a projeção de uma mente vulgar, limitada, estúpida. Essa mente se está ajustando a um padrão e, por conseguinte, não há liberdade, e esse modo de meditação não é meditação, em absoluto. É mero ajustamento a um padrão, por meio do qual espero alcançar a paz, Deus, ou o que quer que desejo alcançar. Um homem de mentalidade burguesa, insignificante, frustrada, poderá sentar-se para "meditar"; poderá praticar métodos de disciplina, de controle, e moldar suas atividades de acordo com um padrão; mas sua mente permanecerá vulgar, e seu Deus será igualmente vulgar. Ao perceberdes por vós mesmos essa verdade, rejeitareis inteiramente essa maneira de meditar e, no próprio ato de rejeitá-la, vos libertareis da velha idéia de que devemos ajustar-nos aos padrões tradicionais. Quando fordes livres, infinitamente livres, não mais haverá, para vós, contradição na ação; não mais haverá ajustamento a qualquer idéia ou ao padrão estabelecido pela tradição, pelos ditos e hábitos de inumeráveis pessoas. Quando estiverdes livres de tudo isso por o terdes compreendido, começareis a meditar.

A meditação é uma coisa maravilhosa, se sabemos como praticá-la — melhor, não há *como:* quando a *praticamos.*

A meditação requer a total compreensão do EU, e, por conseguinte, que estejamos livres da estrutura psicológica da sociedade. Isto é, quando já não somos ambiciosos, ávidos, invejosos, e não mais estamos tentando alcançar, "vir a ser"; portanto, quando não há mais esforço. A mente está então perfeitamente tranqüila; não foi *posta* tranqüila à força de disciplina, de controle, de maneiras de respirar — e todos os demais artifícios e futilidades — nem por influência de drogas. Acha-se então a mente sobremodo ativa e quieta. Para manter-se ativa e quieta, a mente deve estar em silêncio, repleta de energia e, contudo, vazia.

Mas, dizeis que a maioria de nós quer experiências. É claro, e tal é a razão por que tantas pessoas procuram meditar. Já tiveram todas as habituais experiências físicas, intelectuais e emocionais, e querem mais ainda, recorrendo às drogas. Encontram-se no mercado várias drogas estimulantes e que habilitam o indivíduo a passar por experiências fora do comum. Ora, é necessário compreender a natureza da experiência. Se não tivésseis experiências de espécie alguma, adormeceríeis. Se não fôsseis pressionados pela sociedade, pelos livros, por toda espécie de influência, logo adormeceríeis, porque só desejais proteção, conforto, segurança. Tendo tido todas as experiências habituais, delas vos sentis enfarado, entediado e, como sois um ente sensível, sutil, desejais agora experiências mais amplas e profundas; mas, trata-se ainda do mesmo movimento.

Pois bem. Quando compreendeis integralmente a natureza da experiência, deixais de buscar os estímulos externos, proporcionadores de experiências. Depois de os rejeitardes, manifesta-se um estímulo interior, o qual cria sua peculiar experiência. Por essa razão é que, na chamada meditação, muitas pessoas têm visões — e como gostam de ter visões e de experimentar tantas infantilidades provenientes de seu próprio condicionamento! Após essa plena compreensão, a mente se acha tranqüila, imóvel. Nesse silêncio não há "experimentar" de coisa alguma, porque a mente está *viva,* lúcida, é a luz de si própria; totalmente desperta como fica, encontra-se *além* de toda experiência. Isso é meditação.

30 de maio de 1965.

A TOTALIDADE DA EXISTÊNCIA

(SAANEN — I)

COMO VAMOS realizar aqui várias palestras, parece-me conveniente iniciarmos com a compreensão do que é *comunicação.* Considero muito importante perceber a natureza e a estrutura da comunicação verbal. Temos de fazer uso de palavras, mas, infelizmente, cada palavra é interpretada por vós e pelo orador, respectivamente, de acordo com um certo ponto de referência, ou uma certa lembrança, incidente ou experiência; estamos sempre empregando palavras e traduzindo-as em conformidade com nossos prazeres, nossos gostos e aversões, de maneira que a comunicação se torna sobremodo difícil. Se não estamos em comunhão ou comunicação uns com os outros, nesse caso não tem sentido nenhum nos encontrarmos ou nos reunirmos para uma palestra deste gênero. Por conseguinte, é de vital importância haver compreensão entre nós.

A comunicação nunca é unilateral. Não significa ficardes meramente escutando o orador e procurando compreender o que está dizendo; a comunicação é um processo recíproco: tendes de estar em comunicação com o orador, e o orador em comunicação convosco. Só pode haver comunicação quando ambas as partes têm a intenção de se pôr em comunicação, e tão entranhadas estão dessa intenção que são capazes de real intensidade, ao mesmo tempo e no mesmo nível. De outra maneira, não é possível a comunicação. A menos que ambas as partes, isto é, que vós e eu estejamos olhando para um só lado não poderemos ver coisa igual. Devemos cuidar de olhar na mesma direção, porque então o que dizemos pode ser comunicado. Do contrário, torna-se difícil comunicar o que desejamos transmitir. Assim, desde o começo deve ficar-nos bem

clara a direção em que olhamos, e devemos também ver se estamos olhando nesse sentido. Podeis estar olhando para o sul e eu para o norte, e, desse modo, não há possibilidade de comunicação.

Para nos comunicarmos devemos verificar o que é que estamos buscando, o que procuramos, se de fato estamos procurando ou buscando alguma coisa. A vida apresenta-nos numerosos problemas, individuais e coletivos, conscientes e inconscientes, inflige-nos tantas torturas, tanto desespero e ansiedade — o conflito no seio da família, a insegurança de um emprego, o incessante esforço para ajustar-nos a uma determinada relação — e é bem provável que estejais à procura de um meio de sairdes desta situação. Ou, nesse estado de tortura, desespero, incerteza, buscamos uma certeza, uma esperança que nos conforte. É isso, talvez, o que em geral fazemos — inclusive vós mesmos, mas o orador pode não estar fazendo nada de semelhante.

Podeis estar em busca de alguma coisa, e o orador a dizer: "Não busqueis nada"; se estais buscando, e o orador diz "não busqueis", não estais evidentemente em *comunicação* com ele. Deveis, pois, compreender o que diz o orador, e o orador compreender o que estais tentando fazer; é isso o que vamos, vós e eu, fazer nesta manhã.

Como ireis compreender o que o orador quer comunicar ao dizer-vos: "Não busqueis nada!"? O orador está dizendo: "Não indagueis, não procureis, deixai de seguir instrutores, grupos, organizações ou sistemas de pensamento; não apeleis para nenhum analista, não busqueis ajuda nenhuma do exterior" — e vós tendes de compreender o que, com isso, ele quer dizer e por que o diz. É irracional, insensato, estúpido o que está dizendo? Não tem significação? Vê-lo-eis logo que se estabeleça um estado de relação entre vós e o orador, isto é, quando vós e eu estivermos olhando na mesma direção; pois, desse modo, a comunicação se torna extremamente simples, fácil, vigorosa.

Outra dificuldade inerente à comunicação é que nós não *escutamos*. É possível escutarmos aquele avião a passar e repassar, sem aborrecimento ou irritação. Podemos apenas escutá-lo. Mas, é dificílimo escutar dessa maneira, principalmente quando alguém nos diz exatamente o contrário do que pensamos ou do que *desejamos* escutar. Escutar, sem formular

juízos, avaliações, sem aceitar, nem rejeitar — escutar simplesmente, eis uma das coisas mais difíceis; porque, como pode uma pessoa escutar quando se vê torturada, presa numa rede de incertezas, quando se acha enraivecida, furiosa consigo mesma, com a sociedade, com o ambiente em que vive? Está-se vendo, pois, quanto é difícil escutar com serenidade; e parece-me que só podemos aprender de modo real e profundo ao escutarmos tranqüilamente, sem exigências, sem fazermos perguntas e esperar respostas; escutar *simplesmente.*

Temos, pois, muito o que fazer. Apesar do calor, precisamos trabalhar diligentemente, todos juntos, nesta manhã — não indiferentemente, porém com toda a seriedade e firme intento. Mas, muito pouca gente é *séria.* Mostramo-nos sérios a respeito de nossos insignificantes problemas pessoais, mas essa seriedade é banal. Há uma seriedade profunda, que não é pessoal, particular, porém que surge quando temos um certo problema que nos causa ansiedade. É essa espécie de profunda seriedade que se requer para a compreensão, a comunicação, e não aquela superficial seriedade da mente que diz "Tenho de resolver meu problema", ou "Tenho de descobrir a verdade, tenho de fazer isto e mais aquilo" — seriedade que me parece bem vulgar quando se trata de um problema momentoso.

Assim, nesta manhã e em todas as manhãs em que aqui nos reuniremos, vamos trabalhar juntos. Não é só o orador quem vai trabalhar, porém vós também; porque, como disse, a comunicação é um processo recíproco. O orador não vos está transmitindo uma coisa e vós não estais tentando compreendê-la, mas, juntos, estamos tentando compreender o extraordinário problema do vivermos como entes humanos totais, já que nos vemos presos na engrenagem de uma dada sociedade, de um dado ambiente, na armadilha de organizações religiosas, confinados na vida de família, com todos os seus problemas, e ciúmes, e temores, suas submissões e dominações — uma vida que nos parece indicar que a existência nada significa, e se tornou rotina, hábito. Vendo-nos envolvidos dessa maneira, tentamos resolver os nossos problemas dentro dos limites do próprio pensar e dos condicionamentos. Mas esse problema deve ser considerado como um movimento da vida e, compreendendo-o em sua inteireza, habilitamo-nos a resolver as próprias e insignificantes dificuldades. Quer dizer, temos de compreender o conjunto em vez da parte. A compreensão da parte não levará à compreensão da totalidade.

Nossa vida, em verdade, não é um todo, dividida que está em fragmentos. Há o fragmento constituído pelos nacionalistas, o fragmento constituído pela mente que busca a paz fora da sociedade, fora da família, o fragmento que nos faz ir à igreja, seguir uma determinada doutrina ou filosofia, o fragmento que crê, que tem uma enorme esperança numa certa coisa fantástica ou mística, etc., etc.; e queremos atingir a totalidade através do fragmento. Da periferia olhamos o todo. Mas o orador está dizendo que não é possível, em tempo algum, compreender a totalidade do viver, que inclui todos os fragmentos, de um ponto de observação fragmentário ou periférico.

Assim, confinados, como quase todos nos achamos, no fragmento relativo a um dado problema, uma certa questão, determinada tortura, desespero, como iremos olhar a totalidade da vida? Só olhando o conjunto, pode um indivíduo realmente compreender a parte e dela libertar-se. Mas, se meramente tratamos de compreender a parte, para em seguida tentarmos apreender o todo — isso nenhuma significação tem, pois é uma impossibilidade. Quando descortinais aquelas montanhas maravilhosas, as árvores, o rio, a extraordinária luminosidade vespertina, o luar sobre a neve, como ontem se podia ver — tudo isso vedes como um todo; e, se tal não acontece, não há visão real. Se vos concentrais apenas num pinheiro em particular, perdeis a beleza do cenário total — a extraordinária vitalidade das montanhas, do luar, da floresta, do rio.

Assim, para a mente que se vê envolvida por um problema individual, difícil lhe é ter desse problema uma percepção global. Mas, como é possível — não emprego a palavra "como" em relação com algum método, senão como simples interrogativo — como é possível a um fragmento, isto é, à mente que se vê às voltas com determinado problema, perceber o todo e, daí, agir, não como fragmento, porém como totalidade?

Espero estar expondo com clareza o problema. O que quero fazer-vos sentir é isto: deveis ver o mapa inteiro da vida — sua *totalidade.* Os absurdos, as chicanas, a brutalidade, as guerras pavorosas, a chamada paz, a incerteza, o medo da morte, as crenças, os deuses, os salvadores — tudo isso deveis ver, não do ponto de vista do cristão, do hinduísta, do budista-*zen,* ou sabe Deus de que mais, porém tendes de

ver essas coisas em seu conjunto; e, percebendo essa totalidade, penso que estareis aptos a resolver cada caso particular. Tendes de ver o quadro inteiro, porém não apenas intelectualmente, verbalmente, nem como idéia ou conceito. Não podeis ter um conceito a respeito daquelas montanhas: ou olhais e vedes, ou nada vedes. Não podeis ter um conceito acerca da beleza do luar sobre a neve. Se tendes um tal conceito, não vedes nada, não estais diretamente em comunhão com aquela luz, aquela beleza. De modo idêntico, deveis ver todo inteiro o quadro da vida, pois assim estareis apto a resolver vossos casos pessoais, vossos problemas, torturas, aflições, etc.

É sobre isto que vou falar nesta manhã.

A mente que é individualista, que se ocupa apenas de si própria, de seus problemas, torturas, crenças, vaidades, desesperos, experiências, sua pequenez — essa mente nenhuma possibilidade tem de ver o todo. E se a pessoa não vê o todo, não pode resolver seus problemas particulares. Podeis pensar que sois capazes de resolvê-los, mas em verdade ireis criar apenas mais aflições, mais confusão, mais torturas. Isto me parece bastante óbvio, isto é, que, se não vemos a totalidade da existência, por mais que nos esforcemos, não encontraremos nenhum meio de sairmos de nossa confusão.

Considere-se, por exemplo, um nacionalista. É uma entidade estúpida, porque está tentando resolver os seus problemas dentro de um estreito campo, chamado "nacionalismo". Semelha o homem que, enredado em determinado sistema de filosofia ou determinada religião, se esforça por descobrir a verdade por meio desse sistema — uma impossibilidade. Poderá tornar-se um indivíduo muito atilado, muito sagaz ou filosófico, dentro do limitado espaço de seu intelecto; mas, para libertar-se da confusão e do sofrimento, ele terá de compreender o todo da vida — não de forma verbal ou conceptual, nem idealmente.

Assim, é possível ver o todo da vida, sem ser por meio de análise, de conceitos intelectuais, sem intelectualmente fracionar o todo em várias partes e juntar em seguida essas partes — é possível uma pessoa ver o todo da vida imediatamente? É possível? Ora, para se compreender a possibilidade de tal coisa, tem o indivíduo de ultrapassar os vários estados nos quais a mente diz: "Compreendendo, vejo." Quer dizer, só se pode ver a totalidade de alguma coisa não intelectualmente,

não conscientemente. Quando fazeis esforço para escutar, por exemplo, perdeis a metade do que se está dizendo; mas, se escutais inconscientemente, por assim dizer, absorveis muito mais do que pelo escutar consciente, calculado.

Se, conscientemente, faço um esforço para escutar-vos, a maior parte de minha energia se consome nesse esforço consciente, concentrado; mas, se vos escuto com toda a naturalidade, quer dizer, atentamente porém sem esforço, então o que dizeis penetra muito mais no inconsciente e lança raízes. Não sei se já experimentastes isso — já o deveis ter feito.

Estamos procurando averiguar se é possível percebermos a totalidade da vida, e não ficarmos presos na particularidade; porque é só quando compreendemos a totalidade, o quadro inteiro da vida, que as questões e problemas particulares podem ser resolvidos. Se isso é exato, se é fato, como penso que é, a questão é então a seguinte: Como pode a mente ver a totalidade da existência?

A mente consciente não pode, jamais, perceber a totalidade. Ela é a mente individual, ao passo que a mente inconsciente nunca é individual. A mente inconsciente é a raça, a experiência coletiva da humanidade. Exteriormente, as diferentes raças podem ter cores diferentes e viver na América, na Rússia ou na Índia, mas, em essência, o inconsciente é em toda a parte o mesmo; por conseguinte, não há individualidade no inconsciente. Ele é moldado, limitado pelas tendências raciais ou coletivas, a vasta herança oculta do homem e, por conseguinte, não é uma entidade individual, separada.

Exige isso muita reflexão, muita penetração e, portanto, não o aceiteis nem rejeiteis, porém investigai-o.

Se, com a mente consciente, consideramos a totalidade da vida, que sucede? Escutais, por exemplo, aquele avião — *escutai-o!* Se o escutais conscientemente, estais limitados e, por conseguinte, ele vos causa irritação. Mas, se o escutais com todo o vosso ser, vereis que ocorre algo totalmente diferente.

Pois bem. A mente consciente é a mente educada, moderna, tecnicamente exercitada.

Atentai para isto; não concordeis nem discordeis, escutai simplesmente. Meu Deus, alguém já está a sacudir a cabeça! Se de pronto dizeis que não pode ser, que *é assim* ou que *não é assim,* então, evidentemente, não estais escutando. O que estamos dizendo pode estar totalmente errado, mas,

para o verificardes, deveis escutar sem dizer "sinto não concordar" — pois isso é insensato. Para se verificar a verdade sobre uma questão, cumpre escutar e, para escutar, o indivíduo não deve ter nenhuma opinião, nenhum conceito; e é *nisso* que consistirá nossa dificuldade daqui por diante. Se tendes um conceito a respeito da mente consciente, como sendo isto ou aquilo, e da mente inconsciente como coisa diferente, então é esse conceito que vos está guiando, moldando o vosso pensamento e, por conseguinte, não escutais realmente. Por isso, dizeis: "Estou de acordo com o que estais dizendo", ou "discordo ..."; mas isso não é questão de concordar nem de discordar. Estamos verificando qual é o *fato;* e, quando uma coisa é reconhecida como um fato, não há mais questão de concordar. A coisa *é assim* ou *não é assim,* mas começar logo dizendo "discordo" é muita infantilidade.

Estamos tentando olhar a totalidade da vida; e a vida é imensa, não é simplesmente as camadas superficiais de nossa existência diária. A vida é infinita, extraordinariamente sutil, fluida, móvel, sem posição estática; e não é possível compreender o conjunto desse extraordinário movimento da vida por meio da mente consciente, com todas as suas crenças, conceitos, idiossincrasias, seu ponto de vista fragmentário, porque tal ponto de vista não pode dar percebimento total.

Ora, se compreendeis que, quando a mente consciente se esforça para ver, em seu todo, o quadro da vida, esse esforço nenhum valor tem — se compreendeis isso, deixais completamente de olhar dessa maneira. Isso significa não mais ter conceitos e crenças; estais simplesmente olhando. Nada se pode ver através de um conceito, de uma filosofia, de um sistema de pensamento, de uma dada esperança; mas isso, naturalmente, depende de vós. E, se não olhamos com a mente consciente, de que maneira podemos olhar? Pois nós temos o inconsciente. Mas o inconsciente é ainda o reservatório do passado, não? Poderá não ser mais *meu* reservatório, *meu* depósito, mas continua a ser o reservatório do *homem.* Posso agora interpretar diferentemente a experiência coletiva do homem no decurso de milhões de anos, e essa minha interpretação pode dar-me o prazer ou a dor; mas, enquanto eu estiver carregando esse conteúdo coletivo do inconsciente, evidentemente não posso ver o todo.

Está claramente explicada para vós esta coisa: que não se pode ver a totalidade, o quadro inteiro da vida, nem consciente nem inconscientemente? Entendeis? Quer dizer, para olharmos

a totalidade, a imensidade, o maravilhoso quadro da vida, não deve haver uma base para daí olharmos — nenhum *fundo* de crença, experiência ou conhecimento, quer consciente, quer inconsciente.

Em geral, não percebemos a maneira como olhamos alguém. Como é que em geral olhais vosso vizinho de cadeira? Ou a pessoa vos desagrada, porque é um indivíduo agitado, incômodo, gordo, feio, malcheiroso, ou ela vos agrada. Olhais a pessoa com desagrado ou com agrado, e esse preconceito vos impede de *olhá-la.* Ou, também, talvez estejais totalmente inconsciente da presença de alguém a vosso lado, por estardes completamente engolfado em vossas próprias idéias. Decerto, só *podeis* olhar a pessoa que está a vosso lado, ou a vossa frente, quando o fazeis de modo natural. O agrado ou desagrado tanto pode ser consciente como inconsciente, tanto positivo como negativo, ou seja um movimento que não percebeis; mas, para podermos olhar realmente alguém, é claro que devemos estar livres de tudo isso. Porque só então é possível olhar.

Olhar, pois, não é um ato consciente nem inconsciente. Se algum esforço fazeis para olhar uma pessoa, esse esforço se torna consciente e dizeis: "Não gosto dessa pessoa, mas devo tratá-la fraternalmente." Que absurdo! Estais a fazer um esforço positivo, baseado numa conclusão, num conceito e, por conseguinte, só vos relacionais com a pessoa através de uma idéia. E se, inconscientemente, vos retraís da pessoa, porque lhe sois superior intelectualmente, de sensibilidade mais requintada, e sabe Deus o que mais, nesse caso também não vos achais em relação com tal pessoa. Assim, o *olhar,* o *escutar* é um ato que se verifica fora da esfera do consciente e do inconsciente. E quando a mente é capaz de olhar dessa maneira, desmorona-se a barreira ao percebimento total e estais apto a tratar de vosso problema particular.

Espero que estejamos em comunicação; isto é, que estejais realmente nesse estado e não simplesmente escutando, ouvindo, compreendendo verbalmente o que se está dizendo, a fim de pô-lo em ação. Só há ação no *escutar.*

Está claro, pois, que os nossos problemas pessoais só podem ser resolvidos totalmente quando compreendemos a imensidade, o quadro total da vida; e só se pode perceber a totalidade, a imensidade da vida compreendendo-se a futilidade de toda crença, dogma, experiência, filosofia.

INTERROGANTE: Escutando "totalmente" ao orador, tornamo-nos o orador?

KRISHNAMURTI: O orador não tem importância nenhuma. O importante é compreender a imensidade da vida. Se escutastes corretamente tudo o que o orador disse nesta manhã, se o escutastes *realmente*, tereis visto a totalidade, e daí partirá a vossa ação. Eis por que frisei especialmente a grande importância da comunicação. Creio que atualmente se estão fazendo importantes estudos a respeito da *comunicação*, porquanto, para se estabelecer a comunicação, requer-se sanidade mental. Se não sabemos estabelecer a comunicação entre nós — se não sei pôr-me em comunicação convosco e vós não sabeis pôr-vos em comunicação comigo, ou com vosso marido, esposa, filho — estamos, então, vivendo num mundo de crescente confusão, conducente a aflições cada vez maiores.

A comunicação, pois, assume extraordinária importância, mesmo a respeito das coisas mais insignificantes, como, por exemplo, mostrar o lugar onde está o sal. Se não me indicais exatamente onde está o sal, ficarei dando voltas, a procurá-lo, ao passo que, se me disserdes exatamente onde ele se acha, o caso está liquidado.

Desse modo, muito importa comunicar-nos claramente uns com os outros, porque esta é a base da sanidade, do equilíbrio. Isso poderá exigir tempo. Talvez tenhamos de usar palavras diferentes, tenhamos de negar uma coisa e afirmar outra e, depois, negar o que foi afirmado. Temos de manter-nos em movimento, todos juntos, porquanto a comunicação não é uma coisa estática; é um movimento, e tanto vós como eu devemos ser capazes de acompanhar esse movimento. Por conseguinte, não há, em nenhuma ocasião, concordar nem discordar — e esta é a beleza do escutar.

INTERROGANTE: Para se ver a totalidade da vida, não é necessária a atenção?

KRISHNAMURTI: Quando vedes uma coisa, que sucede realmente? Há o "observador" e a "coisa observada", pois não? Vedes o orador, aqui sentado, e isso significa que existe alguém que está olhando, vendo; portanto, essa pessoa é o "observador" e o orador a "coisa observada". No que chamamos "ver" existe essa separação entre a "pessoa que vê" e a "coisa que se vê". Mas, isso é *ver?* Quando olho uma

árvore, existe a árvore e "eu" a olhá-la; somos dois fatos distintos. Olhando aquela árvore, eu sou o "observador" — com todas as minhas memórias, as minhas desditas, todas as misérias humanas — e aquela árvore é a "coisa observada". Ora, isso não é ver efetivamente a árvore, embora constitua um fato visual. Para se ver a árvore realmente, no sentido em que estou falando, o observador deve deixar de existir.

Que é *comunhão?* Quando vós e vosso marido ou esposa, ou um amigo, vos achais em comunhão, existem duas entidades separadas? Quando amais alguém — realmente amais — existe VÓS e AQUELA PESSOA? Se existem os dois, então não há amor. Enquanto estou consciente de estar olhando aquela árvore, não a estou olhando realmente, ainda que me identifique com ela e pense que *sou* a árvore — uma coisa muito idiota.

Requer-se, pois, uma intensa atenção, grande autocompreensão, compreensão da totalidade da vida, para se olhar uma coisa qualquer — uma árvore, uma montanha, uma pessoa. A comunicação é então possível.

Se me permitis uma sugestão — mas não o façais só porque eu o sugiro — olhai uma árvore, nesta tarde. Ficai quietamente "com a árvore". Não vos senteis debaixo dela com um romance ou um rádio, ide sózinho; mantende-vos quieto "com ela", sentado e observando sem pensamento, sem ânsia, sem medo, sem solidão. E vereis, se observardes, quanto andais perturbado, quanto vossa mente se tornou inquieta, quanto se tornou artificial com a vida de cidade. Mas, se puderdes jogar para o lado tudo isso e ficar tranqüilamente sentado — não em devaneio, num estado de êxtase a respeito de alguma futilidade, porém simplesmente olhando — vereis, então, por vós mesmo, que não existe observador nem coisa observada; e só então a beleza se manifesta. A beleza não é subjetiva nem objetiva, não é coisa feita pelo homem ou pela natureza. Ela só se manifesta quando a mente está de todo tranqüila, não é pessoal nem impessoal; e desse silêncio surge algo que é a IMENSIDADE.

11 de julho de 1965.

OS PROBLEMAS HUMANOS

(SAANEN — II)

VAMOS CONTINUAR com o que estávamos dizendo outro dia? Dizia eu, então, que os problemas individuais, em si, nada significam se não estão em relação com o processo total da vida; e que, só quando compreendemos inteiramente a estrutura e significado da vida, quando vemos o quadro todo, só então têm significação e podem ser resolvidos os problemas individuais. Foi o que dissemos naquela reunião.

Uma das coisas mais árduas e difíceis é a percepção do quadro total da vida. A vida é um contínuo movimento de relações, e só quando compreendermos essas relações como um todo e não fragmentariamente, poderemos resolver os problemas individuais. Por "problemas" entendo as dificuldades que se nos apresentam na vida — a falta de mútua compreensão, as inumeráveis dúvidas e questões, o desequilíbrio, a luta constante para nos ajustarmos a um padrão de crença, uma experiência, uma dada norma social. Todas essas lutas criam problemas, dificuldades, não? Só conhecemos a vida como uma série de dificuldades emocionais, psicológicas, ou concretas, e nunca somos capazes de resolvê-las totalmente. Se estamos verdadeiramente atentos ao que se passa em nós mesmos, sabemos que, ao contrário, preferimos fugir a essas dificuldades. Nunca nos habilitamos a considerar as nossas dificuldades com clarividência, jamais examinamos o padrão de nossa existência em sua totalidade. É verdade que, quando os nossos problemas se tornam agudos e surge uma crise, tornamo-nos cônscios dêles; mas, mesmo então, não sabemos resolvê-los, nem revelamos a intensidade, a clareza, ou o conhecimento necessário a solucioná-los.

Nesta manhã, falarei sobre se é possível vivermos livres desses problemas na existência cotidiana. Quando a mente está enredada em algum problema, esteja, ou não consciente dele, esse problema, com efeito, prejudica a clareza do pensamento, prejudica a nossa atividade diária. Parece-me, pois, importantíssimo compreender esses problemas e viver livre deles, em vez de fugir-lhes ou tentar resolvê-los definitivamente. Precisamos primeiramente estar cônscios dos problemas, saber quais são eles — e mesmo isso exige uma certa atenção e percebimento. Para resolvermos os nossos problemas, precisamos conhecê-los. Nada adianta procurar um analista, um confessor, esta ou aquela pessoa, pois isso só indica que estamos fugindo do fato, de nossas reais dificuldades.

Assim, enquanto examinamos esta questão, espero estejais escutando o que digo, não como simples declarações objetivas, verbais, porém com o fim de bem perceberdes os vossos problemas pessoais.

Sabeis o que entendo por "um problema"? É uma coisa que não tendes compreendido, algo que vos corrói a mente e o coração, uma tortura que se repete e torna a repetir-se, e que temeis. É como um sonho que volta todas as noites, um sonho que vos influencia as atividades do dia e do qual desejais livrar-vos, ou para o qual buscais uma resposta, uma interpretação. Ou temeis a morte, a pobreza; temeis não ser amados, temeis as vossas relações. Ou estais sendo impelidos pela ambição, pela vaidade e existe em vós o sentimento de que nunca alcançareis o preenchimento. Temos uma enorme quantidade de problemas, alguns dos quais escapam ao nosso percebimento, e não conhecemos sequer os limites de tais problemas. É, sem dúvida, necessário compreender que a mente que está sendo torturada por problemas — não importa se problemas insignificantes, se problemas intensos, vitais, significativos — não pode ir longe. Os problemas, quaisquer que sejam eles, influem inevitavelmente em nosso pensamento, nossa atividade, moldam a nossa vida; e, a menos que o indivíduo esteja verdadeiramente livre deles, não poderá ir muito longe.

Nossos problemas se relacionam com o viver de cada dia; a atividade diária, sexo, amor, o emprego, o medo de não ser amado, de ficar na solidão, o sentimento de extremo desespero, o tédio que nos vem de uma vida sem nenhuma significação. Sem dúvida, o indivíduo precisa estar bem cônscio de todas essas coisas, porque elas influenciam o rumo de nossas

atividades. Não temos possibilidade de fugir delas, e não podemos ter problemas mundanos, problemas diários, e ao mesmo tempo querer encontrar uma vida interior profunda, uma vida espiritual — ou como a quiserdes chamar. A vida mundana e a chamada "vida espiritual" não estão em dois níveis separados, pois se acham intimamente relacionadas entre si. Se não compreendemos os problemas diários da vida e deles não estamos livres — por mais insignificantes, desprezíveis, tirânicos, feios que sejam — se não temos essa liberdade, a nossa busca de uma vida interior, espiritual, não tem significação nenhuma.

Pode-se ver que isso é perfeitamente racional, lógico. Não é simplesmente uma coisa que eu estou afirmando e que podeis aceitar ou rejeitar; é um *fato*. Se nossa mente não está libertada de preocupações financeiras, preocupações sobre se somos amados ou não, sobre se nos tornaremos famosos, no mundo, ou não, e as concomitantes tentações, degradações e brutalidade; se não compreendemos todos os problemas de nosso viver diário, nossa mente é completamente incapaz de penetrar com profundeza em algo que exige nossa integral energia, algo que não pode ser procurado, que não tem causa nem motivo.

Precisamos, pois, estar bem conscientes dos problemas diários, das cotidianas atividades. E espero que, juntamente comigo, os estejais percebendo bem, porque, se assim não for, não poderemos ir muito longe, nesta manhã ou, mesmo, em todo o decurso destas reuniões. Desejo investigar profundamente, porém vós não podereis fazer o mesmo se vossos problemas vos estão sufocando, cegando. E, se o fizerdes, isso será uma mera fuga, um esforço verbal em demanda de um certo mito sem realidade alguma.

Ora, se estamos cientes desses problemas, que devemos fazer? Em primeiro lugar, que se entende por "estar cônscio" — estarmos cônscios de nossos problemas? Tomai em consideração vosso problema pessoal, pelo qual estais sendo torturados. Quando dizeis "Sei que tenho um problema" — que entendeis com isso? Quereis dizer que tendes uma dificuldade, uma dor, ou um prazer que temeis não continue. No esforço para evitar aquela dor ou manter a continuidade daquele prazer, dizeis: "Estou cônscio de meu problema." Ora, que se entende por "estar cônscio dele"? Percebeis a existência do problema como sabeis da existência deste microfone? Trata-se

de uma coisa exterior a vós, que estais observando, ou dela estais ciente sem que nenhum espaço exista entre vós e essa coisa que observais, isto é, sem a divisão em "observador" e "coisa observada"? Se sois o "observador", neste caso estais tentando fazer algo em relação à coisa observada; desejais alterá-la, desejais criar uma situação em que essa coisa não mais vos cause dor, ou vos proporcione a continuidade do prazer.

Por conseguinte, muito depende da maneira de considerar o problema, de como o percebeis, de como o conheceis. Em geral, o conheceis como quem está de fora a olhar para dentro, e isso significa que o que estais olhando é diferente da imagem que tendes de vós mesmos. Cada um de nós tem uma certa imagem de si próprio, em geral uma imagem algo lisonjeira, e dessa base é que olhamos a coisa que nos causa dor ou prazer.

Por favor, acompanhai o que estou dizendo, pois, se o fizerdes, isso irá tornar-se muito interessante, à medida que formos penetrando mais, como espero o façamos nesta manhã.

Tendes, pois, uma imagem de vós mesmos — como sois ou como *deveríeis* ser ou *deveis* ser — e dessa imagem olhais a coisa que chamais "um problema". Há, pois, a imagem e o problema; e procurais então comparar o problema com a imagem ou o interpretais em conformidade com o padrão estabelecido por essa imagem. Não é assim? Tendo uma certa imagem de vós mesmos, com essa imagem é que olhais o problema; há por isso uma divisão, uma contradição entre o problema e o que pensais ser ou o que pensais deveríeis ser; há um constante conflito entre aquilo que vossa imagem representa, e o problema que contradiz essa imagem.

Posso prosseguir? Está claro até aqui?

Pois bem. O problema nunca será resolvido enquanto a imagem existir — a imagem do que deveríeis ser, ou a imagem de si própria que a mente criou por efeito do saber, da história, da tradição familial, de todas as formas de experiência. Estais cônscios, não da imagem, porém do problema, enquanto o que aqui estamos tentando não é resolver o problema, porém, sim, compreender a estrutura da imagem; porque, se nenhuma imagem temos de nós, podemos resolver o problema.

O indivíduo, em geral, tem de si próprio a imagem de que é um ser humano extraordinário, ou um homem mal suce-

dido na vida, um infeliz que precisa preencher-se, ou um homem vaidoso, ambicioso — bem sabeis que imagens a maioria das pessoas têm de si próprias. Pensam ser Deus, ou pensam não ser Deus, porém apenas ambiente, que são isto ou aquilo. Têm uma dúzia de imagens de si próprias, ou apenas uma imagem predominante. Ora, se eu tenho uma imagem de mim mesmo, essa imagem terá de contradizer os fatos da existência diária, e só sou capaz de olhar esses fatos com os olhos dessa imagem. Por conseguinte, o problema é criado pela imagem e não pelo próprio fato.

Escutai o que estou dizendo; não o rejeiteis não o aceiteis, não o absorvais: olhai-o, simplesmente.

Ora, por que formo essa imagem de mim mesmo? Vejo que enquanto eu tiver qualquer conceito, imagem, conclusão a meu respeito, os problemas continuarão existentes. Assim, já não estou interessado no problema, na dificuldade; apenas me interesso em compreender por que tenho essas imagens, conceitos e conclusões sobre a minha pessoa. No Oriente, muita gente tem a idéia de que é Deus, têm uma infinidade de conceitos; e aqui, no Ocidente, tendes também vossos conceitos, vossas imagens. Ide ao mundo comunista, e vereis que também lá eles têm suas imagens. Ora, por que formamos essas imagens, esses conceitos?

Faço-vos esta pergunta e peço-vos compreendê-la. É uma pergunta fundamental e não uma pergunta superficial. Em geral, nunca fazemos a nós mesmos uma pergunta fundamental, mas agora a estamos fazendo.

Por que razão eu, que vivo há quarenta, cinqüenta, sessenta ou não importa quantos anos — por que razão mantenho esse depósito repleto das coisas que penso, que sinto, que sou, que deveria ser, essa enorme acumulação de conhecimento e experiência? E, se eu não o fizesse, que aconteceria? Compreendeis? Se nenhum conceito eu tivesse a respeito de mim mesmo, que me sucederia? Ver-me-ia como que perdido numa floresta, não é verdade? Sentir-me-ia incerto, aterrorizado com a vida. Por isso, formo uma imagem, um mito, um conceito, uma conclusão a meu respeito, porque, sem essa estrutura, minha vida se tornaria, para mim, sem significação, incerta, medonha. Não haveria segurança. Exteriormente, posso estar em segurança, ter emprego, casa, etc., porém desejo estar também em perfeita segurança interiormente; e é esse desejo de

segurança que me impele a formar essa imagem de mim próprio — imagem puramente verbal, isto é, não tem realidade nenhuma, é um mero conceito, uma memória, uma idéia, uma conclusão.

Vejo isso agora como um fato. Dele estou consciente. Continuai, por favor, a acompanhar-me, trabalhemos juntos. Sei como formei a própria imagem, quer por esforço consciente, quer inconscientemente, através das inumeráveis influências da sociedade, da religião organizada, dos livros. Sei-o agora. Eu a formei, e vejo por que a formei. A sociedade o exige; e, também, independente da sociedade, desejo estar em segurança. A sociedade me ajuda e eu também me ajudo a ser essa imagem, essa idéia, essa conclusão; de todo esse processo estou bem ciente.

Agora, desejo saber o que se entende por "estar cônscio de alguma coisa". Estais cônscios de quando tendes fome, ninguém vo-lo precisa dizer; não é uma experiência "de segunda mão". Não é coisa aprendida num livro. Nenhum instrutor vos demonstrou que estais com fome; não houve interferência de nenhuma filosofia, de nenhum método, de nada. Há em vós uma reação interna, a qual chamais "fome"; trata-se de uma experiência de "primeira mão". E percebeis a estrutura, o significado e a natureza dessa imagem do mesmo modo que estais conscientes da fome? Entendeis o que quero dizer? Trata-se de algo que por vós percebestes, descobristes, e que ninguém vos precisa dizer; de um percebimento individual e não de uma descrição por mim feita e por vós aceita? Quando tendes dor de dentes ou de outra natureza, trata-se de uma coisa que é vossa. De modo idêntico, se estais cônscios daquela imagem como algo que vós mesmos descobristes, trata-se então de um descobrimento que ninguém vos pode tirar, nem dissipar, nem aumentar. É o *fato*. Outros poderão descrevê-lo, acrescentar-lhe mais detalhes, mas o fato vos está presente. Podemos prosseguir?

Ora, que acontece quando percebo o fato de que formei uma imagem de mim próprio — quando dele estou tão consciente como da fome? Estamos acostumados a fazer esforços. Desde a infância estimulam-nos a forcejar, a lutar, para termos mais êxito do que outro qualquer. Mas aqui não há necessidade de esforço algum, porque não há nada a exigir-nos esforço. Entendeis? Estou simplesmente a observar o fato de que tenho uma imagem de mim próprio. Todo esforço que

faço para alterar, melhorar ou desfazer essa imagem consiste em ajustar-me a outra imagem que tenho de mim mesmo. Está claro? Se faço um esforço para dissipar ou destruir a atual imagem, esse esforço se origina de uma outra imagem que formei de mim, a qual diz que a imagem atual deve deixar de existir.

Estou a hipnotizar-vos, ou estamos trabalhando juntos?

Como disse no começo, necessitamos de liberdade, não simplesmente de estarmos livres de umas poucas ansiedades, estúpidas e insignificantes, etc., porém de liberdade *completa*. E a liberdade não é uma reação. Toda reação é meramente uma revolta entre as paredes da prisão; não é liberdade. A mente que se vê tolhida por problemas jamais pode ser livre. Quer se trate do problema da morte, quer do problema relativo a vossos sonhos — não importa qual seja o problema; enquanto ele existir não haverá liberdade. O problema é absolutamente sem importância, pois o que importa é a imagem que tendes de vós mesmos. Se nenhuma imagem tendes, se a mente está completamente livre de todas as imagens, estais então aptos a resolver qualquer caso que se apresente, e ele não constitui problema algum.

A mente, pois, está cônscia de ter criado uma imagem de si própria, e que todo esforço para dissipar, dissolver ou fazer alguma coisa a respeito dessa imagem nasce de uma outra imagem, existente num nível muito mais profundo e que diz: "Não devo criar nenhuma imagem." Todo esforço no sentido de alterar a imagem atual procede de outra imagem, mais profunda, de uma conclusão mais profunda. Vejo que isso é um fato e, por conseguinte, minha mente não está fazendo esforço algum para dissipar a imagem. Estais-me seguindo? A mente está totalmente cônscia da imagem, sem ter nenhum desejo, sem fazer nenhum esforço, sem sofrer nenhuma alteração; está simplesmente cônscia dela, simplesmente a olhá-la. Olho para este microfone, e não posso fazer coisa alguma a respeito dele. Ele existe, foi feito. De modo idêntico, a mente olha a imagem, a conclusão que tem a respeito de si mesma, sem fazer nenhuma espécie de esforço; esta é a atenção real. Nessa observação descobrireis que existe uma diciplina tremenda — não a estúpida disciplina de ajustamento. Visto que não faz nenhum esforço para alterar a imagem, a própria mente é essa imagem. Não existem separadas a mente *e* a imagem, porém a mente *é* a imagem. Todo movimento por parte da mente

para identificar-se com essa imagem ou destruí-la é criado ou impulsionado por outra imagem. A mente, por conseguinte, percebe que ela própria é a criadora da imagem.

Se percebeis esse fato, realmente, a imagem perde então toda a importância. A mente está então apta a resolver qualquer problema, qualquer crise que surja, sem o auxílio de nenhuma conclusão prévia, emanada da imagem. A mente está agora livre de todas as imagens e, por conseguinte, não se acha numa posição estática, sobre um pedestal — uma crença, um dogma, uma experiência na forma de conhecimento — de onde observa o problema. A mente, por conseguinte, pode agora "estar completamente" com qualquer dificuldade que se apresenta, sem considerá-la um problema. Só existem problemas quando há uma contradição. Mas, aqui não há contradição alguma. Não tenho nenhuma imagem, nenhum centro, nenhuma conclusão, de onde estou olhando; deste modo, não há contradição e, portanto, não há problema.

Como disse de início, a vida é um movimento de relações, não só com pessoas, porém com tudo — a natureza, dinheiro, idéias. A vida é um movimento, e quando nos movemos com a vida, ela não apresenta nenhum problema. É só quando se apresenta uma situação estática, da qual estamos tentando compreender, que a vida se torna um problema. A vida mundana é a única vida que tendes de compreender, e não a vida espiritual. Quando já não estamos sendo impelidos pela ambição, pela avidez, pela inveja, quando já não buscamos fama, e quando todas as coisas que constituem isso que chamamos "vida mundana" estão em perfeita ordem, há então um movimento totalmente diferente, que a mente não pode prever, nem nele crer ou a seu respeito chegar a uma conclusão. Só existe o movimento da vida, mas nós o dividimos em movimento mundano e movimento espiritual, em vida exterior e vida interior. Fizemos da vida interior uma coisa separada. Cansados da nossa vida mundana, com seus horrores e brutalidades — bem sabeis de tudo o que se passa — tratamos de evadir-nos, de estabelecer dentro em nós uma "vida espiritual" — o que é um grande disparate. Não podeis estabelecer para vós mesmo uma vida espiritual sem terdes, primeiramente, perfeita ordem; e ordem significa liberdade. Vereis, então, que há uma vida totalmente diferente, uma vida não criada pela mente — vida sem causa, sem fim, sem começo — um movimento. Mas, o que quer que façais — sentar-vos em qualquer posição, exe-

cutar todos os truques que quiserdes — nenhuma possibilidade tendes de alcançar ou de compreender aquele movimento, se não existe completa ordem, quer dizer, se não estais livres da luta exterior de cada dia — da dor, do sofrimento, da avidez, da ambição.

INTERROGANTE: Há muitos problemas — sociais, econômicos, nacionais — pelos quais não sou responsável.

KRISHNAMURTI: Está-se morrendo de fome na Ásia; lá há miséria, pobreza, doença, coisas terríveis que desconheceis completamente aqui. Mas, quem é o responsável? Como sabeis, graças à automação, ao aperfeiçoamento do computador, à cibernética, etc., a ciência está hoje em dia apta a libertar o homem das canseiras de certos trabalhos. A ciência tem a possibilidade de fornecer alimentos, roupas e teto a todo o mundo; mas, por que não se faz isso? Não digais que concordais comigo, pelo amor de Deus! Olhai! É porque somos nacionalistas. A glória da França, o estilo de vida dos americanos, o nacionalismo indiano, o nacionalismo africano, o imperialismo dos comunistas, bem como o dos capitalistas — todas essas coisas estão dividindo os homens economicamente. E, religiosamente, os homens estão separados por suas crenças. Aqui, no Ocidente, credes no catolicismo, num certo Salvador, e em toda a Ásia não se crê em nada disso. Lá eles têm suas próprias crenças. Estão, pois, os homens separados pelo nacionalismo, pelo racismo, pelas pressões econômicas, pela chamada religião. E todos nós somos responsáveis por isso, não? Vós sois nacionalista, sentis muito orgulho de ser inglês, tendes muito orgulho de vossas tradições, como francês — e sabe Deus o que mais. É isso o que está separando os homens, não? Por conseguinte, vós e eu só deixaremos de ser responsáveis pelas dores do mundo quando estivermos livres do nacionalismo, do racismo, quando dentro em nós houver ordem.

Por outras palavras, nós somos entes humanos e não indivíduos. A individualidade é uma idéia antiquada, uma idéia insensata. Somos seres humanos, carregados dos problemas de todos os outros entes humanos, onde quer que vivam — na Europa, na Ásia ou na América. Mas se, como ente humano, compreendo a integral estrutura de minha sociedade, de minha norma de vida, com seus problemas, etc., estou então livre dessa imagem. Conseqüentemente, torna-se existente a ordem, e deixo de ser responsável pelas misérias do mundo.

Estou fora da sociedade e assim, apto a ajudar a sociedade. Não desejo reformá-la. Compreendeis? Não sou nenhum reformador social. Devemos desembaraçar-nos, libertar-nos da sociedade, a fim de que surja um novo grupo humano e, por conseguinte, possa ser formada um nova estrutura social. Não se pode reformar a velha sociedade; isso é retrocesso.

INTERROGANTE: Vós formastes uma imagem de vós mesmo, e vos mostrais muito satisfeito com ela.

KRISHNAMURTI: Então, nada mais há a dizer. Isso é o que tem feito a maioria de nós, meu senhor. Quase todos estamos muito satisfeitos com as imagens que temos e, por conseguinte, satisfeitos e felizes com os nossos problemas. Por essa razão, temos a mente embotada, pesada, embrutecida, e quando nos revoltamos nos tornamos *beatniks* ou coisa parecida. Era o que tinha a dizer.

INTERROGANTE: Aquele senhor está falando por si?

KRISHNAMURTI: Não sei. Pode ser que esteja falando por si ou por outros. Tudo isso faz parte de nossa vida diária; todos estamos satisfeitos com nossas imagens.

INTERROGANTE: Se nenhuma imagem tenho de mim mesmo, nesse caso eu nada sou.

KRISHNAMURTI: Mas vós sois alguma coisa? (risos). Por favor, não riais. Este é um assunto muito sério. Sois, em vós mesmo, alguma coisa? Despojai-vos de vosso nome, título, dinheiro, posição, de vossa insignificante capacidade para escrever um livro e receber lisonjas — que sois então? Por que, então, não perceber o que sois — *e sê-lo?* Temos uma imagem do que significa não ser nada e dessa imagem não gostamos; mas o fato real — o nada ser —, quando dele nenhuma imagem tendes, pode ser totalmente diferente; e ele é diferente. Não é um estado que pode ser percebido em termos de não ser nada ou de ser alguma coisa. É um estado bem diferente, em que não existe nenhuma imagem própria. E para não terdes nenhuma imagem de vós mesmo, deveis prestar total atenção, ser ardoroso. Só os atentos, os ardorosos, vivem, e não aqueles que têm imagens de si próprios.

13 de julho de 1965.

MUDANÇA INDIVIDUAL

(SAANEN — III)

ANTEONTEM estivemos falando sobre a maneira de considerar um problema. Como disse, o problema deixa de existir quando a imagem, a fórmula, o conceito já não constitui o *centro* de onde olhamos a crise. A imagem que cada um cria para si próprio depende do temperamento individual, das circunstâncias e das várias pressões e experiências que lhe moldam o pensamento. Foi o que estivemos considerando.

Nesta manhã, desejo falar de assunto mais ou menos semelhante, mas que talvez possamos apreciar de modo diferente.

Onde há maior segurança *exterior* para o indivíduo como entidade social — como acontece no mundo ocidental, onde virtualmente existe segurança para todos — verifica-se, paralelamente, uma maior necessidade de segurança *interior,* não? E a segurança interior busca-se através das religiões organizadas, de vários meios de fuga, de diversões, do dogmatismo político da extrema esquerda ou da extrema direita, etc., etc. Qualquer que seja o meio de que nos servimos, nele nos refugiamos, criando um certo sentimento de segurança interior. Criado esse centro de segurança interior, resistimos a toda e qualquer forma de mudança; e desejo falar, nesta manhã, a respeito de tudo o que subentende a palavra "mudança".

Quase todos nós resistimos à mudança, tanto interior como exterior. No exterior estão-se verificando extraordinárias mudanças, mudanças que talvez não estejais percebendo inteiramente, em especial as que se estão realizando no terreno científico e técnico, e na cibernética; mas, interiormente, quase não se nota mudança alguma. Nós somos o que sempre fomos e estamos sempre tornando mais forte o que *fomos.*

Deixai-me repetir, mais uma vez, que aquí estamos em *comunicação* uns com os outros. A comunicação não é unilateral, é um movimento em que participam ambas as partes — vós e eu. Não estais meramente a escutar uma série de palavras, com as quais podeis concordar ou delas discordar, uma série de idéias que podeis refutar ou aceitar. Se dessa maneira escutais, nenhuma possibilidade existe de nos comunicarmos.

Vamos considerar uma coisa que exige uma grande soma de inteligência, de discernimento e de investigação. Por conseguinte, parece-me que devemos estar cônscios de nosso próprio desejo de segurança; devemos perceber que estamos a buscar algo de permanente, ou seja a imagem que a maioria de nós cria. E, ao perceberdes que estais a procurar, nessa imagem, um sentimento de segurança, há uma revolta; mas essa revolta tem muito pouca significação, uma vez que é apenas a reação de outra imagem diferente. E assim vamos passando de uma conclusão para outra, de uma crença ou dogma para outro, de um sistema de filosofia para outro — ou nos apegamos a nossa própria experiência, na qual nos instalamos e nos cristalizamos. A maioria dos que têm essas imagens míticas, irreais, se torna neurótica, desequilibrada; pois não desejamos examinar essas imagens, não queremos perceber o que realmente está acontecendo. E quando o percebemos, manifesta-se um enorme conflito, do qual desejamos fugir, resistindo a toda e qualquer espécie de mudança.

Ora, acho importantíssimo perceber que não devemos mudar apenas exteriormente. Exteriormente, estamos sendo assaltados a todos os instantes por inúmeras pressões e influências de ordem política, científica, econômica, e a elas reagindo, consciente ou inconscientemente; ou estamos resistindo a essas influências, ou nos deixando levar por elas. Isso, para mim, não constitui uma verdadeira mudança. O mero ajustamento externo a um padrão social, por mais revolucionário que seja, não é mudança nenhuma, porque a pessoa *tem* de ajustar-se, sob pena de ser destruída. É-se obrigado a aceitar a situação, a conformar-se ou ajustar-se a certas alterações externas e a "viver com elas". Nenhuma espécie de pressão que obrigue a pessoa a mudar exteriormente tem valor interiormente. Podem tais pressões influir na pessoa superficialmente, porém, fundamentalmente, nela não produzem mudança alguma. Isso é bem óbvio e não há necessidade de esmiuçar esse ponto.

Temos, pois, de considerar o que é *isso* que muda, e o que, essencialmente, a palavra "mudança" implica. Como disse, cada um de nós tem uma imagem de si próprio, agradável ou dolorosa, lisonjeira ou condenatória. Por favor, acompanhai-me, tornando-vos cônscios de vossa própria imagem e observando-a. Não digais: "É próprio de minha natureza ter uma imagem de mim mesmo. Com ela nasci, faz parte de minha personalidade, e não posso mudar" — o que é um verdadeiro absurdo. A natureza humana é suscetível de transformar-se radical, fundamental, profundamente. Não existe esta coisa: uma imagem *natural*. Portanto, prestai atenção à imagem que tendes de vossa pessoa.

O passo subseqüente é a escolha. O indivíduo escolhe o que quer ser ou o que não quer ser, conforme a imagem que tem de si próprio. Essa imagem dita as suas atividades. Exteriormente, podeis estar-vos ajustando aos padrões, freqüentando o emprego, tendo vida de família, etc., porém, interiormente, essa imagem dita as vossas atividades, vosso modo de pensar e de sentir, vossos motivos, vossa energia, vossos esforços. Onde se exerce a escolha, está em ação a vontade, não? Tendes de vós mesmos uma imagem, a qual concorre para constituir as várias formas de escolha, e o que faz pôr em ação a escolha é a vontade. Estais seguindo?

Para a maioria de nós é necessário, na ação, o exercício da vontade. Não conhecemos ação de outra qualidade. Só conhecemos a ação como vontade — "eu quero" e "eu não quero". Digo: "Isto é agradável e me esforçarei para consegui-lo; aquilo é desagradável e o evitarei." Observai-vos, por favor; não vos limiteis a ouvir minhas palavras, pois pretendo, se possível, aprofundar bem esta matéria.

Só conhecemos a ação como vontade, e da vontade nasce a chamada "virtude". "Quero ser isto e não quero ser aquilo." Nossa virtude, nossa moral, nossa ética estão baseadas na escolha, que é a ação da vontade.

Está claro, até aqui? Não concordeis comigo, não aceiteis nem rejeiteis o que digo, mas vede o que de fato está ocorrendo em vós mesmos.

Nossa moral, pois, baseia-se na escolha, na ação da vontade, e atrás desta está a imagem. Agora, qualquer alteração que conscientemente operamos está circunscrita a esse padrão, de modo que nossa ação é sempre contraditória, não é verdade?

A ação baseada na escolha e na vontade representa, sempre, um estado de contradição, porque atrás dela está nossa própria imagem, a imagem do que gostaríamos de ser — imagem neurótica ou simplesmente fantástica, agradável, ou dolorosa. Nós agimos em conformidade com essa imagem, e como a ação deve variar constantemente, há, nela, contradição. Não podemos seguir uma linha de ação uniforme, porque a vida não o permite, e por isso agimos sempre de maneira contraditória. Se isto não está claro, poderemos examiná-lo posteriormente.

Ora, pode-se ver que a ordem é necessária, não só exterior, mas também interiormente. Deve haver ordem, não só no aposento em que morais, mas também em vosso interior. A ordem é virtude, obviamente. Mas, a ordem não pode ser criada pela vontade. A ação da vontade é imoral, porque acarreta contradição, que é desordem.

Vou expressá-lo de outra maneira, pois vejo que alguns de vós não o estão percebendo claramente.

No quarto em que moro, preciso manter um certo grau de asseio, de ordem, de arrumação, para evitar confusão. Mas, não é só às coisas exteriores que devo ser sensível; devo ser também sensível interiormente. Se no exterior há desordem, confusão, não é possível a sensibilidade. Do mesmo modo necessito, para ser sensível, de muita ordem íntima. Se há desordem íntima, cria-se confusão, contradição, vê-se a mente num estado de constante agonia, aflição, sofrimento. Por conseguinte, necessito de ordem em meu interior. Vejo, entretanto, que essa ordem não pode ser criada pela vontade, porque a vontade é resistência. Se digo: "Criarei a ordem dentro em mim", essa "ordem" que crio está em conformidade com o padrão, a imagem que o pensamento estabeleceu; por essa razão, há contradição — que é desordem.

Mas, eu necessito de ordem, e a ordem é virtude. Não me refiro à virtude da sociedade, nem à moralidade social, ao comportamento respeitável — não me estou referindo a nada disso. Nada disso é virtude, porém imoralidade. A moralidade social não é absolutamente moralidade. Estou falando a respeito da ordem interior e sobre como poderei criá-la.

Vede o problema. Tenho uma imagem da espécie de ordem de que necessito e faço minha escolha em conformidade com essa imagem, exerço minha vontade para produzir a ordem. Mas, percebo agora que isso não é criar ordem nenhuma. É, meramente, criar, dentro em mim, uma fortaleza de resistên-

cia; e, assim, o que há é desordem. Cumpre-me pois, descobrir uma maneira de criar a ordem, uma maneira em que não haja nenhuma espécie de escolha. A escolha, em qualquer forma que seja, é ação da vontade, ou produz a ação da vontade em conformidade com a imagem, as bases, a conclusão, a expeperiência, as idéias que acaso tenho.

Deste modo, vejo que se necessita de uma ordem que não seja resistência, nem isolamento, nem meio de fuga, e que essa ordem tem de ser produzida mediante um estado livre de escolha, onde a vontade não atue como resistência. Percebo que a ordem que antes criei, exterior e interiormente, é, em verdade, desordem. Exteriormente, me ajusto ao padrão convencional, à norma social; isto é, sou um indivíduo ambicioso, invejoso, ávido, empenhado em competição, e como isso se cria uma terrível desordem no mundo. Interiormente, desejo paz e tranqüilidade, serenidade, segurança; e também aí (no interior), uma vez que meu desejo é de prazer — crio desordem. Observo, pois, que toda a minha ação, tanto interior como exterior, é um fator de desordem. Embora o que exteriormente faço possa ser considerado moral, ético, etc., está produzindo desordem. Isso eu percebo muito claramente. A escolha, em qualquer forma, e o exercício da vontade, baseados no desejo de prazer, criam, com efeito, resistência e, por conseqüência, desordem.

Ora, existe outra espécie de ação, não derivada da escolha nem da vontade? Não digais: "Como se pode agir sem a vontade? Como se pode viver neste mundo sem nunca escolher? Tudo o que faço está baseado na escolha, quer se trate de escolher a cor da minhas calças, quer de escolher outras coisas. Se não deve haver escolha e, por conseguinte, nenhum exercício da vontade, ficarei simplesmente a flutuar na corrente; não haverá estabilidade, uma âncora." É esta nossa reação natural, não? Dizeis: "Se não exerço a vontade, que posso fazer?" — Esta pergunta só se faz quando não são percebidas as implicações de todas as atividades volitivas. A vontade está essencialmente baseada no prazer e na resistência, e qualquer espécie de ordem que ela venha a produzir será, com efeito, desordem; e uma vez tenhais compreendido o inteiro "processo" da vontade, então vos abstereis de tocá-lo, de vos aproximardes dele, porque fundamentalmente desejais a ordem.

Compreendemos a natureza da vontade? A vontade se baseia no desejo de prazer e na resistência à dor; baseia-se,

não no fato, porém no prazer. Não sei se entendeis isso. Estais-me seguindo? Por favor, vós não sois meus discípulos — não é dessa maneira que deveis seguir-me! Mas, nós estamos viajando juntos com o fim de descobrirmos alguma coisa; queremos descobrir se existe uma nova maneira de viver. É um desejo natural, essencial, da parte de todo ente humano inteligente — descobrir a nova maneira de vida, em que não sejamos torturados, não nos vejamos em agonia, não tenhamos tantos terrores e ansiedades, esta infinita confusão em que nos achamos. Deve haver uma nova maneira de viver; e, para poderdes encontrá-la, tendes de rejeitar, abandonar completamente a velha maneira. Mas, não a podeis rejeitar sem primeiro compreendê-la. Não podeis dizer, simplesmente: "Não quero viver assim"; isso nada significa. Já se compreendeis o que está implicado no padrão da antiga maneira, ou sejam o pensamento e a ação provenientes da vontade e da escolha, então o padrão cai por si.

Mas em regra somos muito preguiçosos, tanto física como interiormente. Tudo isso requer penetração, profunda investigação e análise, e não aceitação; significa viver com uma intensa energia aplicada ao descobrimento; e porque interiormente quase todos somos indolentes, não queremos viver dessa maneira. Preferimos viver felizes, no estado neurótico criado pela nossa imagem — ou viver infelizes, esperando que, de algum modo, as circunstâncias alterem essa imagem e dêem nascimento a uma imagem nova, feliz.

Toda a estrutura constituída pela imagem, escolha e vontade assenta em nosso desejo de conservar o prazer e rejeitar a dor. Procurai compreender o que estamos dizendo em relação ao prazer e à dor. Nós temos de resistir à dor física; mas, aqui, estamo-nos referindo ao medo que temos da dor psicológica. Compreendeis? Temendo a dor interior ou psicológica, não estamos encarando os fatos, porém olhando todas as coisas com o só intuito de evitar aquela dor ou de conservar o prazer.

Assim, compreendido esse processo, que é então *ação sem vontade?* E, também, que é *mudança?* Quando conscientemente quereis mudar, dizendo: "Não fumarei mais; não beberei mais; não farei mais isto, não farei mais aquilo" — quando deliberadamente tratais de efetuar uma mudança em vós mesmos, não verificais que nesse ato deliberado de mudar ocorre muita resistência e inútil dispêndio de energia? Estais resis-

tindo aos velhos hábitos, aos velhos padrões de pensamento, a batalhar com eles, esperando achar, assim, uma nova maneira de viver. Este é um quadro sobejamente conhecido, não? Onde há escolha deliberada, a deliberada intenção de efetuar uma mudança, há então não só resistência, senão também desperdício de energia e, por conseguinte, não há mudança nenhuma.

Vejo, pois, que, quando há ação deliberada, destinada a produzir em mim qualquer mudança, não há nenhuma mudança real, porém apenas desperdício de energia. Dessarte, só pode realizar-se a mudança quando não há esforço consciente para mudar, quando não há o desejo deliberado de transformação. Ocorre a mudança quando se compreende integralmente o padrão da imagem e como foi ele criado — da imagem baseada no desejo de prazer e de evitar a dor psicológica, do qual resulta a escolha e o exercício da vontade no agir. Esse padrão se repete incessantemente, e é dentro do campo desse padrão que desejamos a mudança; mas, toda mudança efetuada nessas condições é uma resistência, um desperdício de energia e, por conseguinte, não é mundança nenhuma. Mudança, no genuíno sentido da palavra, significa uma "explosão" e, para "explodir", necessitais de energia, e para terdes energia não deve haver resistência nenhuma. É uma mudança na qual nenhuma interferência tem o pensamento como vontade. A mudança é como a virtude. A virtude que se cultiva deixa de ser virtude. Se estou cheio de vaidade e, deliberadamente, começo a esforçar-me para ser humilde e a praticar diariamente a virtude da humildade, isso nada significa. Mas, despedaçar a vaidade, numa "explosão", sem o exercício da vontade, inconscientemente, significa ter plena energia para olhar essa coisa que se chama "vaidade"; nisso há humildade.

A virtude, pois, é a ordem produzida sem nenhum pensamento ou intenção deliberada — e nisso há grande beleza. A ordem não é produto do tempo. O tempo gera desordem. Assim, devo estar consciente de todo esse ciclo, sem o pôr à margem, ou dele fugir, ou fazer qualquer outra coisa em relação a ele; cabe-me percebê-lo como um *fato,* sem nenhuma escolha, assim como estou cônscio deste microfone. Este microfone é um fato, não? Ele é assim, não posso alterá-lo. Está aqui à minha frente. De modo idêntico, tenho de estar ciente, deste total processo de pensar em termos da imagem, que até agora tem trazido desordem e aflição imensa à humanidade, a cada um de nós. E quando estiverdes conscientes

disso, descobrireis que há uma ação em que o tempo e a vontade não interferem.

Já disse que o tempo gera a desordem, mas não quero aprofundar-me na questão do tempo esta manhã. Fá-lo-emos noutro dia; porque precisamos de muito tempo para tratar deste assunto — refiro-me ao tempo cronológico — e talvez esta não seja a adequada ocasião. Porém, quando realmente compreenderdes que uma ordem imensa é necessária internamente, e depois externamente, haverá então ordem em todas as vossas relações — com a família, os amigos, com a propriedade e com as idéias.

A ordem — que é em essência o começo e o fim da virtude — não surge de forma alguma mediante um ato deliberado. Qualquer ato deliberado para estabelecer a ordem é imoral, e é isso o que vemos no mundo. A ordem social que estabelecemos em várias partes do mundo baseia-se, como bem sabeis, na competição, na avidez, na inveja e na brutalidade; e no domingo, ou outro dia qualquer, (*) falamos em fraternidade. Mas, são duas coisas incompatíveis (**). Nossa ordem social é desordem e, por conseguinte, imoral. Não estou condenando a sociedade, porém apenas discriminando fatos.

Assim, para produzir ordem em mim mesmo, como ente humano — não como indivíduo isolado, porém como ente humano que faz parte do resto da humanidade — tenho de compreender esse processo complexo e extraordinariamente sutil, que é o processo da vontade, da escolha e da imagem.

INTERROGANTE: No momento em que o indivíduo se torna cônscio da imagem que constituiu, isso lhe causa dor, perturbação, e o pensamento que "olha" essa imagem se detém.

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, percebemos bem a imagem, ou dela nos inteiramos porque alguém nos falou a seu respeito? Alcançais a diferença? Estou realmente cônscio da imagem existente em meu interior? Ou só a percebo porque alguém dela me falou? Decerto, existe uma diferença. Eu sei quando tenho fome, ninguém me precisa dizer. Mas, se me dizeis: "Estais com fome", e eu "reajo" e digo: "Com efeito, estou com fome" — isso já é outra coisa.

(*) I. e., conforme a religião de cada um.

(**) I. e., a atual ordem social e a fraternidade. (N. do T.)

Ora, sabeis da imagem que formastes através dos anos, a imagem que a sociedade vos deu, etc.? Dela vos cientificastes sem ser por informação? Ou só a percebeis porque alguém vo-la mostrou? Verificai isso. Se feito por vós mesmo, esse descobrimento é realmente vital; mas, se apenas fostes informado e dizeis: "É verdade, tenho uma imagem" — isso não encerra a mesma vitalidade, a mesma energia.

INTERROGANTE: E que acontece quando não se trata de uma nem de outra coisa?

KRISHNAMURTI: Quando a pessoa não descobre por si a imagem, nem a encontra porque alguém lhe falou a seu respeito, que acontece? Ora, neste caso me parece que a pessoa ou está dormindo, ou *não deseja* descobri-la, ou diz: "Ela faz parte de meu EU transcendental, do Supremo" — o que quer que isso signifique. Como podeis ver, isto é bem simples; por que torná-lo complicado?

Se não desejo descobrir que formei uma imagem, por mais vezes que me digais que o fiz, eu não a verei; e a maioria de nós não deseja descobri-la, porque é uma imagem que nos dá tanta segurança, tanta satisfação e deleite! Não queremos ser interrogados a respeito dela, e por isso fazemos ouvidos moucos. Mas, se a descobris por vós mesmo, esse descobrimento tem muito mais vitalidade do que serdes informado sobre o que está errado.

Bem; continuemos. Descobri que tenho uma imagem. Tornei-me subitamente consciente do fato de que tenho uma imagem de mim mesmo — imagem que é produto de minha vaidade, meu prazer, minha dor, minhas conclusões. Uma imagem construída pelo pensamento, pela experiência, pela vida, por minhas relações, minhas atividades, minhas aflições, minha degradação — tudo construiu em mim mesmo essa imagem, e dela me tornei consciente. Que acontece então? Estou cônscio dela, sem fazer nenhuma escolha, como um *fato* — um fato que não posso alterar? Entendeis o que quero dizer? É um fato que o Sol nasce e se põe, e a tal respeito nada posso fazer. Identicamente, essa imagem é um fato, e como um fato a percebo, sem dizer. "Quero livrar-me dela", ou "Quero alterá-la", ou "Alguma coisa tenho de fazer em relação a ela."

Estais-me seguindo? Estais vendo a imagem de vós mesmos, formada através de séculos — vendo-a como um fato?

Compreendeis? Estais a olhá-la, sem nenhuma escolha e sem ser em conformidade com vosso prazer ou dor? Se a olhais sem escolha, ela é então um fato, não? A imagem é um fato, é o que é. Pois bem. Estais a olhá-la como um observador externo — ou sois *vós* a imagem? Entendeis o que quero dizer? Espero esteja claro.

Descobri essa imagem inconscientemente. Olho-a como um observador separado da coisa observada? Estou separado daquilo que observo? Existe algum espaço entre o observador e a coisa observada? Com efeito, o observador *é* a imagem, os dois não estão separados — e aqui é que começará a nossa dificuldade, porque acostumei-me a considerar a imagem como coisa exterior a mim, coisa que devo observar, alterar, adicionar-lhe ou subtrair-lhe algo. Nunca a vi como sendo *eu mesmo*, como o próprio observador, porém sempre como coisa observada. Perceber a imagem como sendo o próprio observador exige atenção completa. Quando meramente sois os observadores separados da coisa observada, isso significa fugir ao fato; precisamos perceber a realidade de que só há a imagem e não o observador.

Agora, tomai uma flor, uma árvore, um rosto — não importa o que seja — e olhai. Quando olhais a flor, o fazeis como biologistas, como botânicos; quer dizer que a olhais com todos os conhecimentos que a seu respeito adquiristes. Não é exato isso? Em alguma ocasião olhais uma flor sem ser "botanicamente", ou os conhecimentos que dela tendes interferem sempre? Quando o saber se imiscui no ato de olhar, sois então meros observadores separados da flor. Isto é bastante simples.

Provavelmente, nunca olhastes a imagem sem interferência da *escolha;* por conseguinte, não sabeis que, então, só existe a imagem e nenhum observador. Quando reconheceis esse fato, não há mais o problema de vos libertardes da imagem, de aumentá-la, ou de rejeitá-la. Estais em presença de um *fato*. Mas, enquanto olhardes o fato como observadores, estareis a dissipar a própria energia de que necessitais para compreender completamente, *ser* ou ver o fato, sem que exista nenhum observador.

Ora, que acontece ao existir unicamente a imagem, sem haver o censor para dizer "gosto" ou "não gosto" desta imagem? Que acontece quando só existe o fato, e não há fugir de sua presença? Quando o fato não é nem agradável, nem doloroso,

porém simplesmente *é* e, portanto, podeis olhá-lo completamente, com toda a vossa energia — que acontece? Entendeis? Havendo observador ou censor, desperdiça-se energia. Mas, quando só existe o fato a exigir toda a vossa energia e atenção, vê-se que a imagem "explode" — pois nenhuma validade, nenhuma substância tem. Desaparece definitivamente. Pode-se então iniciar uma vida nova, porquanto já não há censor para ditar-vos o que deveis ou o que não deveis fazer. Ocorre uma revolução completa, uma transformação total e, por conseguinte, perfeita ordem.

15 de julho de 1965.

A TRANSFORMAÇÃO DA MENTE

(Saanen — IV)

Nas três últimas reuniões estivemos falando sobre a necessidade de uma fundamental e radical revolução interior. Não aludimos a uma revolução propriamente individual, isto é, não se trata de salvar nossas insignificantes pessoas, porém da revolução íntima do homem totalmente relacionado com todos os outros seres humanos.

Conscientemente, podemos separar-nos em pequeninas individualidades, porém, bem no fundo, inconscientemente, nós somos os herdeiros da experiência humana de todos os tempos; e as meras modificações superficiais, efetuadas no nível econômico ou social, embora possam facultar um pouco mais de conforto e comodidade, não produzem uma nova sociedade. O que nos interessa é, não só a total transformação da natureza do ente humano, mas também a criação de uma sociedade diferente, uma sociedade condigna; e não é possível haver tal sociedade se não existem seres humanos bons. Os bons entes humanos não se criam numa prisão. A bondade floresce na liberdade, não na tirania, nem em sistemas de um só partido, políticos ou religiosos.

A liberdade é considerada pela sociedade como perigosa para ela própria, porque, em liberdade, o indivíduo persegue os seus próprios fins. Mercê de seus talentos e sagacidade, o indivíduo domina outros menos empreendedores, e por essa razão existe, em geral, o sentimento, a idéia, a opinião de que a liberdade é contrária a uma boa sociedade. Em vista disso, as tiranias políticas tratam de controlar, no campo religioso, econômico e social, a mente humana; inibem a mente a fim de impedir o homem de pensar livremente. Nas chamadas sociedades democráticas existe maior liberdade, é óbvio, pois

do contrário, não poderíamos estar aqui reunidos a falar sobre este assunto.

Em certos países não teríamos permissão para isso. Mas a liberdade é também negada nas democracias, quando se traduz em revolta. Ora, não estamos falando de revolução no sentido político, porém, ao contrário, estamos tratando do pleno florescer da bondade humana, que, só ela, pode produzir uma sociedade criadora.

Essa bondade do ente humano só pode desabrochar na liberdade — na total liberdade. E, para compreender a questão da liberdade, temos de examiná-la não só em termos de ordem social, mas também em termos de relação do indivíduo com a sociedade. A sociedade subsiste graças à manutenção de um simulacro de ordem. Se um indivíduo observa a sociedade em que vive, não importa se da esquerda, da direita ou do centro, percebe que ela exige ordem, relações sociais nas quais o indivíduo não explore desenfreadamente os seus semelhantes. Mas a ordem é negada por causa da própria estrutura básica, psicológica, da sociedade. Ainda que proclame o contrário, a sociedade está notoriamente baseada na competição, na avidez, na inveja, no impulso agressivo de cada um, visando ao próprio preenchimento, ao próprio aperfeiçoamento. Numa tal sociedade não pode existir liberdade nenhuma e, por conseguinte, ordem nenhuma. A sociedade, como hoje existe — quer da esquerda, quer da direita — é desordem, porque não se preocupa com a transformação fundamental da mente humana. Essa transformação ou revolução interior só pode ocorrer quando há liberdade; mas por "liberdade" não entendo nenhuma reação — libertar-se *de* alguma coisa. Libertar-se *de* alguma coisa é uma reação e, portanto, não é, de modo nenhum, liberdade.

Se a mente trata apenas de libertar-se de uma certa atitude, de certas idéias, ou de certas formas de expressão própria, nesse libertar-se *de* alguma coisa, que é uma reação, a mente é impelida para uma outra forma de asserção e, por conseguinte, não há liberdade nenhuma. É, portanto, necessário perceber claramente o que se entende pela palavra "liberdade". Sei que o problema da liberdade tem sido discutido em inúmeros livros; tem dado nascimento a filosofias, a idéias e conceitos religiosos, e a um sem-número de expressões políticas. Mas vivendo, como vivemos, num mundo tão destrutivo, tão cheio de sofrimento, de aflição e confusão, e,

vendo-nos atormentados por nossos próprios problemas, nossas próprias frustrações, desesperos, a menos que vós e eu, como entes humanos em total relação com os outros entes humanos, descubramos, por nós mesmos, o que é a liberdade, não será possível o florir da bondade. A bondade não é uma simples palavra sentimental, ela é de extraordinária significação e, sem ela, não vejo como se possa agir sem reação — fonte de tanto sofrimento, medo e desespero.

Acho, pois, necessário que a mente humana compreenda totalmente esta questão — o que é a bondade. A palavra "bondade" não é o fato, a palavra não é a coisa, e devemos ter muito cuidado para não nos deixarmos enredar nessa palavra e sua definição.

Ao contrário, devemos *ser* ou compreender o estado que chamamos "bondade". A bondade só pode desabrochar, florir, na liberdade. A liberdade não é uma reação, não é libertar-se *de* uma certa coisa e tampouco é uma resistência ou revolta *contra* alguma coisa. É um estado de espírito; e esse estado de espírito, que é a liberdade, não pode ser compreendido se não há *espaço.* A liberdade exige espaço.

Há no mundo cada vez menos espaço; as cidades se estão tornando cada vez mais densamente povoadas. A "explosão demográfica" nega espaço a cada um de nós. O indivíduo, em geral, mora num pequeno quarto, rodeado de muitos outros quartos, e não há espaço, a não ser se saímos para o campo, para longe das cidades enfumaçadas, poeirentas e barulhentas. A esse respeito, gozemos de uma certa liberdade; mas não pode haver liberdade interior, se interiormente não existe espaço. Outrossim, a palavra "espaço" é diferente do fato e, portanto, deixai-me sugerir-vos que não vos apodereis dessa palavra para analisá-la e defini-la. É muito fácil procurar a palavra num dicionário e verificar o que ele diz a respeito de "espaço".

Ora, podemos fazer-nos a pergunta "Que é espaço?" — e por aí nos ficarmos, sem tentar definir a palavra, nem tentar penetrá-la ou investigá-la, porém, antes, perceber o que ela significa não verbalmente. Liberdade e espaço se acompanham. Para a maioria de nós, espaço é o vazio existente ao redor de um objeto — ao redor de uma cadeira, de um edifício, de uma pessoa, ou da periferia da mente.

Escutai, por favor, o que estou dizendo, sem concordar nem discordar, porque agora vou falar sobre uma coisa algo

sutil e difícil de expressar-se em palavras; mas *temos* de fazê-lo, para podermos compreender o que é a liberdade.

Em geral, só conhecemos o espaço por causa do objeto. Vemos um objeto e, ao redor dele, o que chamamos "espaço". Existe este pavilhão, e dentro e ao redor dele há espaço. Há espaço em torno daquela árvore, daquela montanha. Só conhecemos o espaço existente dentro das quatro paredes ou do lado de fora de um edifício, ou ao redor de algum objeto. De modo idêntico, interiormente, só conhecemos, o espaço criado pelo centro que o observa. Há o centro, a *imagem,* se posso voltar a esta palavra — e, aliás, a palavra "imagem" não é o fato — e ao redor desse centro existe espaço; portanto, só conhecemos o espaço por causa do objeto nele contido.

Ora, existe espaço sem o objeto, sem o centro de onde, como ente humano, estais olhando? O espaço, como o conhecemos, está em relação com formas, estruturas; ele existe por causa de uma estrutura em relação com outra estrutura, um centro em relação com outro centro. Ora, se o espaço só existe por causa do objeto, ou porque a mente tem um centro de onde observa, nesse caso tal espaço é limitado e, por conseguinte, nele não há liberdade. Andar livremente dentro de uma prisão não é estar em liberdade. Estar-se livre de um certo problema entre as quatro paredes de nossas relações — isto é, dentro do limitado espaço de nossa própria *imagem,* nossos próprios pensamentos, atividades, idéias, conclusões — não é liberdade.

Deixai-me mais uma vez sugerir que, através das palavras do orador, observeis o limitado espaço que criastes ao redor de vós mesmos, como entes humanos em relação com outros; como um ente humano que está vivendo num mundo de destruição e brutalidade; como um ente humano que está em relação com determinada sociedade. Observai vosso próprio espaço, vede como é limitado. Não me refiro às dimensões do quarto em que morais — se pequeno, se grande — não é disso que estou falando. Refiro-me ao espaço interior que cada um de nós criou em torno de sua própria imagem, em torno de um centro, de uma conclusão. Como vemos, o único espaço que conhecemos é aquele que tem por centro um objeto. Não sei se isto está claro. Estou procurando exprimir que, enquanto existir um centro em torno do qual houver espaço, ou um centro criador de espaço, não haverá liberdade; e quando não existe liberdade, não há bondade. A bondade só

pode florescer onde há espaço — espaço em que não existe a *imagem*, o centro.

Vou expressá-lo de outra maneira — pois vejo-vos um tanto perplexos. É da própria natureza da mente ativa, sadia, vigorosa, exigir liberdade, não só para si, mas também para outros. Mas a palavra "liberdade" tem sido traduzida de várias maneiras — religiosa, econômica e socialmente. Na Índia foi traduzida de um maneira, aqui diferentemente. Consideremos, pois, esta questão — isto é, o que, para um ente humano, é a liberdade. Isolar-se num mosteiro ou tornar-se monge peregrino, ou viver encerrado numa fantástica torre de marfim — isso, por certo, não é liberdade. Tampouco é liberdade identificar-se o indivíduo com um certo grupo religioso ou ideológico. Assim investiguemos o que é liberdade, e como será possível existir liberdade em todas as nossas relações.

Ora, para compreendermos a liberdade nas relações, temos de examinar a questão do espaço — o que é *espaço;* porque, em maioria, somos espíritos pequeninos, vulgares, limitados. Estamos altamente condicionados — condicionados pela religião, pela sociedade em que vivemos, por nossa educação, pela tecnologia; vemo-nos limitados, forçados a ajustar-nos a um certo padrão, e percebemos que, nesse limitado terreno, nenhuma liberdade existe. Mas, nós exigimos liberdade — liberdade total, e não apenas uma liberdade parcial. Viver vinte e quatro horas por dia numa célula de prisão, e ocasionalmente ir dar uma voltas no pátio da prisão — isso não é liberdade. Vivendo, como ente humano, na atual sociedade, com toda a sua confusão, suas aflições e torturas, o indivíduo exige liberdade; e essa exigência de liberdade é perfeitamente saudável e normal. Assim, para quem vive em sociedade, para quem vive em relação com a família, com as posses, com as idéias, que significa ser livre? Pode a mente, em algum tempo, ser livre, se, dentro em si, não existe ilimitado espaço — espaço não criado por alguma idéia, não criado por alguma imagem que, como centro, dispõe de limitado espaço em torno de si? Por certo, como ente humano, o indivíduo deve descobrir, por si mesmo, a relação entre *liberdade* e *espaço*. Que é espaço? E existe espaço, se não há nenhum centro, se não existe o objeto criador de espaço?

Estais acompanhando? É sumamente importante descobrirmos, individualmente, o que é espaço, pois, do contrário, não há possibilidade de liberdade, e estaremos sempre sendo torturados, estaremos sempre em conflito uns com os outros; e só

saberemos revoltar-nos contra a sociedade — mas isso nenhuma significação tem. Se nos limitamos a deixar de fumar, ou nos tornamos *beatniks* ou *beatles* ou sabe Deus o que mais — nada disso tem significação, porque tais coisas são meras formas de revolta no interior da prisão.

Ora, estamos averiguando se existe liberdade que *não* seja uma revolta, que não seja uma pura idéia criada pela mente, porém um *fato*. E, para averiguá-lo, devemos investigar profundamente a questão do espaço. Um vulgar espírito burguês, da classe média — ou um espírito aristocrata, que também é vulgar — poderá considerar-se livre, mas esse espírito *não* é livre, porquanto está encerrado em seu limitado espaço, o apertado espaço criado pela imagem consoante à qual ele funciona. Está claro?

Vemos, pois, que não se pode ter ordem sem espaço, e sem ele não se pode ter liberdade. Espaço, liberdade e ordem é uma tríade inseparável. Uma sociedade da extrema esquerda espera criar a ordem por meio da ditadura, da tirania de um partido político; mas tal sociedade não pode criar ordem, nem econômica, nem socialmente, nem de nenhuma outra maneira, porque a ordem exige a liberdade do homem em seu próprio interior, não como um indivíduo preocupado em salvar sua insignificante e desprezível pessoa, porém como um ente humano que vive há dois milhões de anos ou mais, e dispõe da total e imensa experiência da humanidade.

A ordem é virtude, e a virtude ou a bondade não podem florir numa sociedade que está sempre em contradição consigo mesma. As influências externas — ajustamento econômico, reforma social, progresso técnico, viagem a Marte, etc., etc. — não podem produzir ordem nenhuma. O que produz a ordem é a investigação da liberdade — não uma investigação intelectual, porém um trabalho real, visante a despedaçar nosso condicionamento, nossos limitantes preconceitos, nossas estreitas idéias; a despedaçar completamente a estrutura psicológica da sociedade, de que fazemos parte. A não ser que tudo seja demolido, não haverá liberdade e, por conseguinte, não haverá ordem. É como querer uma mente mesquinha compreender a imensidade do Universo, da vida, da beleza. Não pode, decerto. Poderá imaginá-la, cantá-la em versos, pintá-la em quadros, mas a realidade é diferente da palavra, da imagem, do símbolo, do retrato.

A ordem só pode nascer do percebimento da desordem. Não podeis criar a ordem; percebei bem este fato. O que

podeis fazer é tornar-vos cônscios da desordem existente, tanto no exterior como no interior. Uma mente desordenada não pode criar nenhuma ordem, porque não sabe o que significa *ordem*. Poderá unicamente, em reação ao que pensa ser "desordem", criar um padrão a que chama "ordem", depois, ajustar-se a esse padrão. Mas, se a mente se torna cônscia da desordem em que está vivendo — ou seja do *negativo, sem* projetar o suposto *positivo* — a ordem se torna então algo extraordinariamente criador, um movimento vivo. A ordem não é um padrão que se deve observar dia por dia. Seguir um padrão por nós mesmos estabelecido, praticá-lo dia após dia, isso é desordem — a desordem inerente ao esforço, ao conflito, à avidez, à inveja, à ambição, à confusão em que se acham todos os pequeninos entes humanos que criaram a presente sociedade e por ela foram condicionados.

Agora, pode um indivíduo tornar-se cônscio da desordem — cônscio, sem discriminar, sem dizer "Isto é desordem, e aquilo é ordem"? Pode uma pessoa, dessa maneira tornar-se cônscia da desordem? Isso requer inteligência e sensibilidade excepcionais; e nesse percebimento sem escolha há também uma disciplina que não é mero ajustamento.

Estou correndo demais? Estou, por assim dizer, empurrando um monte de idéias num só cesto, e servindo-as todas ao mesmo tempo?

No tocante à maioria de nós, a disciplina — gostemos dela ou não, quer a pratiquemos, quer não, estejamos, ou não conscientes dela, — a disciplina é uma forma de ajustamento. Todos os soldados do mundo — pobres e lamentáveis criaturas humanas, não importa se da esquerda ou da direita — são obrigados a ajustar-se a um padrão, porque deles se esperam certas coisas. E, conquanto não sejamos, nós outros, soldados exercitados para destruir os nossos semelhantes e proteger a nós mesmos, ainda assim a disciplina nos é imposta pelo ambiente, pela sociedade, pela família, pelo emprego, pela rotina diária de nossa existência; ou nós próprios nos disciplinamos.

Quando se examina a inteira estrutura e significado da disciplina, quer se trate de disciplina imposta, quer de auto-disciplina, percebe-se que ela é um forma de ajustamento, interior ou exterior, a um dado padrão, memória, experiência. E nós nos rebelamos contra essa disciplina. A mente de todo ente humano se revolta contra essa estúpida espécie de ajustamento, não importa se imposta por ditadores ou por sacer-

dotes, santos, deuses, ou por quem quer que seja. Entretanto, é fácil perceber que há necessidade de uma certa disciplina na vida — disciplina que não seja mero conformismo, ajustamento a um padrão, não-baseada no medo, etc.; porque, se nenhuma disciplina existe, não se pode viver. Assim, devemos investigar se existe uma disciplina que não constitua ajustamento; porque todo ajustamento destrói a liberdade, jamais cria liberdade. Vede as religiões organizadas, os partidos políticos do mundo inteiro. O ajustamento, é óbvio, destrói a liberdade, e não precisamos esmiuçar este ponto. Isso, ou a gente vê ou não vê: depende de cada um.

A disciplina do ajustamento, criada pelo medo à sociedade e faz parte da estrutura psicológica da sociedade, é imoral e contrária à ordem; e nessa armadilha nos vemos aprisionados. Pois bem. Pode a mente descobrir se existe um certo movimento disciplinar que não seja um processo de controle, moldagem, ajustamento? Para descobrirmos isso, temos de estar cônscios dessa enorme confusão e aflição em que vivemos; pois estar cônscio de tudo isso, não fragmentariamente, porém de maneira total e, portanto, sem nenhuma escolha — isso, em si, é disciplina.

Se percebo claramente o que estou fazendo, se estou consciente do movimento de minha mão, por exemplo, este próprio percebimento é uma forma de disciplina isenta de ajustamento. Está claro? Não deveis compreender isto apenas verbalmente, tendes de percebê-lo realmente, dentro em vós mesmos. A ordem só pode nascer com esse percebimento em que não existe escolha alguma e que, por conseguinte, é um percebimento total, uma sensibilidade completa a todos os movimentos do pensamento. Esse total percebimento é, ele próprio, uma disciplina sem ajustamento; por conseguinte, em razão desse total percebimento da desordem, surge a ordem. A mente não a *produziu*.

Para haver ordem, que é o florescer da bondade e da beleza, há necessidade de liberdade; e não há liberdade, se não há espaço.

Atenção! Vou fazer-vos uma pergunta — mas não necessitais responder-me. Que é *espaço?* Fazei-vos esta pergunta, não levianamente, porém com toda a seriedade, assim como eu a estou fazendo. Que é espaço? Vossa mente só conhece, por ora, o espaço contido entre os limites de vosso quarto, ou o espaço que um objeto cria em torno de si. Esse é o único

espaço que conheceis. Mas, existe espaço sem objeto? Se não há espaço sem objeto, então não há liberdade e, por conseguinte, não há ordem, nem beleza, nem o florescer da bondade. Só há luta perene. Assim, a mente tem de descobrir, mediante aplicação e trabalho, e não pela simples audição de certas palavras, se de fato existe espaço sem nenhum centro. Uma vez descoberto isso, há liberdade, há ordem, e então pode desabrochar na mente humana a bondade e a beleza.

Disciplina, ordem e liberdade não podem existir sem a compreensão do tempo. É muito interessante investigar a natureza do tempo — o tempo cronológico, o tempo como ontem, hoje, amanhã, vosso horário de trabalho e de sono. Mas existe, também, o tempo não medido pelo relógio, e este é de muito mais difícil compreensão. Contamos com o tempo como meio de estabelecer a ordem. Dizemos: "Dai-nos uns poucos anos mais e seremos bons, criaremos uma nova geração, um mundo maravilhoso." Ou dizemos que iremos criar um novo tipo humano, uma humanidade totalmente comunista, totalmente *isto* ou *aquilo*. Consideramos, pois, o tempo como o meio de produzir a ordem; mas, quem observar bem, poderá ver que o tempo só gera desordem.

Por hoje, acho que basta. Conversemos sobre o que estive dizendo.

INTERROGANTE: Pode um indivíduo compartilhar os sofrimentos, as torturas e desesperos de outrem?

KRISHNAMURTI: Que entendeis pela palavra "compartilhar"? Posso partilhar convosco uns poucos francos, uns poucos objetos que possuo — camisas, calças, um quarto excedente. Posso compartilhar, verbalmente, uma certa experiência, contar-vos os meus sofrimentos, as tribulações por que passei, os belos espetáculos que presenciei. Assim, onde acaba e onde começa o *compartilhar?* Amamos nossa mulher, nosso marido, nossos filhos, nossa família, nosso próximo — oh, não, não amamos nosso próximo. Ainda que gostemos de dizer que amamos o nosso próximo, e os sacerdotes apregoem em altos brados, todo santo dia, o amor ao próximo, tudo são palavras ocas, porque estamos em competição com o nosso próximo, a destruí-lo economicamente, a matá-lo na guerra. Digo que amo minha família. Mas compartilho com ela alguma coisa a não ser certos bens e objetos? Entendeis? Posso partilhar com ou-

trem meu sofrimento, minha aflição? Poderei relatá-los, e o outro poderá tocar-me o ombro, tomar-me da mão e dizer: "Lamento, meu caro, que estejas passando por tamanhas tribulações" — mas, tenho alguma possibilidade de dividir com outrem as minhas agonias e ansiedades?

Já compartilhastes com outrem alguma coisa? Compreendeis? Quando é que realmente comungamos com outrem — não financeira ou verbalmente, nem por meio de idéias ou trocas de idéias, de argumentos — quando é que estamos realmente abertos para outrem, não verbalmente ou pela mera participação em certas coisas, porém realmente abertos? Ora, por certo só podemos participar em alguma coisa com outrem, comungar com outrem, quando existe amor. Mas — um momento! Esta palavra — "amor" — tem tantos significados, para tantas pessoas diferentes! Não desejo examinar, agora, a fundo, este assunto por demais complexo. Vede, não podemos estar participando em alguma coisa realmente — isto é, sem ser verbalmente, nem dando ou recebendo coisas — a não ser que, a respeito dela, nos achemos, de parte a parte, no mesmo grau de intensidade, no mesmo nível e ao mesmo tempo. De outro modo, não existe comunhão, quer dizer, nada temos para compartilhar, a não ser coisas, palavras, explicações, conhecimentos ou experiências insensatas. Isso não é compartilhar.

É possível tal comunhão entre duas pessoas? Podemos tê-la, vós e eu? Vós não me conheceis, e eu não vos conheço. Podeis conhecer vossa esposa ou vosso marido, mas duvido disso. Conhecer outrem implica muita coisa. Podemos ambos viver algumas horas ou mesmo um só minuto, num estado de alta intensidade e pressão — na mesma profundidade e a um só tempo? Só então há comunhão, co-participação. Do contrário, o que há é mera troca, transação mercantil, ou mera sentimentalidade ou emocionalismo, inteiramente despido de significação. A comunhão não exige emocionalismo nem sentimentalismo, porém um estado de espírito em que as duas partes, i. é., nós estejamos sérios, intensos, *vivos*. Então, já não existe a questão de compartilhar alguma coisa com outrem. Uma flor não "compartilha" comigo nem convosco a sua beleza e o seu perfume. Ela lá está — para todos a verem e cheirarem.

18 de julho de 1965.

O TEMPO

(SAANEN — V)

NESTA MANHÃ, desejo falar a respeito do tempo. É um problema um tanto complexo, que requer cuidadosa investigação, e requer-se também um sutil discernimento para se achar a verdade ou deter o tempo. Quase todos nós, penso eu, nos vemos torturados pelo conflito e a confusão que surgem, em nosso viver de cada dia. Nunca encontramos um meio de sair de nossas agonias em todos estes dois milhões de anos de nossa humana existência. Apesar dos grandes progressos técnicos, apesar de existirem tantas drogas e narcóticos, de existirem tantos analistas, e sacerdotes, e salvadores, e mestres, e *gurus*, e apesar, também, destas nossas palestras, não parecemos capazes de alijar as coisas que temos acumulado, alijá-las com facilidade, sem fazermos esforço algum, assim como as folhas se desprendem das árvores, no outono, e são levadas pelo vento. Aparentemente, falta-nos a capacidade, a necessária habilidade para libertarmos a nossa mente — ou para a própria mente libertar-se — das várias complicações, de seus problemas e agonias, conscientes e inconscientes, de seus ocultos desesperos e secretas misérias; e pensamos que o tempo — o amanhã multiplicado por mil — de alguma maneira irá operar uma miraculosa transformação.

Ora, existe, no meu sentir, uma maneira de viver totalmente diferente — uma maneira de viver em que não há fugir, nem recolher-se em mosteiros ou fazer certos votos, ou aderir a um dado movimento social, político ou econômico. Há, sem dúvida, outro caminho, uma diferente maneira de superarmos as enormes dificuldades de nossa vida diária. A esse respeito desejo falar e pedir-vos que escuteis — não com o fim de con-

cordar ou discordar, porém que escuteis simplesmente, tranqüilamente, assim como ouvis o barulho daquele avião. Escutai atentamente, porém sem nenhum esforço, se possível. Porque é bastante óbvio que com a mera sondagem, exame ou análise intelectual, não seremos capazes de resolver o problema do sofrimento humano. Há tantos anos, e em tantas vidas, e há tantos séculos vimos tentando encontrar uma saída de nossos sofrimentos, mediante disciplinas, sacrifícios, controle, por meio do auto-esquecimento e da identificação com algo considerado superior. Temos tentado inumeráveis sistemas, seguido caminhos inumeráveis e, todavia, no fim da jornada, nos encontramos no ponto de partida: cheios de medo, ansiosos, torturados, aflitos. Portanto, deve haver uma maneira completamente diferente de resolver este problema.

Nesta manhã, pretendo enveredar por esse caminho — não apenas verbal ou intelectualmente, porque verbal e intelectualmente não se pode entrar naquela luminosa região e tampouco podemos atingi-la com qualquer espécie de sentimentalidade ou emocionalismo. Lá devemos chegar insensivelmente, sem esforço algum, sem nenhuma intenção deliberada; e, se ficardes escutando tranqüilamente, talvez então possamos marchar juntos. Mas, se vossa investigação for puramente intelectual, analítica, então é de temer que percamos o contato, a comunhão entre nós.

Deve, pois, haver uma maneira completamente diferente de considerar este nosso monstruoso viver, com suas guerras, suas rivalidades, a medonha ambição de ser *alguém,* a constante batalha, com o semelhante, com a sociedade; e, para compreendê-lo, temos de examinar a questão da liberdade. Já falamos um pouco extensamente a esse respeito, outro dia, mas este é um assunto inesgotável e, como tal, a ele nos devemos aplicar sem nenhum esforço; e esta será a tarefa mais difícil que caberá a cada um de nós. A maioria de nós não deseja a liberdade, porque não sabe o que ela é — e preferimos suportar as coisas dolorosas e aflitivas que temos, a abandoná-las, porque ignoramos o que nos reserva o futuro.

Não sabemos o que é liberdade. Temos uma idéia a seu respeito, porém a idéia não é o fato, e nenhuma soma de experiência ou de conhecimento pode levar-nos à liberdade. Como há dias estive dizendo, a liberdade exige ordem; e a ordem que se produz deliberada e planejadamente é desordem A ordem estabelecida pela vontade é uma mera forma de re-

sistência, e com essa pretensa ordem estamos bem familiarizados, porque o homem a vem cultivando há séculos.

Onde há liberdade, deve haver espaço. O espaço implica um estado de solidão, de "singularidade". Isto não é nada de místico, de abstrato, porém uma positiva realidade, tão positiva como o fato de estardes sentados neste pavilhão aqui, na Suíça.

Não pode haver um imenso espaço para a mente funcionar, se ela não está inteiramente *só*. "Estar só" e "estar isolado" são, naturalmente, dois estados diferentes. Sabemos muito bem o que é isolamento: esse estado em que nos vemos insulados, sem companheiros, sem relações, mesmo que estejamos cercados de nossa família e vivendo ativa e prosperamente. Apesar de tudo isso, manifesta-se um estranho sentimento de isolamento, sentimento que a maioria de nós — ou pelo menos os que têm investigado as coisas da vida — já conhece.

Pois bem. *Solidão* e *isolamento* são dois estados diferentes. O isolamento resulta das atividades diárias, nas quais toda ação emana do *centro* ou *imagem*. A imagem é, essencialmente, um centro que se formou pela rejeição da dor e a não-rejeição do prazer. Nossos valores estão baseados no que nos dará prazer, e não no *fato*, no que *é*.

Escutai com atenção o que se está dizendo, não como quem ouve as palavras de um estranho, porém as de alguém com quem estais conversando a respeito de vós mesmos. Em verdade, é isso justamente o que estamos fazendo, em todas estas nossas palestras. Cada um de nós está a observar-se, a abrir-se, não neuroticamente, emocional ou sentimentalmente, porém de maneira real. Cada um está descobrindo a si próprio e, portanto, compreendendo a si mesmo.

Assim, enquanto existir essa imagem, cujos valores se baseiam no prazer, haverá necessariamente o isolamento do centro, pois este cria seu espaço próprio. O centro cria espaço ao redor de si, em suas relações com pessoas, coisas, idéias; e, esse centro que cria espaço em torno de si é o isolamento — um estado de que podemos estar conscientes ou não. "Estar isolado" é coisa bem diversa de "estar só". A solidão não resulta de nenhuma atividade mental.

A mente, é bem de ver, evolveu através do tempo. Atingiu seu atual estado de desenvolvimento, tal como os animais, pelo cultivo dos valores baseados no prazer. Se tendes observado os animais, tereis notado quanto lhes agrada o prazer

e quanto tratam de evitar qualquer coisa que cause dor. De modo idêntico, a mente humana, desenvolvida no decurso de séculos, continua baseada, não no fato, no que *é,* porém na avaliação do que *é,* pelo padrão do prazer. Deseja ela viver continuamente num estado de prazer e, por conseguinte, o próprio espaço que cria em torno de si constitui sua própria limitação. A solidão, pelo contrário, não é produto do prazer. Cabe-me, pois, compreender mui profundamente, e em seu todo, esta questão do prazer. Não estou dizendo que o prazer seja coisa boa ou má. Só estou assinalando que, se a mente tudo está avaliando pelo padrão do prazer — o que denota a existência de um centro, cujos valores, juízos, conceitos, atividades estão todos baseados no prazer — então esse próprio centro se torna criador de conflito e contradição; e enquanto existir contradição interior, na mente, todas as suas atividades e as suas relações irão necessariamente criar mais conflito e mais confusão.

Pois bem. Se estamos cônscios, vigilantes, em certo grau, saberemos o que se deve fazer quando surge um problema. Pela observação dele — e não pela fuga — pela atenção total dispensada ao problema, é possível pôr-lhe fim. Se, por exemplo, fumais, podeis tornar-vos conscientes desse hábito até ao ponto de provocar uma crise. Quando se torna agudo o desejo, se dele tomais pleno conhecimento e não tratais de fugir, vê-lo-eis dissolver-se, definhar, desaparecer rapidamente. Se já experimentastes isto, sabereis que de fato assim é. E isso significa o quê? Que aprendemos um certo "truque" — se me permitis o termo — a maneira de dissolver um dado problema. Mas, nós temos uma infinidade de problemas, tanto conscientes como inconscientes.

Senhores, estamos tratando de um assunto difícil e o que agora, juntos, vamos examinar exige de vós toda a atenção, de modo que não deve haver perturbações. Ou, se alguma perturbação ocorrer, como o barulho de um avião, e ela vos distrair, *prestai atenção à vossa distração;* pois, se assim fizerdes, vos tornareis atentos. Entendeis? Não vos esforceis por prestar atenção, porque, desse modo, não ficareis atentos. Mas, se percebeis um dado barulho, do rio, do vento, da entrada e saída de pessoas — e ele vos perturba a atenção, tornai-vos plenamente cônscios desse barulho, desse movimento, de vossa distração. Dessa maneira, conseguireis facilmente tornar-vos atentos.

Não sei ao certo em que ponto me achava; portanto, começarei de novo.

Nós temos numerosos problemas, tanto ocultos, como patentes — problemas com alguns dos quais podemos estar em contato, e com outros não. É necessário examinar de ponta a ponta, "abrir", investigar, erradicar cada problema? Isso exige tempo, não? Temos problemas incontáveis — problemas econômicos, sociais, problemas de relações, problemas de sofrimento, dúvida, incerteza, a ânsia de absoluta segurança, etc. Ora, devemos pegar esses problemas, um a um, para compreendê-los e resolvê-los? Dispomos do tempo necessário para tratar de cada problema separadamente? Que implica tal "processo"? Se tentarmos resolver cada problema separadamente, necessitaremos de tempo, de energia, e nos veremos empenhados numa interminável batalha para não deixarmos passar despercebido um só problema. Assim, que acontece? Dizemos a nós mesmos "É um nunca acabar de problemas. Não terei possibilidade de resolver todos os meus problemas antes de morrer; são numerosos demais" — e, por conseguinte, tratamos de refugiar-nos em alguma extravagância mística, fantástica, idiota. Se damos para fumar maconha ou para freqüentar a igreja — tudo isso é mais ou menos a mesma coisa.

Ora, deve haver uma maneira muito diferente de considerarmos os nossos problemas; é o que desejo investigar. Tenho, digamos, dez ou mais problemas, e se eu me aplicar a cada problema em separado, terei de compreender cada um deles tão completamente, que ele não possa prejudicar a minha compreensão do problema subseqüente. Entendeis? E sei muito bem que todos os problemas — econômicos, sociais, pessoais — estão relacionados entre si. Não há problema separado, independente dos outros. Isso eu percebo. E percebo igualmente que preciso ter liberdade, imediatamente — não amanhã, não quando estiver à morte, porém imediatamente. Concomitantemente com a necessária intensidade, impulso, energia, deve existir um estado de liberdade; devemos estar livres de todos os problemas, pois esta é a única liberdade.

Liberdade implica ação; a liberdade é ação; a ação não deriva da liberdade. Mas quase todos dizemos: "Devo estar livre para agir". Dizemos: "Devo ser livre, para pensar o que me aprouver, política, econômica, socialmente", mas poucos dizem: "Religiosamente, devo ser livre", porque, nesse particular, nos vemos completamente inibidos. Exigimos aquilo

a que chamamos *liberdade,* pois, em virtude dela, esperamos agir; ou, gozando de uma suposta liberdade, escolhemos nossa maneira de agir. Se estamos sob a tirania de um sistema partidário — de uma ditadura, em nome do povo, etc. — desejamos liberdade de ação. Por conseguinte, para a maioria de nós a liberdade é diferente da ação. Mas eu estou dizendo que liberdade é ação; a ação não se baseia, então, em nenhuma idéia. Quando a ação se baseia em idéia, ela é movimento organizado, com a mira no prazer, não achais? É produto do desejo de satisfação. Por conseguinte, a ação baseada em idéia é, de fato, inação, conducente à servidão e não à liberdade. Só há liberdade no agir se dele estamos livres, ou temos perfeita compreensão da ação baseada em idéia.

Vejo, pois, que liberdade é ação e que a ação não depende do tempo. Mas, temos possibilidade, não só de resolver imediatamente os nossos inúmeros problemas, mas também de impedir o nascimento de ulteriores problemas? Há, pois, duas coisas a fazer: resolver imediatamente os problemas que já tenho, e impedir o nascimento de ulteriores problemas, de modo que minha mente não se veja sempre emaranhada numa rede de problemas. Só então há liberdade; e a liberdade é, então, ação.

Para compreender isso, temos de compreender o tempo. É ele duração, uma existência contínua. O tempo, como o conhecemos, é um movimento de *cá* para *lá;* é o intervalo existente entre um pensamento e sua realização. Significa também o adiamento de um problema, o intervalo entre seu aparecimento e seu fim. Supõe o tempo um gradual "processo" de ação, o que, por fim, conforme se imagina, resolverá o problema. Dele, pois, nos servimos como meio de realização — qual o escritor ambicioso que deseja preencher-se por meio de seu insignificante ou importante livro, e diz: "Necessito." de tempo para concluí-lo". Assim servimo-nos do tempo como meio de realização, como meio de mudarmos, de cultivarmos uma certa capacidade. Utilizamo-lo para criarmos felicidade, relações melhores, etc., etc.

Ora, que é que supõe esse "processo" gradual? Sabeis que todo problema está relacionado com outros problemas, e se tentardes resolver um problema gradualmente, durante esse período as tensões, as influências, as pressões decorrentes de outros problemas entrarão em ação, tornando mais complicado ainda o problema primitivo. Por conseguinte, não é possível,

jamais, resolver um problema por meio do "processo gradual". Está claro?

Vede: se o pensamento procura passar de *cá* para *lá* através de um certo período de tempo, outras influências, outros impulsos, outras causas surgem, para desviar o pensamento. Portanto, o pensamento jamais alcança o objetivo. Entretanto, é isso o que costumamos fazer. Servimo-nos do tempo como meio de alcançarmos um certo resultado, de operarmos uma transformação fundamental, psicologicamente, e, por essa razão, nunca levamos a cabo coisa alguma; ficamos perenemente modificando e sendo modificados. Assim, para mim, o tempo gera desordem, jamais pode produzir a ordem. Se compreendo isso, não apenas verbalmente, não como um mero quadro ou imagem, mas se para mim *assim é,* então atuo imediatamente. Se sinto fome e tenho comida, como. Não há adiamento da ação.

Ora, se compreendo bem que o tempo gera a desordem, como irei então tratar de todos os problemas, que se acham inter-relacionados? Compreendeis esta pergunta? Vejo claramente que o tempo nenhuma significação tem, a não ser no sentido cronológico. O tempo é necessário para a aquisição de conhecimentos, etc., mas ele nada significa em outros sentidos. Todavia, tenho problemas que precisam ser resolvidos, dos quais posso estar consciente ou não. Sei que eles não podem ser solucionados separadamente, que precisam ser resolvidos todos de uma só vez.

Não posso resolver meus problemas econômicos separadamente dos problemas psicológicos sem criar mais problemas ainda. Os problemas, pois, têm de ser resolvidos totalmente e não fragmentariamente. Não posso resolvê-los num determinado setor e passar em seguida a outro setor. Eles demandam solução completa. Como é possível isso? Entendeis?

Existe o problema da velhice, da doença, da morte, o problema do sofrimento, do isolamento; temos nossas aflições, torturas, nossos desesperos. Que fazer em face de tudo isso? Se não sabeis o que fazer para vos livrardes dessas coisas imediatamente, ficareis na dependência do tempo para operar a mudança; quer dizer, continuareis torturados até morrer. Aí está uma pergunta cuja resposta ninguém pode dar-vos; nenhum livro, nenhum filósofo, nenhum mestre, nenhuma igreja poderá mostrar-vos o que deveis fazer. Se alguém vo-lo diz

e ficais a segui-lo, vos perdereis, vos vereis de novo em agitação e conflito. Já que não existe ninguém para dar-vos a resposta, que ireis fazer?

Numa situação desta natureza, não detendes todas as atividades da mente? Já olhastes para todos os lados, já tentastes resolver este problema fundamental, de dez maneiras diferentes, e no entanto continuais em presença dele. Que fareis? Por certo, só há agora um único estado mental possível. Visto que não sabeis a resposta, visto que não sabeis o que fazer, a mente suspende todas as suas atividades. Não sabeis o que fazer, mas tendes de achar uma solução. Os livros e todas as demais inutilidades foram lançados fora. Estais em presença desse problema; como ides tratar dele? Sabeis que não podeis retornar às velhas maneiras. Estais em presença de uma questão positiva, e toda maneira positiva de atuar em relação a ela depende do tempo; por conseguinte, vossa mente deve tornar-se de todo *negativa.* Sabeis o que entendo por "maneira positiva" e "maneira negativa"? A maneira positiva é o processo de análise, exame, indagação, de esmiuçar, seguir, destruir; tudo isso já fizestes. Já freqüentastes esta ou aquela igreja, seguistes este ou aquele *guru,* sacerdote, filósofo, já lestes certos livros, praticastes determinado sistema; e agora abandonastes inteiramente essa atividade positiva. Por conseguinte, vossa mente, em presença desta questão fundamental, se acha num estado de negação, não é verdade? *Negação,* no sentido de que não está à espera de nenhuma resposta, nem a procurar nenhuma solução.

Tende a bondade de seguir isto. Se o puderdes compreender, vos tornareis capazes de resolver todos os vossos problemas de um golpe.

Após investigar, analisar, dar muitas voltas, tentar todas as maneiras positivas, seguir os diferentes caminhos, sem achar resposta, vossa mente se encontra, toda, num estado de negação. Não está à espera de nenhuma resposta, nem a contar que alguém a dê. Não é exato isso? Pelo amor de Deus, não digais que estais de acordo! Ora, quando a mente se acha num estado de completa negação, podeis abeirar-vos de todos os vossos problemas de maneira nova, e ver que podem ser resolvidos total e completamente; porque foi a própria mente que esteve criando o problema. Esteve tratando de cada problema separadamente, fragmentariamente, esperando resolvê-lo dessa maneira. Mas, quando a mente está toda quieta,

negativamente vigilante, não tem problemas de espécie alguma. Não penseis que não aparecerão problemas, pois isso é inevitável; mas, tão logo eles surjam, a mente será capaz de resolvê-los de pronto. Compreendeis?

Afinal, que é um problema? Quando há uma crise, um desafio que a mente é incapaz de enfrentar totalmente, é então que se apresenta um problema, não? Há uma inadequada reação ao desafio, a qual faz nascer o problema.

Peço-vos sigais isto, que é muito interessante. Quase todos nós necessitamos de desafios, pois, do contrário, adormeceríamos. Há o Mercado Comum, que De Gaulle está tentando dissolver; isso é um desafio. Os acontecimentos que se estão verificando na Argélia, no Vietnã, etc. são outros tantos desafios, e temos de encontrar a "resposta" adequada. Se não houver uma resposta adequada, então a resposta inadequada criará um problema, precisamente *porque* é inadequada. Desafios nos são lançados a todas as horas, consciente ou inconscientemente, e, se não fossem eles, quase todos nós estaríamos a dormir. Ou, vemo-nos tão cansados, tão gastos, que não desejamos desafios e deles fugimos, para vivermos num certo mundo mítico por nós mesmos concebido.

Ora, se percebeis esse "processo" de *desafio* e *resposta,* e percebeis a necessidade de manter a mente desperta, vereis, então, que a mente pode conservar-se desperta, sem necessidade de nenhum desafio externo. Isso requer intensidade num alto grau; e se conseguirdes despertar essa intensidade, não mais necessitareis do desafio procedente de De Gaulle, da Argélia, do Vietnã, da tirania comunista, do que quer que seja; não dependeis de *nenhum* desafio exterior para manterdes alertada a vossa mente, porque vedes claramente toda essa questão de "desafio e resposta", e percebeis que a resposta inadequada é que cria o problema. Então a mente, tendo rejeitado o desafio exterior, e achando-se agora infinitamente mais desperta do que jamais esteve, cria seu próprio desafio. Percebeis? Esse desafio interior é muito mais importante do que qualquer desafio exterior, porque a mente está sendo agora interpelada por suas próprias dúvidas, sua própria investigação; sua própria energia a está impelindo a interrogar, a olhar. E se a mente conheceu ambos esses tipos de desafio e soube responder adequadamente, está então habilitada a manter-se desperta, sem necessidade de desafio algum. Para a mente que é clara e luminosa, não há desafio: ela é o que é. Mas, se meramente

dizeis: "Alcancei esse estado e ele se tornou parte de minha natureza" — então, parece-me que teremos de voltar ao começo.

A mente que se acha num estado de total negação por ter compreendido todo o "processo" do seguir, do rejeitar, do aceitar, o "processo" da investigação positiva, das asserções positivas — é só essa a mente cuja ação é liberdade, e ela, por conseguinte, nenhum problema tem.

Vejo com surpresa que pareceis aceitar tudo o que digo. Talvez não seja bem isso, isto é, não estejais aceitando ou rejeitando, porém — como nunca refletistes nisso — estejais a perguntar-vos: "Que diabo estará ele dizendo? Como posso viver, agir, existir, sem uma fórmula, sem um conceito, sem um futuro? Como posso atuar sem nenhuma idéia?" Não é isso que estais perguntando? Porque, presentemente, vossa ação se baseia numa fórmula do que *deveríeis ser.* Baseia-se a vossa ação numa técnica ou em experiências várias, que acumulastes na forma de lembranças e que se convertem em ação. Pois bem. Este orador vos diz que, enquanto vossas ações resultarem de uma idéia, encontrareis contradições e, por conseguinte, sofrimentos e aflições. Entretanto, vos limitais a ouvir e aceitar o que digo! Não me dizeis: "Mas, espere aí, que devo fazer?"

Conheço minha maneira de agir, minha maneira de viver. Estou cônscio de que desejo ser famoso. Se escrevo um livro, sinto-me frustrado se ele não é bem acolhido pelo público. Se me insultastes, fico agarrado a todas as lembranças dessa experiência; e como posso livrar-me delas? De modo idêntico, se me causais deleite, lisonjeando-me, como resultado disso fico com certas idéias a vosso respeito e a atuar em conformidade com elas.

Ora, pode a mente libertar-se da idéia, e, assim, achar-se sempre num estado de ação? Estais percebendo? Em vez de haver primeiro a idéia e depois a ação, pode a mente manter-se num estado de ação completa? Decerto a mente não pode conservar-se num estado de ação completa, a não ser que se encontre num estado de negação.

Afinal, todos desejam viver com sensibilidade e inteligência, o que é a mesma coisa: ser completamente sensível é ser de todo inteligente. E pode uma pessoa ser tão inteligente, na vida, que viva sem conflitos, sem aflições, sem esforço? Sem dúvida, para podermos ser extraordinariamente inteligentes

e sensíveis, não deve haver intervalo entre a idéia e a ação. Se há intervalo entre a idéia e a ação, então, nesse intervalo, que é tempo, há conflito e, em conseqüência, deterioração da energia. Se efetivamente, compreenderdes isso, vereis que vossa mente se achará num estado de completa ação a todas as horas. Sua inação constitui ação total. A mente pode estar ativa e também cônscia de sua inação; mas essa inatividade não é desatenção. A mente só é capaz de viver, de trabalhar, de agir, sem que haja nenhum intervalo entre a idéia e a ação quando compreendeu todo esse processo de criação de problemas por meio da experiência, da inadequada resposta aos desafios, etc., etc. A mente se acha então completamente só — o que nenhuma relação tem, absolutamente, com o isolamento. E apenas é livre o espírito que se mantém inteiramente só.

20 de julho de 1965.

O PROCESSO DE AJUSTAMENTO

(SAANEN — VI)

QUER-ME PARECER que muito raramente fazemos a nós mesmos uma pergunta fundamental; e, quando a fazemos, em geral a ela respondemos em conformidade com nosso gosto particular, nossa fantasia ou crença, e, conseqüentemente, a pergunta original — a pergunta essencial, básica — fica sem resposta. A ela respondemos de acordo com uma dada religião, ou um particular ramo do conhecimento, ou uma certa concepção mitológica ou teológica da vida. E eu penso que não só devemos fazer perguntas fundamentais, mas também procurar descobrir as respostas verdadeiras, originais.

Hoje desejo falar sobre o processo de ajustamento; isto é, desejo averiguar se existe alguma coisa de original, alguma coisa completamente isenta de ajustamento e que não seja uma mera abstração, uma simples idéia, porém um fato tão real como qualquer fato da vida diária. Assim, a pergunta fundamental que fazemos a nós mesmos é esta: até onde é possível eliminar o ajustamento? É possível eliminar inteiramente o ajustamento e, desse modo, permitir a existência do *original?* Penso que esta é uma pergunta importante, porque a maioria de nós está perenemente a ajustar-se. Moldamo-nos em conformidade com determinado padrão, de acordo com um certo molde ideológico, fixo, quer imposto pela sociedade, pelas pressões econômicas, sociais e ambientes, quer por nossa experiência pessoal. Estamos sempre a moldar-nos de uma ou de outra maneira; acho que este é um fato bem óbvio. E pode esse processo de ajustamento — já tão profundamente arraigado e que *tanto é consciente como inconsciente* — *terminar?*

Por certo, só livres do ajustamento, poderemos descobrir o que é original, essencial, verdadeiro; e, a menos que nós

próprios o descubramos, viveremos sempre uma vida "falsificada", uma vida de "segunda mão", de imitação. Por conseguinte, parece-me que se trata de uma pergunta válida, fundamental, que devemos formular, ou seja se o ajustamento pode terminar. Por "ajustamento" entendo o processo no qual o "pensamento" e o "pensador" estão sempre a moldar-se por um padrão, sempre a imitar, a repetir, sempre a ajustar-se a uma idéia, a um conceito, uma crença, um dogma, sempre a sujeitar-se a um determinado padrão ou ideal, em suas relações. Esse ajustar-se é a norma de nossa vida, o padrão diário de nossa existência; e estamos agora a interrogar-nos se esse ajustamento pode terminar. E devemos também perguntar-nos se a terminação do ajustamento causa desordem e por essa razão somos *obrigados* a ajustar-nos; ou se, terminado o ajustamento, ocorre o descobrimento de algo original, não "falsificado" ou de "segunda mão".

Em geral, nossa vida é sem originalidade. Não sabemos o que é original, nem mesmo se existe algo que se possa chamar "original". A meu ver, a palavra "original" é de ordinário mal empregada. Falamos de "literatura original", um "quadro original", uma maneira "original" de pensar ou de expressar-se; dizemos que certo escritor escreveu um livro "original". Em tais casos, não me parece adequado o emprego da palavra "original". Há uma certa coisa *original* que as religiões de todo o mundo — mesmo aquelas que se tornaram mais bem organizadas, mais cheias de repetições, mais estupidamente ritualistas — sempre andaram buscando. Mas, independentemente da religião organizada, com seu dogmatismo e sua complexa teologia, seus absurdos cerimoniais, etc. — independentemente de tudo isso, podemos, vós e eu, como seres humanos que vivem neste mundo, rodeados de todas as complexidades da moderna existência, descobrir por nós mesmos algo que seja verdadeiramente original? Do contrário, a vida se torna terrivelmente monótona, uma tediosa rotina, muito pouco significativa.

Nesta manhã, desejo examinar esta questão do ajustamento, que significa imitação, moldagem do pensamento por um certo padrão, quer imposto pela sociedade, quer formado pela experiência pessoal do indivíduo, de modo que nunca podemos aproximar-nos do *original*. Quando emprego o termo "ajustamento", entendo tudo isto: o "processo" de contrafação, o

desejo de ajustar-nos a determinado padrão, de imitar, de aceitar, de obedecer.

Agora, antes de tudo, estamos totalmente cônscios desse processo de ajustamento que se verifica em cada um de nós, quer nos estejamos ajustando ao passado, quer a um conceito atual, quer a um certo ideal ou futura utopia? E se o percebemos, não devemos investigar se é possível acabar com esse ajustamento? Por certo, para nos livrarmos totalmente do "processo" de conflito e esforço, cumpre primeiramente compreender o ajustamento e dele libertar-nos; e, visto que todo esforço supõe ajustamento, devemos verificar se é possível vivermos neste mundo livres de ajustamento e, por conseguinte, sem esforço. Evidentemente, quanto mais esforços fazemos, tanto maiores se tornam o conflito e a confusão e, dessarte, tanto maior se torna nossa aflição e dor. Cabe-nos, pois, averiguar se é possível vivermos sem esforço, isto é, vivermos *originalmente,* ou seja, livres de todo ajustamento.

Ora, para se alcançar esse ponto, devemos primeiramente estar conscientes — e isso me parece óbvio! — da natureza da mente que se ajusta. Por que nos ajustamos? Peço-vos tenhais em mente que, ao empregar a palavra "ajustar-se", dou-lhe o significado de "imitar, obedecer à autoridade, sujeitar-se a um certo padrão"; é tudo isso que se deve subentender. Ora, por que nos ajustamos? Todo ajustamento implica esforço, não? E quando há esforço, em qualquer estado de relação, não há verdadeiras relações. Se me esforço para ser bondoso, afetuoso, ou cortês, isso nada significa. A bondade, a delicadeza, a afeição emanam de um estado de espírito em que não existe esforço algum; e, para compreender esse estado, impende compreender fundamentalmente a questão do ajustamento.

Em relação a certas coisas externas, superficiais, há uma natural necessidade de ajustamento, mas não é desses casos que estamos tratando. Aqui, eu me "ajusto", vestindo esta espécie de traje; na Índia "me ajusto" de outra maneira, vestindo trajes diferentes. Quando dirijo um carro, me "ajusto", aqui conservando a direita da estrada, e na Inglaterra conservando a esquerda.

De certa maneira, estou a ajustar-me quando ponho uma carta no correio, etc. Mas, tenho necessidade de "ajustar-me" ao veneno do nacionalismo? Necessito ajustar-me a um dado

padrão de existência, uma certa maneira de pensar que a sociedade procura impor-me e, em virtude da qual minha mente é moldada pela religião organizada, pelas influências econômicas e sociais? Assim, se desejo viver uma vida em que existam, assentadas em sólidas bases, as relações corretas a conduta correta, o correto comportamento, tenho de verificar se é possível viver sem esforço; porque, onde existe esforço, tudo isso é negado.

Onde há esforço, tem de haver, consciente ou inconscientemente, ajustamento. Isso eu percebo. Posso percebê-lo verbalmente, intelectualmente, mas isso é fácil demais e pouco significa. Tenho de estar ciente do fato em mim mesmo. Estou cônscio, em minhas atividades, nas relações diárias com minha família, meus amigos, de até que ponto me estou "ajustando"? Isso significa saber que de fato *me estou* ajustando, não apenas superficialmente, porém profundamente, porque é da própria natureza do inconsciente o "ajustar-se". Nesta nossa palestra matinal, o orador pode perceber esse ajustamento, mas isso se torna inútil se igual percepção não houver de nossa parte. Deveis tornar-vos cônscios, não só de vossos ajustamentos às coisas superficiais, mas também do ajustamento de profundas raízes.

Como vimos, todo ajustamento implica esforço, e onde há esforço não existem relações verdadeiras, sob nenhum aspecto, porém apenas imitação e uma espécie de "vida de segunda mão". Percebo esse fato evidente. Então, me interrogo se é possível ficar totalmente livre da causa profunda do ajustamento. Compreendeis? Superficialmente, temos de ajustar-nos, em relação a certas coisas. Vós tendes de estar sentados lá e eu aqui, infelizmente. Temos de usar determinada peça de vestuário, etc. Muito à superfície, é necessário ajustar-nos. Mas, para investigar a questão do ajustamento, em seu profundo sentido psicológico, e descobrir a resposta correta, cabe-nos investigar a questão do medo. Nós tememos, e por essa razão nos ajustamos. Se não tivéssemos medo de nenhuma espécie, nos ajustaríamos?

Estamos vendo, pois, a razão por que nos ajustamos, imitamos, nos adaptamos. Superficialmente poderá ser necessário um certo ajustamento. Mas, interior e profundamente, "da pele para dentro", por assim dizer, nós nos ajustamos porque temos medo de não fazer o que é correto, medo de nos transviarmos, de não vivermos uma vida completa, de não

encontrarmos a Realidade, Deus, etc. Assim, em todos nós está enraizado o medo, e considero da máxima importância compreender esse fato, antes de tentarmos responder à pergunta sobre se é possível pormos fim a toda e qualquer espécie de ajustamento.

Não sei se alguma vez "experimentastes" realmente o medo. Independente do medo instintivo, que se manifesta ao se nos deparar algum perigo físico, já percebestes alguma vez, *realmente,* o que é *ter medo?* Em geral, o que vos causa medo é uma *idéia,* não? Ou melhor, é a idéia que cria o medo. Compreendeis? Temo, digamos, o que possais pensar a meu respeito. Este é um exemplo da idéia a gerar medo; e, quando uma idéia cria o medo, não me acho em relação com o fato — o próprio medo. Estais-me seguindo? Está tudo claro?

Uma idéia pode causar medo; e, no tocante à maioria de nós, é a idéia que causa medo. O conceito relativo ao que nos reserva o amanhã causa-nos medo, e o resultado é que o conceito se torna muito mais importante do que o fato real, que é o medo. Por conseguinte, tentamos modificar o conceito, a idéia, a causa, e nunca entramos diretamente em relação com o próprio temor. Ou a pessoa é atemorizada por uma idéia, um conceito; ou se vê em contato direto com o medo — *direto,* e *não* através de uma idéia. Mas *existe* medo sem idéia?

Por favor, não vos limiteis a escutar-me; não aceiteis nem rejeiteis o que estou dizendo, porém acompanhai-me verdadeiramente. Quase todos temos nossos temores peculiares, e é uma *idéia* que os está criando. Pode ser que tenhais medo de perder vosso marido, vossa esposa, vosso emprego; medo do que acontecerá amanhã, medo de uma recaída, se estivestes doente. Tudo isso são idéias. Devemos, pois, verificar se é sempre uma idéia o que causa medo, ou se existe o medo independente de qualquer idéia. Existe medo independente da idéia? Enquanto eu não houver descoberto isso, não poderei, de modo nenhum, compreender esta questão do *ajustamento.*

Estais entendendo? Não se trata, com efeito, de nada muito complicado, porém de algo que exige atenção e penetração.

Percebo que não há medo sem idéia. Percebo que o pensamento cria o medo e que o medo, em si, não existe; devo, pois, descobrir por que o pensamento, a idéia, gera medo. Está claro?

O pensamento cria o medo? Ou o que acontece é que o pensamento, depois de criar o pensador, cria o medo? Decerto, o pensamento, em si, não cria temor. Ele se manifesta quando há um pensador separado do pensamento, um pensador *a ajustar-se,* por conseguinte, a criar o temor.

Consideremos isso diferentemente. Existe o censor, o observador, separado da "coisa censurada", da "coisa observada"; existe o "experimentador" separado da "experiência", o "pensador" separado do "pensamento". E foi o pensamento que criou o pensador, pois, se não houvesse pensamento, não haveria pensador.

Notai que não exponho nenhuma teoria fantástica ou filosofia mística; não se trata de nada disso. Estamos simplesmente a observar a nossa vida de cada dia. O pensador é a idéia, a lembrança de dores e prazeres, o feixe de recordações, o qual, ao apresentar-se um "desafio", "responde" (reage) em termos de pensamento e ação. Vejo, pois, como vós também deveis ver, que o pensador é o centro de idéias baseadas na busca do prazer e no evitar a dor. É ele que origina todo esforço de ajustamento, esforço esse que se baseia no medo. Enquanto há medo, há o impulso a ajustar-se e, por conseguinte e necessariamente, esforço. O esforço, portanto, é sempre uma luta no sentido de imitar, de "vir a ser", de moldar, de ajustar-se a um padrão, e todo esforço desta natureza está, obviamente, baseado no medo. Assim, se simplesmente cuidamos de cultivar a coragem — e isso faz parte de nosso esforço para "virmos a ser" alguma coisa — tal esforço pouco significa. Mas, quando compreendemos toda a estrutura do medo, vemo-nos então frente-a-frente com um problema bem diverso.

Enquanto existir um pensador separado do pensamento, haverá, não só medo, mas também o esforço baseado no impulso a ajustar-nos; e, uma vez conscientes disso, será possível pensarmos sem criar o "pensador"? Entendeis? Isso significa alguma coisa ou é apenas um amontoado de palavras? Vejo-vos algo perplexos, senhores; assim, voltemos ao começo.

Percebe-se que toda a nossa vida é uma rotina, um ajustar, um repetir e, por conseguinte, algo tedioso. Vemos esse fato. A seguir, interrogamo-nos: Pode-se eliminar esse esforço de ajustamento — não no fim de tudo, na hora da morte, mas enquanto estamos vivos? Para o investigarmos, temos de descobrir a natureza do ajustamento e porque a mente está sempre a ajustar-se, seja à experiência passada, seja

a um atual padrão de ação ou a um certo ideal do futuro. Ajustamento, como já vimos, implica imitação, repetição, adaptação, etc. Percebo que onde há ajustamento há necessariamente esforço e que, quando existe esforço de ajustamento nas relações, estas cessam completamente. Minha vida é uma constante repetição, um interminável esforço de ajustamento e, por isso, nunca existe um estado de relação. Cabe-me, pois, averiguar se me é possível pôr fim ao esforço de ajustamento e, por conseguinte, achar-me num estado de relação. Mas, para descobrir o que subentende a cessação desse esforço, devo primeiramente verificar se o medo — do qual podemos estar conscientes ou não — pode terminar totalmente, e não apenas parcialmente. Significa isso que cumpre investigar as profundezas do inconsciente.

Ora, é capaz a mente consciente de investigar uma coisa que ela nunca atingiu? Como sabeis, há especialistas — Freud, Jung e muitos outros — que têm descrito o inconsciente, atribuindo-lhe várias características; mas, se o indivíduo está verdadeiramente cônscio de suas próprias atividades interiores, nenhuma necessidade tem de recorrer aos especialistas. É óbvio que o inconsciente é o resíduo do passado; e o passado inclui tanto as "memórias" herdadas como as adquiridas. Há as memórias remotas, as memórias raciais, as memorias comunais. A total existência do homem, de dois ou mais milhões de anos, está, toda ela, contida no inconsciente. E esse inconsciente faz parte do nosso medo. Conscientemente, posso não temer coisa alguma, porém, profundamente, ter medo de muitas coisas. Posso ter racionalizado a morte, pela maneira mais bela, mas, bem no fundo, existe ainda esse medo extraordinário ao findar. Assim, no inconsciente, há medo; e, para o compreenderdes, dele vos deveis abeirar, não consciente nem deliberadamente, mas com sensibilidade, com vigor, ardor, intensidade. Por outras palavras, dele vos deveis aproximar com afeição, com amor, pois é essa a única maneira de se compreender o que quer que seja.

Assim, é possível eliminar o medo em todos os seus aspectos? A pessoa pode ter medo do escuro, ou de topar subitamente com uma serpente ou fera, ou de cair num precipício. É natural e indício de sanidade mental sairmos do caminho de um ônibus que se aproxima, por exemplo, mas existem muitas outras formas de medo. Eis por que é necessário examinar esta questão sobre se a idéia imposta mais do que o

fato — *o que é.* Se se considera o que *é* — o fato — e não a idéia, percebe-se que é só a idéia, o conceito relativo ao futuro, ao amanhã, que cria medo. Não é o fato que gera o medo.

Superficialmente, o ajustamento, a adaptação, são necessários; porém, interiormente, profundamente, o ajustamento acarreta esforço e, por conseguinte, imitação. Enquanto está a imitar, a esforçar-se por ajustar-se, a mente isola-se; assim, não há para ela relações, e o que faz é apenas aumentar o medo.

Bem. Acabo de analisar mais ou menos suficientemente esta questão. Poderíamos examiná-la com mais profundeza, com outras minúcias, mas já tocamos nos fatos mais importantes. Entretanto, a descrição não é o fato. A palavra não é a coisa. Quando sentis fome, posso descrever-vos um prato de comida, mas, obviamente, minhas palavras não são alimento. De modo idêntico, devemos estar diretamente em contato com esta questão, em seu todo, não apenas verbalmente, porém de maneira *real,* porque então é que se começa a descobrir a liberdade que não é ajustamento. Começa-se a descobrir, cada um por si, que, enquanto existir pensador separado do pensamento, existirá medo, esforço, ajustamento. Pois esforço *é* ajustamento. E é possível — prestai atenção! — é possível *só pensar* sem criar "pensador"? É possível pensar intensamente, racional, sã e logicamente sem haver o "pensador", cujos valores, idéias e conceitos se baseiam todos no prazer, de onde, por conseguinte, se origina todo o processo de esforço e imitação? É possível pensar só quando necessário, e não de outra maneira? Isto é, pode uma pessoa pensar só quando se lhe faz uma pergunta, e permanecer o resto do tempo num completo estado de negação — que é um estado sumamente positivo?

Está claro? Por favor, não concordeis. Este é um assunto dificílimo de investigar, de penetrar. Não se pode dizer, simplesmente, "Concordo" — pois isso nada significa.

É o centro, como pensador, como censor, que gera o tempo e, por conseguinte, o centro é a fonte da desordem. Não é o pensamento que cria a desordem, porém o centro, o censor, o pensador, constituído através do tempo. E enquanto existir esse censor, esse centro, esse "fabricante" de esforço, por mais que tenteis não terá fim o medo.

Assim, para a mente que leva essa carga constituída pelo medo, pelo ajustamento, pelo pensador, não é possível a compreen-

são daquilo que se pode chamar *o original*. E a mente deseja saber o que é "o original". Tem-se dito que é Deus — mas esta é também uma palavra inventada pelos entes humanos, em seu medo, seu sofrimento, seu desejo de fugir à vida. Quando a mente humana está livre de todo o temor, não está então — em seu desejo de saber o que é *o original* — em busca de prazer para si própria, nem de nenhuma via de fuga, e, por conseguinte, em sua investigação já não existe autoridade alguma. Compreendeis? A autoridade deste orador, a autoridade da igreja, a autoridade da opinião, do conhecimento, da experiência, do que "dizem" — tudo isso cessa completamente, e não há obediência. Só então a mente tem a possibilidade de descobrir, por si própria, o que é o original — descobri-lo, não como mente individual, porém como ser humano total. Não existe mente "individual", absolutamente. Somos totalmente relacionados. Compreendei isso. A mente não é uma coisa separada; é uma totalidade. *Todos* vivemos a ajustar-nos, *todos* temos medo, *todos* estamos a fugir. E, para compreendermos, cada um de nós, não como indivíduo, porém, como ente humano total, o que é *o original,* precisamos compreender a totalidade do sofrimento humano, todos os conceitos e fórmulas que o homem inventou no decurso dos séculos. Só quando se está libertado de tudo isso, pode-se descobrir se *existe* alguma coisa de original. Do contrário, somos entes humanos "de segunda mão"; e porque somos imitações, entes humanos falsificados, o sofrimento nunca tem fim. Assim, o findar do sofrimento é, em essência, o começo do *original.* Mas, a compreensão que põe fim ao sofrimento não é a mera compreensão de vosso sofrimento particular, ou de meu sofrimento particular, porque o vosso sofrimento e o meu sofrimento estão relacionados com a totalidade do sofrimento humano. Compreendeis? Isso não é mero sentimentalismo ou emocianalismo; é um fato real, um fato brutal. Ao compreendermos a total estrutura do sofrimento, extinguindo-o portanto, teremos então a possibilidade de encontrar — não num "tubo de ensaios" como a descobre o cientista — aquela coisa extraordinária que é a origem de toda a vida, aquela fantástica energia, que está sempre a "explodir". Essa energia não é um movimento em direção alguma e, por conseguinte, "explode".

(pausa)

Senhores, como não pareceis inclinados a fazer perguntas, posso perguntar-vos uma coisa? Já experimentastes alguma vez reunir toda a vossa energia — física, emocional, mental, visual, todas as formas de energia — e "com ela ficar", completamente, tranqüilamente? Compreendeis? Se a energia tem algum movimento em qualquer direção que seja, está sendo dissipada. Mas, quando toda a nossa energia fica completamente imóvel, inicia-se um movimento que é original e, por conseqüência, "explosivo". Estais entendendo? Experimentai-o, numa ocasião, e vede se sois capazes disso. Mas, para tanto, requer-se uma grande soma de inteligência, extraordinária vigilância; não é nada de relacionado com a dor e o prazer. Se puderdes reunir toda a vossa energia, sem esforço, vossa mente *estará então transbordante* de energia, sem atrito de espécie alguma. Verifica-se, então, uma "explosão" — e, dessa explosão, surge o *original.*

22 de julho de 1965.

A PAZ INTERIOR

(SAANEN — VII)

NUM MUNDO em que se estão operando extraordinárias mudanças, num mundo de revoluções científicas, pressões econômicas, e guerras iminentes, parece-me que se torna necessária, na vida de cada um de nós, uma inaudita transformação. Essa transformação não é meramente externa, não é questão de nos provermos de nutrição melhor e mais abundante, roupas e teto, porém cumpre descobrirmos o de que realmente precisamos, além de alimento, roupa e morada. A vida, no mundo hodierno, se está tornando extremamente complicada e, por conseguinte, impende-nos tornarmos sobremodo simples a existência cotidiana; e essa simplicidade exige um alto grau de inteligência. Como ente humano a viver neste mundo em constante mutação, onde se vê tanta pressão, ansiedade, tribulação, sofrimento, acho necessário que cada um de nós descubra por si próprio suas reais necessidades.

Ora, em face desta questão, cada um dirá quais são as suas necessidades, conforme seu particular temperamento, situação econômica, prestígio social, etc. Porém, a meu ver, o descobrimento de nossas necessidades requer paz. Isto é, antes de descobrirmos aquilo de que necessitamos, devemos primeiramente ter paz. Em geral, desejamos ter paz exteriormente, em todas as nossas relações; mas, eu creio que a paz começa noutra parte, e não no exterior e, sem ela, nada pode vicejar, florescer.

A paz não é uma fuga ao mundo, a nossas cotidianas atividades, porém, antes, temos de descobrir, vivendo realmente neste mundo, o que é a paz. Como entes humanos que vivemos em um mundo cheio de confusão, contradição e sofrimento, não devemos perceber quão profunda é nossa necessidade de

paz? Decerto, nossa maneira de vida, nossa norma de conduta, a natureza de nossas atividades diárias, espontaneamente nos darão a paz, se de fato *queremos* paz. Mas, parece-me que mui poucos de nós desejam paz; e, quando a desejamos, o que em verdade queremos é segurança, conforto, um estado completamente livre de perturbações. É bem de ver que não podemos continuar como estamos, com a nossa atual maneira de pensar e de agir; de modo nenhum podemos continuar pelo caminho que atualmente estamos trilhando. Ou teremos de assistir a um tremendo desastre, ou os homens terão de despertar para uma diferente maneira de pensar, uma diferente maneira de viver.

É disso que desejo tratar nesta manhã. Como entes humanos, em total relação com todos os demais, e vivendo no mundo real dos fatos diários, temos possibilidade de descobrir diretamente uma diferente maneira de viver, de pensar, de agir? Para a descobrirmos, devemos primeiramente investigar as verdadeiras condições em que, como indivíduos, estamos vivendo presentemente; devemos tornar-nos cônscios do movimento de nossa própria vida — não como teoria ou conceito, porém como fato real. E, não só devemos tornar-nos cônscios disso, mas também tratar de pôr fim ao sofrimento; porque a mente que sofre não pode pensar claramente, não pode ver com clareza. O fim do sofrimento é o começo da sabedoria, e só da sabedoria é possível nascer o que é novo.

Cumpre-nos, pois, investigar com profundeza este assunto da terminação do sofrimento; porque, se pudermos acabar com o sofrimento, teremos resolvido todos os nossos problemas. É esta, para a maioria de nós — se estamos realmente despertos para as coisas da vida — a necessidade central: como pôr fim ao sofrimento, para começarmos uma vida nova. Penso ser esta uma pergunta fundamental que nos devemos fazer: é possível ao ser humano extinguir o sofrimento, sem fugir ao mundo da realidade, ao mundo das atividades diárias? Pode um indivíduo viver inteiramente livre de sofrimento, sem cuidar apenas de fugir-lhe, recorrendo a drogas, crenças religiosas, conceitos filosóficos, ou a uma certa disposição mística de nosso espírito em que encontramos plena satisfação — pois isso é também uma maneira de fugir à realidade?

Assim, vivendo neste mundo, vivendo nossa diária existência de relações, cabe-nos averiguar se há possibilidade de terminarmos definitivamente o sofrimento. Conscientemente,

poderemos racionalizar o sofrimento, perceber-lhe as causas; mas, a mera racionalização não faz terminar o penar. Ele é aflição, incerteza, o sentimento de completo isolamento. Há o sofrimento causado pela morte, o sofrimento decorrente de nossa impossibilidade de preencher-nos, de não vermos reconhecidos os nossos méritos, o sofrimento de amar sem retribuição de nosso amor. Há inumeráveis formas de sofrer; e quer-me parecer que, se não compreendemos o sofrimento, nunca terminarão o conflito, a aflição, as diárias misérias decorrentes da corrupção e da deterioração.

Esta — assim me parece — é uma das perguntas fundamentais que devemos fazer a nós mesmos e encontrar a resposta correta.

Há sofrimento consciente, e há sofrimento inconsciente — esse sofrimento que não parece ter base, causa direta. Quase todos conhecemos o sofrimento consciente e a maneira de agir em relação a ele. Isto é, ou fugimos por meio de uma crença religiosa, ou racionalizamos o sofrimento, ou nos narcotizamos física ou intelectualmente; ou nos deixamos entorpecer por palavras, diversões, superficiais entretenimentos. Tudo isso fazemos, sem todavia lograrmos escapar ao sofrimento consciente.

Há, também, o sofrimento inconsciente, herdado através dos séculos. O homem sempre procurou meios de superar essa coisa extraordinária que se chama "sofrimento", aflição, dor; entretanto, mesmo quando, superficialmente, temos felicidade e tudo o que desejamos, muito profundamente, em nosso inconsciente, estão cravadas as raízes do sofrimento. Assim, ao falarmos em pôr fim ao sofrimento, queremos dizer "pôr fim ao sofrimento *em seu todo*", tanto no nível consciente como no inconsciente.

Para podermos pôr fim ao sofrimento, necessitamos de uma mente lúcida, simples. A simplicidade não é uma mera idéia. Ser simples exige um alto grau de inteligência e de sensibilidade. Pensamos que ser simples é voltar à natureza, ou ter apenas uma ou duas peças de vestuário, ou alimentar-nos escassamente e ter apenas um cantinho para morar. Conhecemos muito bem a forma exterior de simplicidade, mas não sei se alguma vez já refletimos verdadeiramente sobre esta matéria. Que significa ser lúcido e simples?

Ora, tratemos, aqui, de diferençar entre o que entendemos por *simplicidade* e o que geralmente se considera "ser sim-

ples". Hoje em dia, estão-se acumulando mais e mais fatos. Semelhantes a computadores, estamos acumulando informações e conhecimentos, com os quais esperamos chegar a uma melhor compreensão da vida, uma sabedoria mais vasta. Mas, quanto mais conhecimentos adquirimos, tanto menos simples se vai tornando a vida.

Vede, por favor, que vós e eu estamos aprendendo juntos; e, para aprender, é necessário *escutar*. Escutar é aprender. Não se trata de "primeiro escutar e depois aprender" ou "primeiro escutar e depois agir". Escutar *é* ação. Se vós e eu soubermos escutar os sucessos humanos, tudo o que está ocorrendo no mundo, as filosofias, os dogmatismos, os rituais, as religiões, a televisão — se tudo soubermos escutar, então o próprio ato de escutar se tornará ação; e nisso consiste, a meu ver, a arte de escutar. Se sabeis *escutar* o trem que passa, a torrente impetuosa, nosso vizinho, o rádio, a vós mesmos; se souberdes *escutar* o que se está passando no mundo, o sofrimento, a confusão, o enorme conflito entre os homens — se souberdes escutar tudo isso total e completamente, sem o traduzir nos termos de vossos próprios conhecimentos, nos termos das "informações" reunidas por vossa pequenina mente — então, talvez, esse próprio escutar será ação. E é disto que necessitamos: *ação*. Mas, para agir, necessitamos de simplicidade, e a simplicidade não se deriva da complexidade do saber. A simplicidade nasce de alta sensibilidade e da compreensão do sofrimento.

Que é sofrimento? Por que sofremos? Por que sofremos, não só física, organicamente, mas também interiormente, psicologicamente? Por que sofremos e que significa esse sofrimento? Aparentemente, raríssimos entes humanos têm conseguido escapar a esse sofrimento; "escapar", no sentido de terem posto fim ao sofrimento. Em toda a história do mundo, provavelmente apenas um ou dois lograram transcender essa agonia. E, a menos que, como entes humanos, descubramos, por nós mesmos, como acabar com o sofrimento, nossa vida será sempre sombria, vazia, confusa, cheia de conflitos, e estaremos perenemente a esforçar-nos por fazer ou não fazer alguma coisa. Por conseguinte, devemos descobrir, aprender o que o sofrimento é *de fato,* em vez de o interpretarmos de uma certa maneira ou de buscarmos a sua causa. A causa do sofrimento nós conhecemos. Morre alguém, e nos sentimos terrivelmente sós, infelizes, cheios de autocompaixão; a morte,

pois, traz-nos amargura. Ou existe sofrimento quando não conseguimos preencher-nos na vida, quando não conseguimos tornar-nos conhecidos, importantes, famosos. Uma pessoa deseja fazer certas coisas, mas não o consegue, por achar-se de uma ou de outra maneira, fisicamente incapacitada para fazê-las; e, assim, de novo se manifesta o penar. Ou o indivíduo faz uso do tempo como meio de alcançar um certo fim e, nesse "processo" de tempo, há sofrimento. Todos nós sabemos que a mera busca da causa do sofrer não o elimina. Eu sei por que sofro e vós sabeis por que sofreis, mas esse conhecimento não põe fim ao sofrimento. Dessarte, ou o indivíduo se torna mordaz, amargurado, endurecido, ou trata de fugir ao sofrimento, ou fica simplesmente "vivendo com ele", de modo que a mente se vai tornando cada vez mais embotada e insensível.

Sabendo de tudo isso, que cumpre fazer? Compreendeis minha pergunta? Muito importa responder a ela, porque a mente que se gastou por causa do penar consciente ou inconsciente, está embotada, insensibilizada, incapacitada para aprender. E a própria vida é um movimento de aprender. Não é um processo de adquirir conhecimentos para depois agir em conformidade com eles; aprender *é* ação, e no agir se está aprendendo. Mas, se adquiris conhecimentos ou informações para com eles moldar a ação, ou se tendes uma fórmula conforme a qual agis, é então inevitável o conflito, e esse conflito é também sofrimento.

Este é um dos problemas mais importantes da vida; e como poderemos resolvê-lo de maneira inteligente, sã, completa? Para podermos responder a esta pergunta, não apenas verbalmente, porém *realmente,* e desse modo pormos fim ao sofrimento, necessitamos de profunda paz interior.

Ora, que se entende pela palavra "paz"? Em maioria, desejamos a paz condicionada ao nosso próprio prazer. Prestai atenção, por favor, ao que se está dizendo — *escutai-o,* sem concordar nem discordar, porém da mesma maneira como escutais o som de uma torrente. A noite passada choveu muito, e aquele rio corre agora impetuoso, cheio e barrento. Não podeis alterá-lo. Ele ali está, a correr, e o que se pode fazer é apenas *escutá-lo;* e quanto mais a gente escuta, tanto mais sensível se torna a todos os sons e murmúrios, à quietude, à solidão, à imensidade da vida. Da mesma maneira, cuidai de escutar agora o que se está dizendo e de fazer descobrimentos, à medida que nos formos adiantando.

Como sabeis, todos desejamos paz: paz em nossas relações, em nosso trabalho, em nosso meio ambiente; paz interior e exterior. Mas, para a maioria de nós, paz significa estar plenamente satisfeito, aceitando as coisas como são e "permanencendo com elas". Não queremos ser perturbados. Mas a vida está sempre perturbando-nos. A guerra assola o Vietnã e também o nosso coração. Os exércitos e os generais estão a preparar-se para a guerra, em *todas* as partes do mundo, embora se fale em paz. Os políticos falam em paz e, entretanto, buscam poder, posição, prestígio nacional. Desejamos a paz condicionada ao nosso próprio prazer; mas prazer e paz não podem andar juntos, porquanto o prazer impede a mente de ver o real, o fato, o que *é*. Assim, para compreender a paz é necessário compreender primeiramente o prazer.

Traduzimos aquilo que chamamos "paz" nos termos de nosso próprio prazer; por conseguinte, se não compreendemos a total estrutura do prazer, não teremos possibilidade de paz. E cada um de nós *necessita* de paz. Isto é, necessitamos de paz, no sentido de termos imenso espaço interior, espaço sem limites. Paz significa espaço no qual nenhum centro existe para criar limites. Isso é muito difícil de investigar e de compreender. A paz é um estado de espírito que não dá fronteiras ao espaço. E, para compreendermos a paz, teremos de compreender o que é o prazer, porquanto é o prazer que cria a imagem, o centro que projeta um espaço limitado em torno de si. É o prazer que dita as condições e traduz os valores de cada ato. Peço-vos observeis a vós mesmos, para verdes vossas próprias maneiras de pensar e de sentir, conscientes e inconscientes, os valores por vós mesmos criados.

Que *é*, pois, o prazer e por que lhe está apegada a mente? O animal evita a dor e só busca o prazer — e em cada um de nós subsiste uma boa parte do animal. Se nos observamos, vemos que não desejamos outra coisa senão prazer contínuo em diferentes formas. Queremos sensações, divertimentos, conhecimentos, instrução, prestígio, preenchimento; queremos tornar-nos conhecidos, levar a cabo o que pensamos ser correto, ao mesmo tempo procurando controlar outros. O ciclo ou a roda do prazer é que dita os nossos valores, nossos padrões, nossas atividades, nossas relações. Que *é* o prazer? Pura sensação — a sensação que é agradável e da qual nasce o desejo. E que é que dá continuidade ao desejo? Há o perceber ou ver, a sensação, o contato e o desejo.

Estais-me seguindo? Observai bem isso. Não é nada de misterioso aquilo de que estamos falando, porém um fato muito simples. Vemos um bonito carro, ou uma bela mulher, ou uma esplêndida vivenda, ou uma jóia preciosa, ou um homem poderoso — o que quer que seja — e desejamos também isso. Observamos algo belo, atraente, e do percebê-lo, do vê-lo, nasce a sensação, seguida do contato e do desejo. Esse o ciclo, não? Eis então a questão: que é que dá continuidade a esse momento de desejo? Porque, se compreendo o que dá continuidade, saberei o que devo fazer em relação ao desejo, como me haver com ele, em vez de meramente tratar de reprimi-lo, controlá-lo ou destruí-lo.

A mente sabe, pois, como nasce o desejo. Isso está claro. Mas, que é que dá ao desejo continuidade? Por certo, o pensamento. Quando há a percepção de um carro, seguida de sensação, do contato e do desejo, se o pensamento não dá continuidade a esse desejo, ele cessa, não é exato? Vemos, pois, que o desejo recebe continuidade do pensamento. Quanto mais penso naquele carro, tanto mais forte se torna o desejo de possuí-lo — o que vem a ser desejo de prazer. Assim, se não compreendo o mecanismo do pensar, não tenho nenhuma possibilidade de compreender a natureza do prazer, ou da paz. Por conseguinte, *tenho* de compreender o mecanismo do pensar.

Estamos tentando averiguar o que é a paz, porque, sem paz, nossa vida permanece horrivelmente confusa, infeliz, ansiosa, como todos muito bem sabemos. E, para se descobrir o que é a paz, temos não só de compreender o que é o sofrimento, mas também o que é o prazer, o que é o desejo, e o que é *pensar*. Não podemos omitir nenhuma dessas fases, pois temos de compreender o "processo" como um todo, e não por fragmentos.

Estamos, pois, agora, investigando o que é *pensar*. Em termos bem simples, o pensar é evidentemente a reação do conhecimento e da experiência como memória. O computador registra em sua fita eletrônica uma enorme quantidade de dados e, se lhe fazemos uma pergunta adequada receberemos a resposta correta. De modo idêntico, uma grande quantidade de conhecimentos herdados e adquiridos está gravada no cérebro humano como memória, e, quando desafiado, o cérebro reage de acordo com os conhecimentos armazenados, de acordo com as lembranças de suas várias atividades e experiências. A memória, seja consciente, seja inconsciente, é sempre con-

dicionada. Como o computador, ela não pode transcender a si própria, passar além dos dados que lhe foram fornecidos. Nós, como entes humanos, não podemos transcender-nos porque estamos condicionados; estamos amarrados a nosso saber, nossos conhecimentos, nossa experiência, nosso passado. É o passado que responde a toda pergunta, e a essa resposta chamamos "pensamento". A resposta pode exigir muito ou pouco tempo, e esse processo é bastante simples e claro. Uma pergunta familiar pode ser respondida imediatamente, ao passo que uma pergunta totalmente estranha exigirá um mais longo lapso de tempo — o intervalo entre a pergunta e a resposta será maior.

Assim, o que chamamos pensamento é *sempre* condicionado. Quanto mais a pessoa pensa no prazer e evita a dor, tanto mais fortemente se lhe enraízam na mente os valores e imagens do desejo. Ora, decerto, isso é muito simples. Entretanto, é correto e natural "reagirmos" ao que vemos. Ao vermos um belo carro, por exemplo, reagimos, e essa reação tem de ocorrer, pois, do contrário, estamos cegos, paralisados ou insensibilizados. Mas, por que ficar pensando nele? Se desejais o carro, e tendes meios para comprá-lo, podeis adquiri-lo. Se não tendes os necessários recursos, por que continuar a cultivar na mente a imagem do prazer? Começamos, pois, a perceber que o desejo não é uma coisa a que devemos ter horror, que devemos controlar ou reprimir, porém, antes, devemos compreender como se origina e o que lhe dá continuidade. Uma vez que compreendamos esse quadro todo inteiro, o desejo terá significado bem diferente. Já não nos torturará a mente.

Pois bem. Se está claro o que se disse, já se pode perceber que o que chamamos "pensamento" é a origem do conflito. Nosso pensamento, sendo "reação" do passado, enfrenta inadequadamente o desafio do presente e, por essa razão, há conflito. Dizemos, então, que o pensamento precisa ser controlado; mas esse próprio controle do pensamento só serve para aumentar o nosso conflito com a vida, a vida que, como aquela corrente, está em perene movimento. O pensamento, pois, não nos traz a compreensão da vida; o pensamento não liberta o espírito do sofrimento; o pensamento não criará a paz. O pensamento é a "reação" do passado, e, por conseguinte, é, sempre e necessariamente, limitado, condicionado. Enquanto a mente estiver traduzindo as atividades da vida em termos de

pensamento, e enquanto o pensamento gerar ação, só poderá criar mais conflito e aflição.

Que é então a paz? A paz pode ser procurada por meio do pensamento, do prazer como "idéia organizada"? Claro que não. A paz é um estado de espírito em que a imagem, ou a idéia, ou o prazer como "idéia organizada", não se manifesta.

Vede, por favor, que estamos pedindo à mente que faça uma coisa extraordinária, uma coisa que antes nunca fez. Estamos habituados a manter uma série de pensamentos, conclusões, fórmulas, de acordo com os quais agimos. Mas eu digo que tal processo não é, absolutamente, produtivo de paz. O que produz a paz é a compreensão de todo o mecanismo do pensamento, do prazer e da idéia. Uma vez compreendido esse mecanismo, verifica-se, então, uma tranqüilidade que o pensamento nunca vem perturbar. Não há, então, pensamento a não ser quando necessário.

Não sei se está claro o que disse. Não digais com a cabeça que estais de acordo, porque esta é uma das coisas mais difíceis de compreender. Estamos averiguando como se pode pôr fim ao sofrimento. Não estais aqui para concordar ou discordar de minhas palavras ou idéias. Estamos procurando verificar como um ente humano que sofre há dois ou mais milhões de anos pode acabar com o sofrimento; porque, se não cessa a amargura, não há luz, não há claridade, não há inteligência. O homem pode ser engenhoso; poderá ir à Lua, fotografar Marte, inventar novas máquinas, novas técnicas de matar ou de preservar a vida; mas, enquanto sofrer, não terá fim o conflito, a aflição, a confusão. Por esta razão é que estamos investigando o sofrimento, a fim de descobrir se podemos viver verdadeiramente livres dele.

Como disse, se não compreendermos a natureza do pensamento, a natureza do prazer como idéia organizada, não haverá paz. Nós temos de viver neste mundo, que se vai tornando cada vez mais complexo e cada vez mais tirânico. O rádio, a televisão, os jornais, os políticos, os sacerdotes, as religiões organizadas, com suas crenças, dogmas, rituais, estão-nos condicionando e sua propaganda se tornando cada vez mais hábil. Conhecem todos os truques psicológicos próprios para controlar a mente do homem. Devemos, pois, tornar-nos cônscios de todos esses processos, dessas inúmeras influências que nos estão assaltando continuamente, e delas libertar-nos. É aí que começa a simplicidade. Não é o espírito engenhoso, o

erudito, porém o de natureza simples, que pode ver diretamente, sem nenhuma desfiguração; e haverá desfiguração enquanto em nós existir a imagem do prazer.

A mente simples é uma mente austera. Sabeis o que significa "ser austero"? Por "mente austera" entende-se, em geral, aquela que rigorosamente se disciplinou, controlou, reprimiu, a que penosamente se ajusta a um padrão. Mas ela não é simples nem austera; é apenas temerosa e, por isso, se *ajusta. Esse ajustamento é chamado* "austeridade"; mas nós estamos falando de uma austeridade em que não há ajustamento de espécie alguma. Não estamos empregando a palavra "austero" em referência ao indivíduo que se disciplina de acordo com um padrão, porém àquele que está perfeitamente cônscio de tudo o que o prazer implica, e da *imagem* ou *centro.* Esse próprio percebimento cria uma disciplina espontânea — e é essa a austeridade a que me refiro.

A pessoa não pode ser *austera* se não é apaixonada. Como sabeis, para a maioria de nós, a palavra "paixão" se traduz em "carnalidade", ou falamos em paixão pelo trabalho, paixão por expressar-nos, ou paixão por "vir a ser alguma coisa". Mas eu a emprego no sentido de *intensidade.* Há uma acumulação de energia, que se torna extraordinariamente intensa — e isso é paixão. Sem essa *paixão,* não há austeridade e, por conseguinte, *não há simplicidade.* Necessita-se de imensa paixão para se ser simples; e com essa paixão, essa *intensidade,* estais apto a enfrentar o sofrimento. Não podeis dissolver ou terminar o sofrimento, se não tendes paixão, extraordinária energia; e dissipa-se energia quando há conflito, isto é, quando dizeis: "não devo sofrer", ou tentais descobrir a causa do sofrimento, ou dele fugir. Tendes necessidade de toda a vossa energia, de toda a vossa atenção, para enfrentar o sofrimento. Há um estado de intensa, apaixonada atenção, que, embora não se ajuste, é altamente disciplinada e, por conseguinte, sobremodo austera. Nesse estado, a mente é bem simples, e, assim, capaz de enfrentar essa coisa que se chama "sofrimento". Descobrirá, então, ela, por si própria, que o sofrimento tem fim e, por conseguinte, o desespero, a frustração, o isolamento — que tudo isso também termina. Apenas com o cessar do sofrimento existe liberdade, e é só então que a mente está livre e é, a um tempo, sábia e ativa.

INTERROGANTE: Existe diferença entre o sofrimento individual e o sofrimento da humanidade?

KRISHNAMURTI: Vosso sofrimento, como indivíduo, difere de meu sofrimento, ou do sofrimento de qualquer homem que vive na Ásia, na América ou na Rússia? As circunstâncias, os incidentes poderão variar, mas essencialmente, o sofrimento de outro homem é o mesmo que o meu e o vosso, não? Sofrimento é sofrimento — não é vosso nem meu. O prazer não é "vosso prazer" ou "meu prazer": é *prazer.* Quando sentis fome, esta fome não é só *vossa,* é a mesma fome que se sente em toda a Ásia. Quando vos impele a ambição, quando sois cruel, trata-se da mesma crueldade do político, do homem que detém o poder, não importa se na Ásia, na América, ou na Rússia.

Vede, é disso que não gostamos. Não percebemos que somos todos uma só humanidade, aprisionada em diferentes esferas da vida, em diferentes lugares. Quando amais alguém, não se trata de *vosso* amor. Se ele é *vosso,* torna-se tirânico, ávido de posse, ciumento, ansioso, brutal. De modo idêntico, o sofrimento é *sofrimento* — nem vosso nem meu. Com isto não o estou tornando impessoal, uma abstração. Quando uma pessoa sofre, sofre. Quando um homem não tem o que comer, o que vestir, onde abrigar-se, sofre, não importa se vive na Ásia ou no Ocidente. Os que atualmente estão sendo mortos ou feridos — vietnamitas e americanos — estão sofrendo. Para compreender esse sofrimento — que não é vosso nem meu, que não é impessoal ou abstrato, porém uma realidade, *um fato* — necessitamos de muita penetração, muito discernimento. E o findar desse sofrimento trará naturalmente a paz, tanto interior como exterior.

Acho que já é tempo de pararmos, pois estou falando há mais de uma hora. Mas, se realmente escutastes, com esse próprio ato de escutar, estivestes agindo. Escutar é agir. Se, nesta manhã, escutastes profundamente, com plena atenção e lucidez, vereis que o sofrimento nunca mais tornará a atingir-vos; mas isso não significa que deixareis de amar. Terminado o sofrimento, saberemos, talvez, o que é o amor. Mas, se não se põe fim ao sofrimento, o amor se torna tirania, dor, uma coisa sem qualquer significação, a não ser como memória, como prazer.

25 de julho de 1965.

O AMOR E A MORTE

(SAANEN — VIII)

NESTA MANHÃ desejo investigar uma questão que considero de vital importância para todos nós: a questão do amor e da morte. Mas, antes de fazê-lo, desejo esclarecer umas poucas coisas.

A comunicação é relativamente fácil quando ambas as partes conhecem a mesma língua e dão igual significado à mesma palavra. Se ambas as partes têm o mesmo ponto de referência, e este é constante, então a comunicação se torna possível, conforme foi demonstrado pelo *Mariner II*, que passou perto de Marte e enviou à Terra fotografias e mensagens. Já que é necessária a comunicação verbal, devem ambas as partes estar bem esclarecidas quanto à compreensão e ao emprego das palavras.

Mas, a comunhão se me afigura muito mais difícil, porque, na comunhão não estamos *compartilhando*, embora o dicionário defina aquele termo (comunhão) como "ato de repartir, compartilhar". Penso que o compartilhar só é possível em relação a coisas, experiências, idéias; mas, se passamos além dessas coisas, torna-se impossível. Vós e eu não podemos compartilhar a beleza daquelas montanhas. Podemos falar, ou escrever um livro ou compor versos a respeito dela; mas não podemos compartilhar aquela extraordinária beleza. Ela ali está, para cada um de nós a admirar e com ela deleitar-se, mas não estamos compartilhando aquela beleza. A beleza não pode ser repartida, porque a beleza não é um estímulo. Se compreendemos o significado da palavra "compartilhar", podemos perceber claramente o que ela implica, isto é, que uma pessoa tem uma certa experiência ou conhecimento e está disposta

a reparti-los com outra. É isso o que geralmente se entende por "compartilhar" — e esse modo de entender está associado a todo sistema hierárquico da *divisão*. "Compartilhar" implica que vós sabeis e eu não sei, não é verdade? Dividis comigo uma coisa que eu não sei, que nunca experimentei nem senti. Tendes a bondade ou a generosidade de dividir comigo uma certa coisa.

Mas, a beleza pura não pode ser partilhada, porque vós não podeis possuí-la, nem eu também. Ela não é nenhum objeto de uso pessoal; não é um artigo que vós ou eu possamos possuir e repartir com o outro. A beleza está simplesmente *presente*, como o poente, como a montanha, como o rolar do rio, como a quietude vespertina. Porque a beleza está presente, podeis olhá-la e deleitar-vos com ela; mas não podeis reparti-la com outra pessoa, que deve achar-se também num profundo estado de percebimento, ser igualmente sensível, inteligente. Porque a beleza não pode ser partilhada, porém existe para ser admirada, para a fruirmos. Existe para regalo, deleite, de cada um de nós.

Assim, quando empregamos a palavra "compartilhar", ela implica geralmente que um possui e outro não possui, que eu tenho uma coisa e outro não a tem. Essa atitude, esse sentimento de divisão reflete a atitude hierárquica ante a vida: o comandante e o soldado raso; o Papa e o sacerdote comum; o Cardeal de vestes suntuosas e o humilde monge, coberto de um pano preto; o homem que sabe e o homem que não sabe. É essa atitude que cria a autoridade, a ambição, a luta, que causa infinitos sofrimentos e tribulações.

Escutai com toda a atenção, porque vamos tratar de algo que não pode ser *repartido* e, por conseguinte, não admite co-participação. Deveis compreender verdadeiramente esse mal terrível — se posso usar tal palavra — da divisão hierárquica da vida, em virtude da qual um *sabe* e outro *não sabe*. A Verdade de modo nenhum pode ser dividida em "superior" e "inferior"; por conseguinte, não admite autoridade, não admite nenhuma atitude hierárquica. A divisão hierárquica da vida é uma coisa venenosa, aterradora.

Assim, o que nesta manhã vamos fazer não é *compartilhar*, porém, sim, investigar — vós eu eu; vamos penetrar juntos numa coisa que desconhecemos. Peço-vos não fiqueis na expectativa de que eu vá ensinar-vos alguma coisa, ou

repartir convosco alguma coisa que não tendes; não espereis de minha parte o esclarecimento ou a liberdade. Ninguém pode dar-vos liberdade, ninguém pode reparti-la convosco. Mas, quase todos estamos habituados a essa atitude, segundo a qual *uns dão* e *outros recebem,* atitude essa que cria uma divisão na vida e, por conseguinte, a autoridade com todos os males concomitantes. Em verdade, não existe seguidor e guia, não há instrutor nem discípulo; e essa é uma coisa maravilhosa se nós mesmos a compreendemos. Nela há grande beleza, liberdade, o fim do sofrimento — porquanto significa que devemos trabalhar, investigar, penetrar, destruir tudo o que é falso e, desse modo, *descobrir* diretamente.

Pois bem. Nesta manhã vamos investigar duas coisas da máxima importância em nossa vida: o amor, e isso que se chama "a morte". O investigar, o compreender, o descobrir exige, obviamente, liberdade — *não* liberdade no fim, porém liberdade exatamente no começo. Sem liberdade, não se pode *olhar,* não se pode investigar, não se pode caminhar para o desconhecido. A mente que deseja investigar, seja no complicado campo das ciências, seja na tão complexa e sutil esfera da consciência humana, necessita de liberdade. Essa esfera não podeis alcançar com vossos conhecimentos, vossos preconceitos, vossas ansiedades e temores, porque esses fatores vos moldarão a percepção, vos impelirão em diferentes direções e, por conseguinte, farão cessar toda investigação verdadeira. De modo idêntico, quando queremos perceber o que significa essa coisa extraordinária — essa coisa que chamamos "amor" — não podemos chegar-nos a ela com nossos preconceitos pessoais, nossas conclusões, nossas noções preconcebidas de que ela deve ser "assim" ou "assim"; não podemos dizer que o amor deve expressar-se na família, entre marido e mulher, ou que há amor profano e amor espiritual — pois tudo isso nos impede de penetrar a questão com profundeza, livremente, em ardorosa busca.

Assim, para investigar, necessitamos de liberdade e, por conseguinte, devemos estar bem cônscios, desde o começo, de quanto nos achamos condicionados e cheios de preconceitos; devemos perceber o fato de que encaramos a vida através do desejo de prazer, com o que nos impelimos de ver o que realmente *é.* E, talvez, quando livres de tudo isso, possamos investigar essa coisa extraordinária que se chama "amor".

Vivemos neste mundo num estado de relação — relações entre o homem e a mulher, entre amigos, entre nós e nossas idéias, nossas posses, etc. A vida exige relações, e estas não podem existir quando a mente está a isolar-se em todas as suas atividades. Observai esse "processo" em vós mesmos. Quando existem atividades egocêntricas, não há relações. Não importa se estais dormindo com outra pessoa na mesma cama, ou viajando num ônibus repleto de passageiros, ou contemplando uma montanha, se vossa mente está toda empenhada em atividades egocêntricas, é claro que só poderá levar-nos ao isolamento; portanto, não há estado de relação.

Ora, é por causa da agitação decorrente dessa atividade egocêntrica que a maioria de nós começa a investigar o que é o amor, uma vez que toda atividade egocêntrica se baseia na busca do prazer e no evitar a dor. Enquanto estivermos investigando de um centro que existe para seu próprio prazer, será inteiramente inútil e vã a vossa investigação. Para a verdadeira investigação, precisamos estar livres dessa atividade egocêntrica — e isso é dificílimo. Requer grande inteligência, muita compreensão e penetração, e, por conseguinte, uma mente lúcida: uma mente que não seja sentimental nem emocional, que não se deixe arrebatar pelo entusiasmo, porém que esteja muito clara, vigilante, sensível a tudo o que a rodeia. Só essa mente pode começar a investigar isso que chamamos "amor".

Ora, que é o amor para a maioria de nós, que é ele realmente, e não como *gostaríamos* que fosse? O que gostaríamos que fosse o amor é uma mera idéia, um conceito, uma fórmula e, conseqüentemente, uma coisa sem validade alguma. Devemos começar com o que *é,* e não com o que *deveria ser.* Devemos começar com o fato, e não com opiniões e conclusões. Conclusões, opiniões, fórmulas, são absolutamente desorientadoras e destrutivas. Uma maravilhosa utopia, concebida ou formulada por alguns espíritos engenhosos, sagazes, poderá deformar e destruir as vidas de milhares e milhões de indivíduos, porque de boa mente estarão dispostos a matar ou se deixarão matar em defesa dessa idéia. E a mesma coisa fazemos, interiormente, com nós mesmos. Temos uma fórmula, um sentimento, uma crença em que, para amar, devemos ser isto ou aquilo, e torturamos as nossas vidas, vivemos em agonia, porque queremos ajustar o fato — o que somos — ao ideal — o que deveríamos ser que é pura ilusão, mera invenção da mente e, portanto, sem nenhuma realidade.

Assim, vamos agora investigar, *não* partindo do que *deveria ser,* porém do que *é.* Que é realmente o nosso amor? Nele, há prazer, dor, ansiedade, ciúme, apego, ânsia de posse, de domínio, e o medo de perdermos o que possuímos. Há o amor existente nas relações entre duas pessoas, e há o amor a uma idéia ou fórmula, quer relativa à pátria, quer a uma utopia ou Deus. Mas, falando a respeito de amor, só nos estamos referindo ao amor existente nas relações, e não àquela coisa venenosa chamada "amor à pátria", a esse nacionalismo patriótico tão explorado pelo político e o sacerdote. Referimo-nos ao *fato* — ao amor realmente existente entre os entes humanos. Nesse amor há dor, há a tortura da incerteza, o ciúme, o medo da solidão e, por conseguinte, a ânsia de possuir, de dominar, prender. Tudo isso são fatos, não? Por essa razão, há o casamento legal, instituído pela sociedade para a proteção da prole. Mas a família, como unidade, está oposta a cada uma das outras "unidades" ou famílias. "Minha família" está em competição com todas as outras famílias do mundo. E no seio da própria família trava-se uma batalha incessante: o desejo de possuir, dominar, e daí, o medo, o ciúme, a ansiedade, sobre se somos amados ou se não somos amados, etc. É isso que chamamos "amor". E, embora a pessoa deva ter família, procura de várias maneiras fugir àquelas torturas: por meio de atividades sociais, ou tornando-se fanaticamente religiosa e ingressando em alguma pequena e insípida organização em que se cultiva a crença numa dada fórmula a respeito de Deus, de Jesus, de Buda, etc. Ou, ainda, interpretando as relações de família como algo muito superficial, uma passageira carga que teremos de suportar, e, por conseguinte, determinamo-nos a levá-la até o fim.

Isso é o que chamamos "amor". Ao nos tornarmos insatisfeitos com o chamado amor à família, passamos ao amor a Deus, o amor à humanidade, ou o amor ao próximo. Não sabemos realmente o que é o amor, mas amamos a Deus, amamos ao próximo — pelo menos o dizemos. E ao mesmo tempo estamos destruindo o nosso semelhante com impiedosa ambição, por meio de astutas práticas comerciais e de todas as formas de competição existentes na moderna sociedade. Há também o chamado amor dos pais aos filhos — e bem conheceis a verdadeira estrutura, as torturas desse jogo em que predomina o instinto de posse.

Agora, se somos sensíveis, vigilantes, se sentimos e observamos, sabemos de tudo isso. Disso estamos íntima e dolo-

rosamente cônscios e, por essa razão, perguntamos se é possível um indivíduo ter vida de família, viver com sua mulher ou marido, com seus filhos, livre dessa tortura. Se é capaz disso, o indivíduo começa, então, talvez, a descobrir o que é o amor. O amor, com efeito, exige que vejamos a realidade de nossa vida cotidiana, não é verdade? Os insignificantes e diários incidentes correntes na família, no emprego, no ônibus, no carro, na estrada; o desrespeito que sentimos pelos outros — cientes que estamos de todas essas torturas, existe possibilidade de pormos tudo isso à margem, *realmente* e não apenas teoricamente? É possível não termos apego, não querermos possuir, dominar ou ser dominados? Se vosso esposo ou esposa deseja ir para a companhia de outrem, há possibilidade de não sentirdes ciúme, ódio, antagonismo? Por certo, só então se tornará possível a vinda de algo desconhecido.

O amor que temos é o *conhecido,* com todos os seus sofrimentos e sua confusão; nele, há a tortura do ciúme, os horrores e penas de violência, o prazer sexual. É só isso que conhecemos, e não temos vontade de enfrentar este *fato* inegável.

Como sabeis, podemos viver com a beleza daquelas montanhas, e a ela nos habituarmos inteiramente. Ao cabo de uma semana ou de dez dias, já não a notaremos sequer. Tornar-nos-emos como os aldeões, que não olham para as montanhas nem por um segundo, de tal maneira se acostumaram com elas. Acostumamo-nos com a beleza, assim como nos acostumamos com a fealdade; o importante não é a beleza nem a fealdade porém o fato de nos habituarmos com *qualquer coisa.* Acostumamo-nos com nossa vida, nossas torturas, nossas tribulações, nosso banal ambiente doméstico, com toda a fealdade de nossa mente estreita, vulgar. Não queremos ver mais longe, romper as cadeias desta confusão, *descobrir* e, assim, nos acostumamos com tudo. E, quando nos acostumamos com qualquer coisa que seja — beleza, tortura, ansiedade, fealdade — nossa mente se torna embotada, insensível, desatenta, e, nesse estado, começa a ocupar-se com coisas de todo o gênero: Deus, religião, entretenimento, trabalho social, tagarelice, acumulação de conhecimentos, ou televisão.

O importante, pois, é estarmos cônscios dos fatos de nossa vida, de suas torturas, da ânsia de posse e de domínio, do conflito, das constantes correções, críticas, exigências — que vivamos com tudo isso sem nos acostumarmos; que de tudo

isso estejamos cientes em vez de simplesmente o aceitarmos. Não quero dizer que devamos suportar essas coisas, abraçar-nos com elas, porém, sim, que cumpre olhá-las e nunca evitá-las, nunca fugir delas. Devemos encarar os fatos de nossas relações diárias sem apresentar as razões de como devem ser as coisas. Considerar os fatos da vida dessa maneira requer muita energia, e essa energia só a temos quando não estamos fugindo desses fatos, por meio de crença, de explicações, da busca de sua causa, ou de outro modo. Se estamos completamente cônscios do que *é,* ou seja se percebemos todas as suas complicações e sutilezas, se nos familiarizamos com o *conhecido* em todos os seus aspectos, então, talvez, teremos a possibilidade de libertar-nos dele.

Se não sabemos o que é o amor, nunca saberemos o que é a morte. Já nos acostumamos com a morte. Centenas de homens estão sendo mortos no Vietnã. Tivemos duas horrorosas guerras mundiais, e inúmeros milhares de seres humanos foram mortos na Rússia por causa de idéias. Já nos acostumamos com esses morticínios, e com a fome, a pobreza e a degradação reinantes na Ásia, e existentes lado a lado com a prosperidade da Europa e da América. Habituamo-nos com essa coisa chamada "morte", com ela nos conformamos. Dizemos que a morte é o fim inevitável do homem — velhice, doença, e, por fim, o túmulo ou o crematório, conforme as preferências. Não nos revoltamos contra a morte porque não podemos; ela se vem aproximando, dia por dia, à medida que vamos envelhecendo. Temos abusado do organismo físico e, por isto, existem doenças. Um indivíduo pode morrer jovem, ou morrer velho, mas num e noutro caso, há doença, dor, tortura. Dado o desejo geral de boa saúde, poderemos chegar a viver 150 ou mesmo 200 anos, mas, no outro extremo, a morte está sempre à nossa espera.

Sabendo inevitável a morte, a maioria de nós tem fé na reencarnação, na ressurreição, ou noutra forma de continuidade após a morte, porque o que desejamos é só continuidade; assim sendo, a crença, a fórmula, a esperança, o dogma têm, por sua vez, enorme influência em nossa vida. Não estamos interessados no fato que é a morte, porém só nos interessa saber se há vida após a morte. Dizemos: "Que adianta lutar, cultivar a virtude, tentar tornar-nos divinos (sabeis com quantas ninharias nos ocupamos) para acabar morrendo?" Por esta razão, dizemos que algo deve existir além desta vida.

Ora, que é este algo que desejamos continue a existir? Compreendeis? Com palavras diferentes, em diferentes esferas, esperanças de variada natureza, etc., as religiões de todo o mundo prometem uma certa espécie de continuidade após a morte. Mas, abstraindo de tudo isso, que é que desejamos continue a existir? Nossa vida de cada dia, não? A vida que conhecemos. E que é essa vida que conhecemos? É a vida de companhia, a vida de torturas, incertezas, esperanças, de cada dia; a agonia do isolamento, as disputas, a assiduidade ao escritório, dia após dia, durante trinta ou quarenta anos; a pequenina mente que possuímos, a vida condicionada, o prazer de viajar e ver coisas novas; a doença, a dor, o vazio, o tédio de nossa existência — eis tudo o que conhecemos. Agora também sabemos como atingir e fotografar Marte. Conhecemos cada vez melhor as coisas externas.

Ora, que é isso a que estamos tão desesperadamente apegados? É, evidentemente, a memória das coisas passadas. Mas, não é horrível percebermos que estamos apegados a algo já passado, ido, acabado, morto? É só isso o que conhecemos e por isso lhe estamos apegados. Estamos apegados ao conhecido. Nosso caráter, nossos livros, os quadros que pintamos, as experiências, os prazeres e ansiedades que tivemos, nossos velhos sentimentos de culpa — tudo isso pertence ao passado, a que estamos aferrados. É só o que conhecemos e queremos subsista após a morte. Se perdi minha mulher, desejo reencontrá-la no além, etc. O que tememos, pois, é perder o conhecido, ou seja o passado — o passado, que atravessando o presente, cria o futuro; a isso é que estamos apegados.

Prestai atenção, por favor. Não estou fazendo propaganda de coisa nenhuma, porém apenas apontando os fatos.

Ora, quando nos apegamos a uma coisa passada, já estão mortos a nossa mente, o nosso coração, o nosso ser inteiro. Ainda que se trate de um profundo deleite, um intenso prazer, se a isso nos apegamos, nossa mente se torna uma coisa pequenina e feia, incapaz de viver realmente. Assim é nossa vida. Porque tememos o findar desta nossa chamada "vida", inventamos ou esperamos uma continuidade após a morte. Mas, quando uma pessoa está consciente de tudo isso e de não mais fugir; quando está olhando, observando, escutando, percebendo, sem escolha, tudo o que se passa em seu interior — vê-se, então, frente-a-frente com a questão da morte, que, em verdade, é o desconhecido. Não conheceis a morte; a seu respeito só tendes meras idéias. Tendes idéias, temores, ansiedades, e o

terrível sentimento de solidão, de isolamento. E a pessoa que bem percebe isso pergunta a si própria: "Posso morrer para tudo o que é conhecido, morrer para o passado, não a pouco e pouco, não conservando o que é agradável e rejeitando o desagradável, porém morrer tanto para o prazer como para a dor, quer dizer, pôr fim ao passado sem discussão?"

Ao chegar a morte, não há discutir, não há dizer-lhe: "Dai-me alguns dias mais." Em chegando a morte, vós partis. Da mesma maneira devemos esvaziar nossa mente de todo o pretérito. No esvaziar da mente, de bom grado, com naturalidade e sem esforço, estamos, então, talvez, libertados do conhecido, havendo, assim, a compreensão do desconhecido.

A maioria de nós não sabe o que é o amor. Conhecemos a dor e o prazer de amar, mas não vemos o fato que é o amor como vemos o fato que é uma montanha; dessarte, o amor é, para nós, algo desconhecido, tal como a morte. Mas, com a mente livre do conhecido apresenta-se-nos aquilo que não se pode conhecer mediante palavras, experiência, visões, qualquer forma de expressão. Se não conhecemos o amor, se não conhecemos a extraordinária plenitude e riqueza da morte, jamais saberemos o que é viver sem tortura, sem ansiedade, sem as aflições de cada dia.

Vamos debater, ou preferis fazer-me perguntas sobre o que estive dizendo nesta manhã?

INTERROGANTE: Qual é a origem da continuidade?

KRISHNAMURTI: Muito simples, não? Tivestes um prazer, que desejais continue, e o pensamento lhe dá a necessária nutrição para que continue. Se o pensamento não interferisse nesse prazer, ele não teria continuidade, duração. Vede como isso é simples. Digamos que escrevestes um livro e nele apusestes o vosso nome. Isso vos proporciona prazer, porque vos torna conhecido: elogiam-vos, criticam-vos, dão-vos publicidade, etc. Encontrai-vos com um amigo, que diz: "Que livro excelente você escreveu!" Isso vos deleita, vos faz pensar nas palavras de vosso amigo. Tudo isso dá continuidade ao vosso prazer. É, com efeito, muito simples. O importante é estarmos cônscios de todo esse processo; podeis então pôr ou deixar de pôr vosso nome no livro, pois isso já não tem importância alguma. Atuais então como um ser humano, anonimamente; e tudo o que é grande tem de ser anônimo.

(pausa)

Já que não tendes outras perguntas para fazer, deixai-me perguntar-vos uma coisa. A esta altura, deveis estar a interrogar-vos: "Como pode uma pessoa morrer para alguma coisa?" Compreendeis? Como pode uma pessoa morrer para um prazer que experimentou, ou para os insultos de que foi alvo? Como pode um indivíduo banir, com facilidade, alegremente, sem o mínimo de esforço, a lembrança de uma experiência que lhe proporcionou extraordinário prazer? É fácil afastarmos de nós uma coisa que nos causou dor; esquecemo-la muito rapidamente. A dor que sentistes na semana passada, quando vosso dente vos estava incomodando, já está esquecida. Já esquecestes a dor intensa que sentistes ao dardes à luz o vosso filho; mas o prazer de terdes esse filho, o deleite de vê-lo crescer, etc., a isso vos apegais. Ora, como pode uma pessoa morrer para *tudo* o que é conhecido, seja agradável, seja doloroso, e ao mesmo tempo viver e "funcionar" neste mundo, racionalmente, eficientemente, freqüentando seu emprego, etc., etc.? Não desejais sabê-lo? Por que não o perguntais? Será que estivestes meramente a aceitar tudo o que estive dizendo? Vede, é muito lamentável a gente não indagar, não investigar. Não se trata de descobrirdes alguma coisa *por meu intermédio,* porém de a descobrirdes por vós mesmos, mediante perguntas fundamentais e investigação do problema, do princípio ao fim, qualquer que seja ele, independentemente de vossa família e de toda a estrutura social que vos rodeia.

Como pode uma pessoa rejeitar totalmente o passado — o que, afinal de contas, significa morrer?

Perdoar é uma coisa terrível. Entendeis? Não? Está bem; vou explicar. Primeiro, acumulais os insultos, os aborrecimentos, e depois de acumulardes tudo isso, perdoais. Mas, se nada acumulais, não há nada que perdoar, não é verdade? Assim, a primeira coisa que se deve descobrir é se há alguma possibilidade de deixarmos de acumular o passado. Se não acumulais o passado, não há necessidade de morrerdes para o passado. Da mesma maneira, se não acumulais as dores, os insultos, as iras, não há então nada para perdoar. A mente que perdoa é cruel. Este é, pois, um dos problemas. Como deixar de acumular o passado (como o está fazendo a maioria de nós), porém rejeitá-lo imediata e totalmente? O emprego do tempo como meio de morrer para o passado ou de rejeitá-lo a pouco e pouco — eis a coisa mais deplorável que há para o homem. Isso pode ser feito (morrer para o passado) de

uma maneira completamente diferente. Examinaremos esta questão dentro em pouco.

Notai que não vos estou fornecendo nenhum método ou fórmula. Não digais: "Aprendi uma coisa e vou aplicá-la". Se, do que estive dizendo, aprendestes alguma fórmula e dela ides fazer aplicação, sois então semelhante ao homem que acumula e perdoa e, por conseguinte, estais de volta à mesma e antiga tortura causada pelo conflito e esforço.

Ora, acumulei o prazer em diferentes formas; tenho lembranças do prazer em seus variados aspectos, seus diferentes matizes, sutilezas; e como posso pôr fim a tudo isso? Sabemos como livrar-nos de uma dor; a mente, de alguma maneira, sempre se livra da dor com muita rapidez, porque seu desejo é de prazer. Seu principal interesse é o prazer, toda a sua escala de valores baseia-se no prazer, e, por conseguinte, pode muito rapidamente rejeitar tudo aquilo que lhe seja desagradável; isso sucede quase inconscientemente. Mas eu, que acumulei prazer, com todas as suas sutilezas e valores, de que maneira posso morrer para esse prazer, bani-lo, não parceladamente, porém totalmente? Entendeis esta pergunta?

INTERROGANTE: Abandonando-o.

KRISHNAMURTI: Mas, quem sou eu para abandonar alguma coisa? Quem é que abandona?

INTERROGANTE: O criador desse hábito.

KRISHNAMURTI: Quem é esse criador? Ele é a própria essência do prazer. Vós não escutais a vós mesmo ao dizerdes as coisas, não aprendeis *daquilo* que estais dizendo. Dizeis "abandonar". Quem é que pode abandonar? A *imagem,* que é a essência do prazer, diz: "Abandonarei aquele prazer porque desejo outro maior, ou seja a compreensão do desconhecido." Antes, era o brinquedo, a casa, a esposa, o sexo, a família, a nação; e agora que vos tornastes mais velho, um pouco senil e enfarado de tudo, dizeis: "Bem, vou abandonar isso para *alcançar* o desconhecido."

Não, senhores, não estais aprendendo. Não estais aprendendo de vossa própria observação. Por favor, escutai-me, apenas. Sei de todas as perguntas que gostaríeis de fazer. Já falei uma hora inteira, desculpai-me, e não desejo ser o único a falar; mas tende a bondade de escutar, quietamente, o que se está dizendo.

Como posso eu, que tanto prazer acumulei e, por conseguinte, tantas dores atraí — como posso morrer para tudo isso, deixá-lo desaparecer? Em primeiro lugar, por que devo fazê-lo? Por que devo abandonar o meu prazer? É porque alguém me disse que o prazer gera a dor? Ou percebo, por mim mesmo, o significado, a natureza, a estrutura do prazer? Perceber a natureza do prazer é como perceber a natureza de uma árvore, e como cresce ela. A gente não vê isso verbalmente, como uma idéia, porém "vive com isso", realmente. Não estamos aceitando ou rejeitando o prazer, nem pensando nele, ou afastando-o de nós. Nenhuma ação positiva se está verificando: estamos simplesmente a *olhá-lo.* Olhamos a lembrança do prazer, totalmente, tranqüilamente, sem nenhum movimento por parte da mente. Compreendeis?

Senhores, quando olhais aquela montanha, se a olhais muito quietamente, ela vos dirá uma infinidade de coisas. Olhais então com mais penetração, sentis sua natureza, percebeis a beleza de seu altaneiro cume e de suas linhas ondulantes. Mas, se vossa mente está a tagarelar, a pedir, a exigir, a "empurrar" — sabeis de tudo o que ela faz — nesse caso, não estais *olhando.*

Assim, para compreenderdes o passado e, por conseguinte, dele vos libertardes, deveis conhecer a natureza, a estrutura, o inteiro significado do prazer. Observar, estar cônscio do prazer, não é dizer: "Conservarei este prazer e jogarei fora aquele outro." Observai, simplesmente, a sua total estrutura. Vereis, então, que o prazer já nenhum significado tem. Deveis lembrar-vos de certas coisas, mas o prazer nada tem que ver com elas, e, por conseguinte, morreis para as coisas que vos deleitaram. Necessitais de uma certa soma de conhecimentos técnicos, e talvez tenhais de acrescentar-lhes mais conhecimentos; mas essa acumulação de conhecimentos não vos dá prazer, ainda que o conhecimento técnico possa ser utilizado como fonte de prazer. Para a mente que, vigilante, está cônscia de si própria, de suas atividades, há o autoconhecimento, e o autoconhecimento é o começo da sabedoria. O autoconhecimento traz liberdade; e quando estamos libertados do conhecimento, que é a verdadeira imagem do prazer, entra então a mente num estado bem diferente, numa nova dimensão.

27 de julho de 1965.

A QUESTÃO DA DETERIORAÇÃO

(SAANEN — IX)

JÁ TIVEMOS oito palestras aqui neste pavilhão, este ano, e nelas tratamos de vários pontos relativos ao pensamento, ao sentimento, à ação do homem; e percebemos a necessidade de uma total mutação da mente humana. Parece-me que a maioria de nós não percebe quanto é importante penetrar, cautelosa, persistente e seriamente, nesta questão da mutação total, em vez de se fazer um esforço positivo para desenvolver uma atividade de determinada espécie. A mente vem sendo fortemente condicionada há milênios; e existe alguma possibilidade de rompermos esse condicionamento e encontrarmos uma maneira de viver totalmente diferente, uma maneira de viver isenta de conflito, de sofrimento, na qual hajam cessado definitivamente todas as aflições de que se tornaram herdeiros os seres humanos? Por certo, devemos investigar se há possibilidade de termos uma mente vigorosa, uma mente nova, lúcida, forte, sã, racional, uma mente capaz de funcionar nas diferentes fases de nosso viver diário — família, emprego, assiduidade ao escritório — consideradas como um todo integral, e não como uma série de problemas fracionários.

Já examinamos mais ou menos tudo isso, considerando de cada vez pontos diferentes; e nesta manhã desejo, se me permitis, considerar junto convosco a questão da deterioração. Pode-se ver que tudo neste mundo — artística, política, moralmente — está indo por água abaixo. Sei que ao tornar-nos mais velhos, tendemos a comparar as condições atuais com as que conhecemos quando mais jovens, e deploramos o presente por causa de algo que fruímos no passado; mas não é sobre isso que pretendo falar. Se observamos bem, podemos perce-

ber a existência, em todo o mundo, de muita deterioração, não numa dada esfera em particular, porém em todos os setores da atividade humana, tanto individual como coletiva. Afinal de contas, cada ente humano está relacionado com todos os outros entes humanos. Conscientemente, o indivíduo poderá separar-se dos demais, porém inconscientemente, profundamente, e está em relação com a totalidade. Vosso sofrer, vossas aflições, vossas ansiedades são, essencialmente, as mesmas que as do homem que vive nos mais remotos lugares. E estando, como de fato estamos, tão totalmente relacionados, tão sujeitos às influências da propaganda, da sugestão, da literatura, de tantos meios de persuasão e de dissuasão — existe para nós, como seres humanos, alguma possibilidade de percebermos em nós mesmos o fato da deterioração, e pôr-lhe fim?

Há, inevitavelmente, a deterioração física, o processo natural do envelhecer; o organismo, mesmo se dele se faz uso correto, gasta-se gradualmente; mas, há necessidade de deteriorar o coração e a mente do homem? E visto que, no que respeita à maioria de nós, eles *de fato* se deterioram, é possível compreendermos e pormos fim a tal deterioração? O mero revoltar-se contra a sociedade é uma forma de deterioração; e o aceitar a norma da sociedade, o submeter-se, o ajustar-se ao padrão da esquerda, da direita ou do centro, é também uma forma de deterioração. Se estamos observando, por pouco que seja, os sucessos humanos, o que está acontecendo na literatura, na estética, na moral, sabemos que em todas as várias expressões do homem, a não ser talvez no setor científico, está grassando inaudita deterioração. E como cada um de nós faz parte da estrutura total, devemos descobrir por nós mesmos se alguma possibilidade existe de sustarmos essa deterioração e, assim, nos libertarmos do sofrimento. É sobre isso que desejo falar nesta manhã.

Ora, há duas maneiras de escutar o que se diz. Ou ouvis apenas as palavras e, traduzindo-as conforme o próprio condicionamento, *agis* (se porventura vos agrada o que ouvis dizer); ou escutais totalmente, sem aceitar, sem rejeitar o que ouvis. Quando escutais totalmente uma coisa, a escutais do mesmo modo como escutais o rolar daquele rio. O murmurar do rio é um fato, e, no escutá-lo, não há aceitação nem rejeição. Para ouvirdes dessa maneira o que se diz, deveis, figuradamente falando, fechar os olhos e *escutar* apenas com os ouvidos. Quando escutais de olhos fechados — por favor,

não me tomeis ao pé da letra, mas ficai escutando tranqüilamente o que estou dizendo — escutais então com muito mais atenção. Se, ao escutardes o som daquele rio, ou a algazarra dos meninos atrás do pavilhão, escutardes com os ouvidos e não vos voltardes para olhar com os olhos — escutais então muito mais atentamente, porque todo o vosso sistema nervoso está em repouso, sem nenhuma tensão. Escutais, simplesmente.

Assim, nesta manhã, desejo salientar-vos, como tenho salientado em quase todas as manhãs, que o ato de escutar em si deve ser uma ação total. O que se requer não é ação fragmentária, ação moldada por uma fórmula e executada pela vontade, porém ação total; porque é a ação total que põe fim a toda deterioração.

Ora, por que nos deterioramos? Por que declinamos, nos tornamos embotados, insensíveis, desatentos, incapazes de perceber alguma coisa? Por que ficamos sob a tirania das fórmulas, das idéias, dos credos e dogmas e padrões de pensamento de há muito prevalescentes? Quando somos muito jovens, nossa mente tem uma certa penetração, uma certa clareza e espontaneidade; vemos as coisas de maneira diferente. Há um impulso à revolta, a não aceitar as coisas como estão. Mas, em nos tornando mais velhos, a mente se embota, o coração se cansa. Não só fisicamente, mas também emocional e mentalmente, perdemos aquele atributo de inocência, clareza, frescor, vitalidade. Por quê? Não sei se já fizemos a nós esta pergunta. Se já a fizemos, provavelmente a fizemos apenas superficialmente e falta-nos tempo, ou inclinação, ou energia para entrarmos em contato com o problema e examinarmos a pleno. Mas, nesta manhã, nós vamos examiná-lo com honestidade e certa profundeza; e para podermos penetrar profundamente em alguma coisa, necessitamos de energia, de apaixonada intensidade. Não podemos sentar-nos e limitar-nos a aceitar ou a discutir a respeito de uma certa coisa; isso é mais do que óbvio. Temos de "atracar-nos" com a coisa, não apenas verbal ou intelectualmente, porém realmente, como se deve fazer com um problema vital que cada um de nós tem de resolver.

Quando estais a passar fome e sem emprego, ou em qualquer outra situação de crise direta e intensa, não podeis fugir dela, porém tendes de enfrentá-la. Para poderdes enfrentar qualquer problema vital, necessitais de energia, necessitais de paixão; e à maioria de nós parece ser uma das coisas mais difíceis despertar a paixão ou a energia. Não se obtém

paixão ou energia pela mera análise do problema. Obtém-se energia pela ação, pelo agir. Não é "primeiro obter energia e depois agir". Mas, com efeito, tendes paixão, tendes a clareza da energia, quando estais *agindo* — e não quando estais meramente a especular a respeito da causa da deterioração. Quando a mente se põe em campo para descobrir por si mesma a causa da deterioração, tendes então energia.

Ora, qual é a causa da deterioração que se verifica não apenas em cada ente humano, mas também no grupo, na família, na sociedade? Como é que se descobre a causa de alguma coisa, sem análise e investigação em demasia, que é também desperdício de tempo e de energia?

Espero estar-me expressando com clareza. Desejo averiguar por que existe a deterioração interior. É possível perceber, num relance, toda a estrutura da deterioração, ou é necessário executar uma longa série de análise e exames, indagando, sondando, estudando, investigando? Decerto, o mero investigar, sondar, estudar, analisar é desperdício de energia. Acho possível perceber, cada um por si, a natureza da deterioração — percebê-la totalmente e não apenas parcial ou intelectualmente; mas, se fordes criar uma idéia sobre por que declinamos, essa idéia se tornará predominante; e tentar batalhar contra ela é também destruir energia. Não sei se estais seguindo.

O que estou perguntando é isto: É possível perceber a causa total da deterioração humana não apenas física ou fragmentariamente, porém completamente — vê-la sem análise, sem necessitar de tempo? Porque, conforme disse noutras ocasiões, o tempo gera desordem. Acho que isso já está bem claro, e não desejo agora tratar deste assunto. Quanto aos que aqui se acham pela primeira vez, sinto muito, mas nada posso fazer. Tudo aquilo que envolve tempo psicológico é causador de desordem, seja desordem moral, seja física ou conceptual; e a desordem é um dos fatores de deterioração. Todos os conceitos causam desordem; por conseguinte, não devo apegar-me a nenhum conceito, porém perceber a total estrutura da deterioração. E devo percebê-la *imediatamente;* do contrário, se para percebê-la necessito de tempo, este dissipará energia.

Pois bem. Que é que causa em nós a deterioração, que também é desordem? Que é que causa em vós e em mim a desordem e, por conseguinte, a deterioração? Feita esta per-

gunta, devo ver imediatamente a resposta total. Não disponho de nenhum amanhã; porque o ver a resposta amanhã, ou daqui a uma hora, causa maior desordem e outras maneiras de dissipar energia. Portanto, devo descobrir a resposta no mesmo instante em que faço a pergunta. Entendeis? No momento em que faço esta pergunta a mim mesmo, devo ver imediatamente a resposta total. O apreender a resposta imediata e urgentemente é paixão e, por conseguinte, energia.

Estou, pois, a fazer-vos esta pergunta — que é uma pergunta fundamental. Não é coisa a que possais furtar-vos; a ela tendes de responder por vós mesmos. A estrutura total da deterioração é a atividade egocêntrica do ente humano. Poderá ele expandir sua atividade, graças a seus conhecimentos, prestando serviços sociais, tentando criar uma boa sociedade; mas se, consciente ou inconscientemente, ele está em busca de fama, prestígio, posição, ou se a qualquer outro respeito sua atividade é egocêntrica, ela gera desordem e, por conseqüência, deterioração.

Vede, por favor, que, conforme expliquei, estais ouvindo com vossos ouvidos, e não com vossos olhos. Estais escutando não com o fim de concordar ou de discordar, porém com o fim de verificar se o que o orador está dizendo é, em si, verdadeiro ou falso. Ouvindo o murmúrio daquele rio, não estais escutando com vossos olhos, não estais escutando parcial ou indiferentemente. Estais escutando totalmente, com vossos ouvidos, com vosso ser inteiro; dessa maneira deveis escutar o que se está dizendo. Diz o orador que a deterioração se verifica, que a desordem se torna existente, quando há automelhoramento ou auto-expansão, ou seja uma atividade egocêntrica, que poderá ser desenvolvida em boas obras, aquisição de conhecimentos, identificação com algo maior do que nós, seja a nação, a comunidade, a família, seja uma crença organizada, com o nome de religião.

Toda forma de identificação com algo que consideramos maior do que nós é ainda uma busca de prazer e, por conseguinte, gera desordem, deterioração. Percebo que isso é um fato. Pergunto então a mim mesmo: "Como poderá terminar esta desordem?" Compreendeis? Minha necessidade é que a mente se torne juvenil, nova, viva, "inocente", ativa, sem gerar desordem. E como pode terminar a desordem? Ela não pode terminar enquanto o "centro do eu", que se baseia no prazer, estiver a dizer: "Devo pôr fim à desordem, porque,

assim fazendo, alcançarei maior prazer." Percebeis o que quero dizer? Identifico-me com a ordem, que me dá mais prazer e, por conseguinte, desejo extinguir a desordem; mas, no desejo de alcançar a ordem, há esforço, luta, dor, determinação, etc. e tudo isso gera mais desordem.

Cumpre, pois, achar uma maneira; mas "uma maneira" não significa um método, porque método implica continuidade e, portanto, desordem. Ora, deve haver, não uma "maneira", porém um "catalisador" capaz de acabar de imediato com essa atividade egocêntrica, geradora de desordem e de deterioração. Toda atividade egocêntrica baseia-se no prazer; e o prazer, como disse há dias, é um verdadeiro gerador de sofrimento e de dor. Alegria é uma coisa, e prazer outra coisa. Ontem foi um lindo dia. Um céu límpido e intensamente azul, todas as árvores, todas as folhas de capim, todas as flores do campo cheias de luz e de alegria. Tudo isso a gente vê, palpitante de sentimento e de júbilo. Mas, quando essa exaltação se traduz em prazer e digo: "Queria que hoje fosse como o dia de ontem, pois assim teria mais alegria, mais prazer" — aí começa a dor.

Há, pois, uma alegria natural, espontânea, sadia, imediata; mas, quando essa alegria é traduzida pela memória em prazer e surge a exigência de sua continuidade (a qual gera o movimento de evitar a dor), há então sofrimento. Percebo agora todo esse processo e percebo, também, que ele deve terminar — porém não porque eu deseje alguma coisa mais, não porque deseje maior prazer. Ele deve terminar porque é natural termos uma mente lúcida, uma mente juvenil, sadia, racional, equilibrada, forte. Ao perceber essa verdade, que acontece?

O pensamento é coisa do tempo. O pensamento, como dele nos servimos, para livrar-nos de alguma coisa de que não gostamos, está baseado numa idéia — e essa idéia é a da continuidade do prazer; por conseguinte, o pensamento diz: "Devo pôr termo à deterioração." Mas, quando o pensamento intervém para pôr fim à deterioração, o que ele faz é aumentar a confusão.

Isso exige muita clareza, e não sei se o estou tornando realmente claro.

Vede, temos o pensamento como o único meio de darmos continuidade ou fim a alguma coisa. E o pensamento é a

"reação" do passado, da experiência, na forma de memória. Assim, quando o pensamento intervém para extinguir a deterioração, o que faz é apenas intensificá-la.

Escutai atentamente o que estou dizendo. Não se trata de concordar com o orador.

Estamos acostumados com o pensamento porque o pensamento é o único instrumento de que dispomos. E percebo que, quando faço uso do pensamento, com suas manhas, suas idéias, suas atividades, sua determinação, suas esquivanças, resistência, fugas — como meio de pôr fim à deterioração, ele só cria mais desordem, mais deterioração. Por conseguinte, deve haver alguma maneira de deter o pensamento.

Estais-me acompanhando? Estou falando muito objetivamente. O que estou dizendo não é *nenhuma fantasia* oriental ou *mística*. Não é nenhuma idéia fantástica que o orador deseja impingir-vos. Ele se está referindo a dois fatos: um é a deterioração e o outro é a necessidade de fazê-la terminar. E vos está também *apontando que nos utilizamos* do pensamento neste mesmo sentido, porque o pensamento é tudo o que possuímos. Exercemos o pensamento de muitas e sagazes maneiras, esperando que assim o faremos cessar: pelo fugir, pelo *dizer "Eu sou a alma*, sou o *Atman*, o EU Superior" — e demais banalidades. Ou fugimos, servindo-nos do pensamento para identificar-nos com uma crença, uma idéia que chamamos "Deus", ou com um país, a ideologia de um partido, etc. Destas e de outras maneiras nos temos utilizado do pensamento para pormos fim à deterioração. E percebo agora claramente, não por dedução lógica, mas como um *fato*, que, quando o pensamento interfere, de qualquer maneira que seja, o que faz é apenas aumentar a deterioração. Isso, para mim, é uma coisa tão real como aquele rio que ali corre, murmurante e contente. O pensamento, quando desafiado, tem de funcionar clara, racional, lógica, sã, equilibradamente. Mas existe o fato essencial, ou seja a deterioração humana, em que o pensamento não pode intervir e, quando o faz, torna maior a deterioração. A mente, pois, tem de descobrir como pôr fim ao pensamento; mas isso não significa tornar-se vaga, como que "em branco", nem mergulhar em alguma fantasia mística, absurda. O pensamento é a reação do passado e se baseia numa *imagem* que é, essencialmente, de prazer e de fuga à dor; e se esse princípio do prazer trata de sustar a deterioração, sua ação só produz mais deterioração. Deve, pois, a mente des-

cobrir, por si própria, como pôr fim ao pensamento, em relação à deterioração. Contudo, o indivíduo deve estar sempre "carregado" de energia, na forma de pensamento, para desempenhar as funções de seu emprego, etc. Assim, não estou a dizer-vos que deveis deter o pensamento no viver de cada dia. O que digo é que o pensamento deve terminar completamente quando se trata de enfrentar o problema fundamental.

A mente, por conseguinte, deve descobrir o que é "estar em silêncio". Só quando o pensamento termina, há silêncio. Quando estais a escutar sem resistência a correnteza daquele rio ou o barulho daqueles meninos a jogar futebol, e não existe aquele "princípio de prazer" como pensamento, estais então escutando em silêncio, não é verdade? Escutai, totalmente, aquele rio. Não resistais, a fim de ouvirdes o que o orador está dizendo, que, por ora, é desinteressante. Estais *escutando* totalmente o rio, por conseguinte estais atentos com todo o vosso ser; não há forçar a mente a concentrar-se. E, se vos achais totalmente atentos sem resistir, sem forçar, não estais escutando em silêncio total? Para estarmos em silêncio, necessitamos de liberdade; e, para termos liberdade precisamos de espaço interior.

Há, pois, o fato que é a deterioração, e também o fato de que há inumeráveis séculos o homem se vem servindo do pensamento como meio de pôr fim à deterioração — do pensamento, que é vontade, resistência, abtenção, esquivança, fuga. Mas, acabamos de descobrir que o pensamento não extingue a deterioração e, por conseguinte, estamos a interrogar-nos: "É possível a mente tornar-se completamente quieta, totalmente silenciosa?" Porque o silêncio total significa total renovação. A mente está inteiramente tranqüila, silenciosa, porém não em virtude da determinação, do querer, do desejo de prazer e de evitar a dor. É uma serenidade total, de que está ausente o pensamento. O pensamento é produto do tempo e, por conseguinte, essa quietude não vem do tempo. E estando a mente tranqüila, completamente livre do pensamento, existe dentro dela um espaço imenso, sem nenhum centro *criador* de espaço.

Pois bem. Tudo isso exige muita clareza de percepção, de audição, uma disciplina espontânea. Quando estais a escutar aquele rio, atentamente, completamente, sem nenhuma resistência; quando não estais a resistir aos gritos daqueles meninos que estão jogando futebol; quando estais escutando com-

pletamente cada som, sem opordes nenhuma espécie de resistência, então esse escutar, em si, é uma disciplina em que não existe submissão, ajustamento a padrão, porque vossa mente se acha vigilante, todo o vosso ser intensamente vivo e, portanto, silencioso. Mas a disciplina que ordinariamente praticamos se baseia na submissão e, por essa razão, é desordem total.

Para encontrar esse silêncio, a mente precisa ser sensível no mais alto grau, viva, ativa; e, quando ele existe, não há, absolutamente, deterioração.

Mas, é necessário compreender que, se esse silêncio existiu alguma vez, a mente anseia pela sua repetição. A mente, como sabeis, está acostumada com o prazer e deseja sempre mais prazer; por conseguinte, ela se domina, se controla, esperando obter assim a continuidade do prazer. A meu ver, o domínio da mente, a concentração controlada é outro fator de deterioração; mas isso não significa que cada um pode fazer o que bem entende, deitar-se no chão a fumar ou tirar os sapatos numa sala de visitas. É necessário compreender, por inteiro, a natureza do controle e por que a mente está constantemente a querer controlar a si própria ou ser controlada; por que deseja empenhar-se numa atividade que a absorva totalmente, ou ocupar-se tão completamente com alguma coisa, que se esqueça de si mesma. É necessário compreendermos tudo isso, para termos a possibilidade de compreender a natureza do controle e da concentração. Se experimentais um momento desse silêncio, desejais que ele continue e tratais de atormentar-vos com disciplinas a fim de o reaverdes. Desejamos que toda experiência de prazer continue e se intensifique, e na esperança de a reavermos, somos capazes de fazer qualquer coisa, como tomar uma droga ou impor a nós mesmos alguma austera, severa disciplina. Mas, esse silêncio não tem continuidade; o que tem continuidade é a atividade egocêntrica do prazer, ditada pelo pensamento.

Esse silêncio, pois, não pode ser cultivado; não pode ser alcançado por meio de nenhum sistema de meditação, de nenhum método ou fórmula. Podeis sentar-vos de pernas cruzadas, respirar de diferentes maneiras, ficar de pé apoiado sobre o dedo grande do pé, ou qualquer coisa que quiserdes fazer, mas nunca o tereis; porque esse silêncio exige profunda compreensão da vida e não fuga à vida. Exige uma sensibilidade extraordinária de todo o nosso ser — coração, espírito, corpo.

Por conseguinte, vossa maneira de viver é de imensa importância — o que comeis, *tudo* se torna intensamente importante. Enquanto o indivíduo é escravo da sociedade, enquanto é ávido, invejoso, ambicioso, sequioso de prazer, de prestígio, de posição funcional — enquanto não está livre de tudo isso, não pode haver renovação, frescor, rejuvenescimento, silêncio, liberdade e, deste modo, não pode haver espaço para a criação.

INTERROGANTE: Enquanto estou aqui a escutar-vos, pareço compreender, mas, fora daqui, não compreendo, embora me esforce por aplicar o que estivestes dizendo.

KRISHNAMURTI: Espero que não me considereis rude, mas deixai-me dizer-vos que não me estais escutando. Aí é que está o erro. Que está dizendo o orador? Está simplesmente apontando certas coisas. Este orador é *vós mesmo* a pensar em voz alta. Compreendei, pelo amor de Deus, este fato tão simples! Estais escutando a vós mesmo e não ao orador. Se estais escutando o orador, ele se torna vosso guia, vosso "caminho da compreensão" — e isso é uma coisa horrorosa, uma abominação, porque é assim que se estabelece a hierarquia da autoridade. Portanto, o que aqui fazeis é escutar-vos. Olhais o retrato que o orador está pintando, que é *vosso próprio retrato,* e não o retrato do orador. Se isto está claro, isto é, se estais a olhar para vós mesmo, podeis então dizer: "Está bem, vejo-me como *sou,* e nada desejo fazer a esse respeito" — e está acabado! Mas, se dizeis: "Vejo-me como sou, e acho necessária uma mudança" — nesse caso, começais a trabalhar com vossa própria compreensão — coisa muito diferente de aplicar o que o orador está dizendo. Se desejais trabalhar diligentemente, tratai de fazê-lo; senão, isso é de vossa própria conta. Mas, tendes de criar um mundo novo, uma nova sociedade, um novo grupo humano, e não o podeis fazer dizendo: "Escutei o que o orador disse e desejo saber como aplicá-lo." Estais escutando, não ao orador, porém a vós mesmo; e podeis escutar-vos distraidamente, indiferentemente, curiosamente — ou atentamente. Se estais verdadeiramente atento, tendes então a necessária energia, a necessária paixão, para continuardes a escutar-vos; e é só isso o que tendes de fazer. Escutar a vós mesmo significa não opor resistência ao que estais escutando. Não há comparar, não há dizer: "Isto é bom e aquilo mau", ou "Desejo ser isto

e não aquilo" — todos esses absurdos desapareceram. Em virtude dessa paixão e energia há ação — a "coisa total" (paixão *mais* energia) é ação. Não digais: "Depois de escutar o que o orador disse, quero aplicá-lo." Não podeis aplicar o que estais escutando; se o fazeis, obtendes um resultado sem valor, pueril. Mas se, enquanto o orador fala, estais a escutar-vos, então desse escutar resulta clareza, resulta sensibilidade; em virtude desse escutar, a mente se torna sadia, vigorosa. Sem obediência, nem resistência, ela se torna viva, intensa; e só então é capaz o ente humano de criar uma nova geração, um mundo novo.

INTERROGANTE: Se compreendermos o que dizeis, não haverá liberdade?

KRISHNAMURTI: Minha senhora, não se trata de compreenderdes o que quer que eu digo, porém de compreenderdes a vós mesma. O vosso EU é uma coisa viva, um movimento, nunca é o mesmo, mas ativo, empreendedor, propulsor, mutável, jamais constante. Para olhar esse EU, penetrá-lo, compreendê-lo, vossa mente deve também ser fluida; mas não pode ser fluida se existe um padrão de acordo com o qual está funcionando. O ciúme, a inveja, a avidez, a ambição, o desejo de grandeza, de preenchimento, de evitar o desespero — todas essas coisas se relacionam entre si, e essa relação é criada pelo centro, o EU. O centro é memória com seus ajustamentos, suas imagens; e esse centro, consciente ou inconscientemente, está sempre a buscar prazer e, por conseguinte, criando dor. É o que realmente estais fazendo, é o que realmente se passa em cada um de nós. Sendo assim, não estais compreendendo *a mim*. O orador é apenas uma "caixa de ressonância", inteiramente sem importância. Ele vos está indicando como deveis escutar a vós mesma; e se o souberdes fazer, podeis iniciar uma viagem eterna, uma viagem que vos levará mais alto e mais longe do que Marte. Dessa compreensão própria nasce a ordem, a virtude, a cessação do conflito; e, nesse estado, encontra-se uma grande beleza.

29 de julho de 1965.

A ESSÊNCIA DA VIDA

(SAANEN — X)

DESEJO HOJE examinar um assunto que considero importantíssimo. Até agora, temos apreciado vários lados, aspectos ou fragmentos de uma vida total. Mas, muito mais importante — eu, pelo menos, o acho — é penetrarmos a essência dessa totalidade, do que ficarmos a considerar atividades periféricas. Até aqui, estivemos considerando as atividades que se desenrolam nas fronteiras de nosso pensar e sentir, e as várias atividades pertinentes à nossa vida diária. Mas, parece-me de suma importância descobrir a *essência* da vida, para, daí, atuarmos. Entretanto, antes de entrarmos nesta questão, devemos dissipar a enorme confusão decorrente da "verbalização". Muitas palavras e símbolos estão impregnados de superstição, de tradição e, infelizmente, temos de empregar certas palavras "carregadas" do simbolismo cristão, hinduísta, etc. A palavra não *é* a coisa, o símbolo não é a essência, a verdade. Seria muito de lamentar se ficássemos enredados em simbolismos, em palavras, porque o símbolo, a palavra, jamais é o real. Quando a palavra ou o símbolo se tornam importantes, a realidade desapareceu, deixou de ter substância, validade.

Nesta manhã, vamos descobrir por nós mesmos a essência, a verdade, sem nos deixarmos enredar no símbolo ou na palavra. Para alcançarmos aquela realidade que não pode ser apreendida por meio de palavras ou símbolos, é claro que devemos banir do espírito o significado tradicional, as ilações religiosas de certas palavras. Há séculos busca o homem algo de superior a si próprio, algo que lhe servisse de meio de fuga a este mundo horroroso, tirânico, cheio de sofrimento, que o compensasse de sua existência dolorosa, lastimável, confusa. Para podermos viver neste mundo o mais equilibradamente possível,

vós e eu criamos, por causa de nosso medo, de nossa angústia, uma imagem, um Deus pessoal, uma força super-humana, que supomos agir como princípio diretor de nossa conduta. No Oriente essa imagem difere um tanto da do Ocidente, mas, em toda a parte, ela é uma criação da mente humana. Nada tem de sagrado. Nada há de sagrado nos rituais do Ocidente ou do Oriente, elaborados que foram pelo homem, no seu desespero, sua tortura, seu medo, sua ansiedade; e o que nasce do medo, da ansiedade, nunca conduzirá o homem à Verdade. Seus rituais, seus símbolos, suas preces poderão entretê-lo, estimulá-lo, dar-lhe uma certa inspiração, um certo sentimento de bem-estar; mas, atrás delas, nenhuma verdade existe, absolutamente, porque criadas pelo ente humano em sua imensa agonia.

O homem sempre *buscou,* e aparentemente *achou;* por conseguinte, vamos agora examinar estas duas palavras: "buscar" e "achar". Nós buscamos em virtude de nossa própria confusão. Buscamos algo permanente porque vemos que tudo o que nos rodeia é impermanente. Buscamos um amor espiritual, um conforto celestial, uma Divina Providência, porque dentro em nós existe tanta confusão, e sofrimento, e agonia. Por outras palavras, nós buscamos no meio do caos, e o que achamos nasce desse caos. Este fato, pois, precisa ser compreendido, isto é, que *buscar* e *achar* não só é um desperdício de energia, senão também um verdadeiro obstáculo, uma coisa perniciosa.

Podeis não concordar com o que se está dizendo, mas notai, por favor, que não estamos tratando de algo com que se pode concordar ou de que se pode discordar. Estamos investigando uma coisa que exige grande soma de energia, alta sensibilidade, intenso percebimento e atenção. Isso significa que, para descobrir, temos de varrer *tudo*: todas as asserções, e dogmas, e sanções. As religiões, em todo o mundo, estabeleceram certas fórmulas, certos métodos e tradições, que mandam observar a fim de se poder *descobrir*. O homem sempre andou a buscar, na esperança de encontrar algo original, algo superior à sua imaginação, à sua vaidade: Deus, um Ser Supremo, uma Essência Divina, que o guiará, ajudará, confortará. Mas, atrás dessa ânsia de conforto, encontra-se aquele vasto "reservatório" da ignorância do homem acerca de si mesmo, da causa de seus desesperos e de seu perene ansiar por algo de permanente.

Se uma pessoa é um tanto inteligente ou desperta, e se acha insatisfeita com este mundo transitório, deseja algo que seja permanente e, por conseguinte, está sempre a buscar — filiando-se a um certo movimento, ligando-se a um certo partido ou atividade, etc. Nessa busca, está sempre ativa. Mas, tal busca conduz, invariavelmente, a um fim preestabelecido. O que se deseja é conforto, permanência, um estado de espírito sempre isento de perturbação, o qual chamamos "paz"; e o que se busca poderá ser achado, mas nunca será o real, nunca será a Verdade.

Assim, a mente que deseja descobrir o real, a Verdade, deve deter essa busca, essa ânsia de achar. Vendo-nos confusos, ansiosos, infelizes, oprimidos pelo sofrimento, buscamos conforto fora de nós mesmos — nos livros, nos instrutores, nos *gurus,* nos salvadores, nas religiões organizadas; e, encontrando um certo conforto, uma certa segurança, a isso nos apegamos com todas as forças. Mas, esse buscar e esse achar têm por resultado invariável a deterioração da mente; porque a mente deve manter-se sobremodo ativa, sensível, desperta, vitalmente enérgica. Assim, pôr fim ao buscar e ao achar significa eliminar o sofrimento, porque a mente está então a revelar-se a si própria, a compreender-se, sendo essa a verdadeira essência da atividade religiosa.

Se não conhecemos nós mesmos, a mera busca só pode gerar ilusões. Os entes humanos desejam mais e mais experiência. Todos desejamos mais experiência — não só a "experiência" de uma viagem a Marte ou do descobrimento de novas galáxias, mas desejamos também mais experiência interiormente, porque a experiência de nosso viver diário já nada significa. Temos tido experiências sexuais, e esse prazer, repetido dia por dia, se tornou um tanto monótono, entendiante e, por conseguinte, desejamos outra forma de experiência, uma certa atividade social nova. Queremos os louvores da comunidade, tornar-nos mundialmente famosos, queremos prestígio, posição em virtude de nossas funções. E é por causa desse desejo de mais experiências que recorremos a drogas, como L. S. D., que tornam a mente mais sensível, mais ativa, e, dessa maneira, nos proporcionam experiências mais amplas, mais profundas, mais intensas.

Peço-vos noteis, como disse outro dia, que este orador não é importante; mas o que ele diz *é* importante, porquanto o que está dizendo é a voz do vosso próprio EU a pensar em voz alta.

Através das palavras que o orador está empregando, estais escutando a vós mesmos e não ao orador; por essa razão é da máxima importância o escutar. Escutar é aprender, e não acumular. Se acumulais conhecimentos e escutais com essa acumulação, com vosso fundo de saber, não estais escutando. Só *escutando,* podeis aprender. Estais aprendendo a respeito de vós mesmos, e, por conseguinte, deveis escutar com zelo, com extraordinária atenção; e a atenção é negada quando justificais, condenais ou de outro modo avaliais o que ouvis. Não estais então escutando, não estais percebendo, vendo.

Se vos sentais à margem de um rio após uma tempestade, vedes a corrente passar carregando enorme quantidade de destroços. De modo idêntico, deveis observar o movimento de vosso Eu, acompanhando cada pensamento, cada sentimento, cada intenção, cada motivo — observá-lo, simplesmente. Esse obervar é também escutar. É perceber com os olhos, os ouvidos, com vosso discernimento, todos os valores criados pelos entes humanos, e pelos quais vos achais condicionados; e só esse estado de total percebimento pode pôr fim a toda busca.

Como disse, buscar e achar é desperdício de energia. Quando a própria mente está no escuro, confusa, assustada, aflita, ansiosa, que bem lhe faz o buscar? Dentro desse caos, que se pode achar senão mais caos? Mas, quando há clareza interior, quando a mente não está temerosa, a exigir segurança, então não há mais buscar e, por conseguinte, não há mais achar. Ver a Deus, ver a Verdade não constitui um ato religioso. O único ato religioso é o alcançar essa clareza interior mediante autoconhecimento, isto é, pelo estarmos cônscios de nossos íntimos e secretos desejos, deixando-os revelar-se, sem nunca corrigi-los, controlá-los ou a eles nos entregarmos, porém sempre atentos a eles. Desse constante observar vem uma maravilhosa clareza e sensibilidade, uma extraordinária conservação da energia; e nós necessitamos de uma energia imensa, porque toda ação é energia, a própria vida é energia. Quando estamos aflitos, ansiosos, a disputar, a ter ciúmes, quando estamos temerosos quando nos sentimos insultados ou lisonjeados — tudo isso é dissipação de energia. Dissipação de energia é também estarmos doentes física ou espiritualmente. Tudo o que fazemos, pensamos e sentimos constitui um derrame de energia. Ora, ou devemos compreender a dissipação da energia, pois em virtude dessa compreensão há um natural ajuntamento de toda a nossa energia; ou passaremos nossa vida a lutar para

conciliar as múltiplas e contraditórias manifestações da energia, contando que da periferia poderemos alcançar a essência.

A essência da religião é o *Sagrado* — que nenhuma relação tem com as organizações religiosas, nem com a mente que está senhoreada e condicionada por uma crença, um dogma. Para essa mente, nada há de sagrado senão o Deus que ela própria criou, ou o ritual que elaborou, ou as várias sensações que lhe vêm do orar, do adorar, da devoção. Mas, essas coisas não são sagradas, absolutamente. Nada há de sagrado no dogmatismo, no ritualismo, no sentimentalismo ou emocionalismo. O Sagrado é a essência mesma da mente religiosa; é o que vamos investigar nesta manhã. Não nos interessa nada do que se supõe sagrado — o símbolo, a palavra, a pessoa, o retrato, uma dada experiência — que são puras infantilidades; o que nos interessa é a essência. Isso requer, da parte de cada um de nós, uma compreensão nascida do percebimento, em primeiro lugar, das coisas exteriores. A mente não pode ser levada pela maré do percebimento interior, sem primeiro estar cônscia do comportamento exterior, dos gestos externos, dos costumes, das formas, do tamanho e da cor de uma árvore, da aparência de uma pessoa, de uma casa. É a mesma maré que "sai" e que "entra", e a menos que conheçais a "maré externa", nunca sabereis o que é a "maré interna".

Prestai atenção. A maioria de nós pensa que o percebimento é uma coisa misteriosa, que precisa ser praticada, e que é necessário nos reunirmos todos os dias para conversarmos sobre ele. Ora, dessa maneira não se alcança, de modo nenhum, o percebimento. Mas, se percebeis as coisas exteriores — a curva da estrada, a forma da árvore, a cor dos trajes de outra pessoa, os contornos das montanhas contra o céu azul, a delicadeza de uma flor, o sofrimento estampado no rosto de um passante, a ignorância, a inveja, os ciúmes de outros, beleza da Terra — se se percebem todas essas coisas exteriores, sem condenação, sem escolha, podeis ser levado pela maré do percebimento interior. Tornar-vos-eis, então, cônscios de vossas próprias reações, de vossa insignificância, vossos ciúmes. Pelo percebimento exterior, alcançareis o interior, mas, se não estais cônscios do exterior, não tendes possibilidade de alcançar o interior.

Quando há o percebimento interior de cada atividade de vosso espírito e de vosso corpo; quando estais cônscios de vos-

sos pensamentos, de vossos sentimentos, tanto secretos como patentes, tanto conscientes como inconscientes, então, desse percebimento vem uma clareza que não é provocada, criada pela mente. E, sem essa clareza, podeis fazer o que quiserdes, rebuscar céus e terras e abismos, nunca descobrireis o verdadeiro.

Assim, o homem que deseja descobrir o verdadeiro necessita da sensibilidade do percebimento — o que não significa que ele deve *exercitar-se* para a percepção. Isso só conduz ao hábito, e o hábito é destrutivo de toda sensibilidade. *Todo* hábito — hábito sexual, hábito de beber, hábito de fumar, qualquer hábito — torna a mente insensível; e a mente insensível, além de dissipar energia, torna-se embotada. A mente embotada, superficial, condicionada, a mente vulgar, pode tomar uma droga e, por um segundo, ter uma experiência maravilhosa; mas continua a ser uma mente vulgar. Mas, aqui não estamos querendo descobrir um método de pôr fim à vulgaridade da mente.

Não se põe fim à vulgaridade pela obtenção de mais conhecimentos, mais erudição, pelo ouvir música sublime, pelo visitar os lugares pitorescos do mundo, etc., etc.; a cessação da vulgaridade nada tem que ver com isso. O que faz cessar a vulgaridade é a claridade do autoconhecimento, o movimento da mente livre de restrições; só essa é a mente religiosa.

A essência de religião é o Sagrado. Mas o Sagrado não se encontra em nenhuma igreja, em nenhum templo, nenhuma mesquita, nenhuma imagem. Estou falando sobre a *essência,* e não a respeito das coisas que chamamos sagradas. E, ao compreender-se essa essência da religião — o Sagrado — tem a vida então um significado inteiramente diferente; tudo então *tem* beleza, e a Beleza é o Sagrado. Beleza não é aquilo que nos dá estímulo. Ao verdes uma montanha, um edifício, um rio, um vale, uma flor, ou um rosto, dizeis que essa coisa é bela, porque por ela vos sentis estimulados. Mas a beleza a que me refiro nenhum estímulo oferece. Não é beleza que se pode encontrar em algum quadro, algum símbolo, algumas palavras, alguma música. Essa beleza é o Sagrado, a essência da mente religiosa, da mente esclarecida pelo autoconhecimento. Encontramo-nos com essa Beleza, não pelo desejar, pelo aspirar a tal experiência, porém somente quando terminou todo desejo de experiência; esta é uma das coisas mais difíceis de compreender.

Como já assinalei, a mente em busca de experiência está sempre a mover-se na periferia, e a tradução de cada experiência dependerá de vosso particular condicionamento. Se sois cristãos, budistas, muçulmanos, hinduístas, ou comunistas — o que quer que sejais — vossas experiências, obviamente, serão condicionadas conforme o vosso fundo mental; e quanto mais desejardes experiências, mais fortalecereis aquele *fundo*. Esse processo não é um meio de dissolver nem de terminar o sofrimento, porém, apenas, uma fuga ao sofrimento. A mente esclarecida pelo autoconhecimento, a mente que é a vera essência da clareza e da luz, de nenhuma experiência necessita. Ela é o que é.

A clareza, pois, vem do autoconhecimento e não da instrução ministrada por outro, seja um talentoso escritor, seja um psicólogo, um filósofo, .um pretenso instrutor religioso.

Como disse há dias, o Sagrado não pode existir sem o amor e a compreensão da morte. Uma das coisas mais maravilhosas da vida é o descobrimento de algo, inesperadamente, espontaneamente; encontrar-nos com uma coisa, sem premeditação, e percebermos instantaneamente sua beleza, sua essência sagrada, sua realidade. Mas a mente que está a buscar, desejando encontrar, jamais alcançará esse ponto. O amor não é cultivável. O amor, como a humildade, não pode ser formado pela mente. Só o homem vão tenta ser humilde; só o homem orgulhoso procura afastar o seu orgulho mediante o cultivo da humildade. O cultivo da humildade é ainda um ato de vaidade. Para se *escutar*, e, portanto, aprender, necessita-se de uma humildade espontânea; e a mente que compreendeu a natureza da humildade jamais segue, jamais obedece; pois, como pode aquilo que é completamente negativo, vazio, obedecer ou seguir a quem quer que seja?

A mente que, graças à sua própria lucidez, nascida do autoconhecimento, descobriu o que é o amor, pode também perceber a natureza e a estrutura da morte. Se não morremos para o passado, para tudo o que veio de ontem, nossa mente continua presa em suas ânsias, nas sombras de sua memória, em seu condicionamento e, portanto, não há claridade. O morrer para ontem, facilmente, voluntariamente, sem discussão, nem justificação, exige energia. Discussão, justificação e escolha constituem um desperdício de energia, e, por isso, não temos possibilidade de morrer para os dias passados, para que nossa mente se torne vigorosa e nova. Uma vez existente a

claridade do autoconhecimento, o amor, com sua doçura, a acompanha; vem uma humildade de espontânea natureza e, ao mesmo tempo, a libertação do passado por meio da morte. E de tudo isso emana a criação. Criação não é expressão pessoal, não é espalhar tintas sobre um pedaço de tela, nem escrever um volumoso ou modesto livro, nem fazer pão na cozinha, nem gerar filhos. Nada disso é criação. Só há criação ao existir o amor e a morte. A criação só pode vir com o morrer, em cada dia, para todas as coisas, de modo que nunca possa haver acumulação de lembranças, na forma de memória. É bem ver que se necessita acumular certas coisas — vestuário, nossa casa e haveres pessoais — mas não é a esse respeito que estou falando. Refiro-me ao senso interior, da mente, de acumulação e posse, de onde resulta o desejo de domínio, de autoridade, de ajustamento, de obediência; esse é que impede a criação, porque a mente nunca está livre. Só a mente livre sabe o que é a morte e o que é o amor; só para ela há criação. Nesse estado, a mente é religiosa; nesse estado tem existência o Sagrado.

Para mim, a palavra "Sagrado" tem extraordinário significado. Mas vede, por favor, que não quero fazer propaganda desta palavra, não quero convencer-vos de coisa alguma, não quero fazer-vos sentir ou experimentar a realidade por meio desse termo. Não o podeis. Tendes de percorrer sozinho esse caminho, não verbalmente, porém realmente. Tendes de morrer verdadeiramente para tudo o que conheceis — vossas lembranças, vossas tribulações, vossos prazeres. E, quando não houver mais ciúme, nem inveja, nem avidez, nem a tortura do desespero, sabereis então o que é o amor e vos encontrareis com aquilo que pode ser chamado *o Sagrado*. O Sagrado, por conseguinte, é a essência da religião. Como sabeis, um grande rio pode poluir-se quando, em seu curso, atravessa uma cidade, mas, se não for demasiada a poluição poucas milhas além suas águas estão de novo limpas, frescas, puras. De modo idêntico, depois que a mente se encontra com o Sagrado, todo ato seu é então um ato purificador. Com seu próprio movimento a mente está-se tornando *inocente* e, por conseguinte, não está acumulando. A mente que descobriu o Sagrado se acha em constante revolução — *não* revolução econômica ou social, porém uma revolução interior, com a qual se purifica infinitamente. Seu atuar não se baseia em nenhuma idéia ou fórmula. Como o rio, ajudado pelo seu enorme volume de água se pu-

rifica em seu curso, assim se purifica a mente após haver atingido aquele estado religioso do Sagrado.

Dentro de poucos dias realizaremos debates, aos quais podemos dar início nesta manhã. Mas, se vós afirmais e eu afirmo, se vos aferrais à vossa opinião, vosso dogma, vossa experiência, vosso saber, e eu me aferro aos meus, então não poderá haver nenhum debate real, porquanto nenhum de nós dois estará livre para investigar. Debater não significa partilhar com outrem as nossas experiências. Não há partilhar; só há a beleza da verdade, que não pode ser possuída nem por vós nem por mim. Ela é uma presença.

Para se debater inteligentemente, necessita-se não só de afeição, mas também de hesitação, dúvida. Sem a dúvida, não se pode investigar. Investigar significa duvidar, descobrir por vós mesmos, passo a passo; e, quando o fazeis, não precisais então seguir ninguém, não necessitais de pedir correção ou confirmação de nenhum descobrimento feito por vós. Mas, isso exige muita inteligência e sensibilidade.

Dizendo isto, espero não vos ter tirado a vontade de fazer-me perguntas! Estamos aqui conversando como amigos. Não estamos a afirmar dogmaticamente, nem a tentar dominar um ao outro, porém cada um está falando livremente, afavelmente, numa atmosfera de amistosa camaradagem, visando a descobrir. Em tal estado de espírito, fazem-se descobrimentos; mas, quero afiançar-vos que o que descobrimos é de mínima importância. O importante é descobrir e, após o descobrimento, continuar para a frente. É prejudicial quedar-nos com aquilo que descobrimos, porque então a mente fica fechada, parada. Mas se, no instante do descobrimento, morreis para o que descobris, podeis prosseguir vosso curso, qual a corrente, o rio caudaloso.

INTERROGANTE: Estais advogando a liquidação de nosso ambiente interior. Por que o fazeis? Que bem faz isso?

KRISHNAMURTI: Não estou advogando coisa nenhuma. Mas, uma taça só é útil quando vazia. A mente da maioria de nós está anuviada, repléta de coisas — experiências agradáveis e desagradáveis, conhecimentos, padrões ou fórmulas de comportamento, etc. Nunca está vazia. A criação só ocorre quando a mente está de todo vazia. A criação é sempre nova e, por conseguinte, a mente se torna, de contínuo, vigorosa, juvenil, *inocente;* ela nunca repete e, por conseguinte, não cria hábitos.

Não sei se já notastes o que às vezes sucede quando tendes um problema matemático ou psicológico. Pensais nele por muito tempo, lutais com ele como um cachorro com um osso, mas não encontrais a solução. Depois o pondes de lado, vos afastais dele, ides dar um passeio; e, de repente, desse vazio, vem a resposta. Isso já deve ter acontecido a muitos de nós. Ora, como acontece isso? Vossa mente esteve muito ativa, dentro de seus próprios limites, a respeito do problema, porém não encontrastes a solução e o pusestes de lado. Tornou-se ela um tanto quieta, tranqüila, vazia; e, nessa tranqüilidade, nesse vazio, o problema se resolveu. De idêntico modo, quando uma pessoa morre a cada minuto para seu ambiente interior, suas ligações interiores, as lembranças interiores, os íntimos segredos e agonias, há então um vazio, e só nesse vazio algo de novo pode ocorrer. Eu não estou advogando esse vazio, nem fazendo propaganda em seu favor — Deus me livre! Só estou dizendo que, se esse vazio não se tornar existente, continuaremos com o nosso sofrer, nossa ansiedade, nosso desespero — e nossas atividades criarão cada vez mais confusão.

Para fazer nascer um ente humano diferente e, por conseguinte, uma nova sociedade, um mundo diferente, é necessário que cesse o sofrimento porque só com a cessação do sofrimento terá começo a VIDA NOVA.

1.º de agosto de 1965.

Z.C.